

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Renata Colbeich da Silva

**“SOU GUERREIRA, SOU VALENTE, DO PRIMEIRO REGIMENTO,
ENFERMEIRA E COMBATENTE”: NARRATIVAS SOBRE A CABO
TOCO EM CACHOEIRA DO SUL**

Santa Maria, RS
2017

Renata Colbeich da Silva

**“SOU GUERREIRA, SOU VALENTE, DO PRIMEIRO REGIMENTO, ENFERMEIRA
E COMBATENTE”: NARRATIVAS SOBRE A CABO TOCO EM
CACHOEIRA DO SUL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora: Dra. Ceres Karam Brum
Coorientadora: Dra. Suzana Cavalheiro de Jesus

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Renata Colbeich da
"Sou guerreira, sou valente, do primeiro regimento,
enfermeira e combatente": narrativas sobre A Cabo Toco em
Cachoeira do Sul / Renata Colbeich da Silva.- 2017.
132 p.; 30 cm

Orientadora: Ceres Karam Brum
Coorientador: Suzana Cavalheiro de Jesus
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2017

1. Cabo Toco 2. Narrativas 3. Cachoeira do Sul 4.
Memória 5. Agência I. Brum, Ceres Karam II. Jesus, Suzana
Cavalheiro de III. Título.

© 2017

Todos os direitos autorais reservados a Renata Colbeich da Silva. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

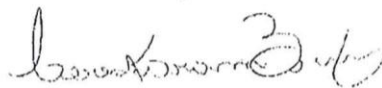
E-mail: renatacolbeich@hotmail.com

Renata Colbeich da Silva

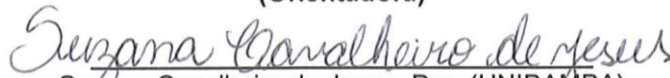
“SOU GUERREIRA, SOU VALENTE, DO PRIMEIRO REGIMENTO, ENFERMEIRA E COMBATENTE”: NARRATIVAS SOBRE A CABO TOCO EM CACHOEIRA DO SUL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

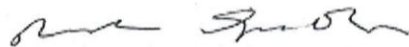
Aprovado em 08 de março de 2017:



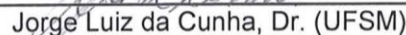
Ceres Karam Brum, Dra. (UFSM)
(Orientadora)



Suzana Cavalheiro de Jesus, Dra. (UNIPAMPA)
(Coorientadora/Presidente)



Ruben George Oliven, Dr. (UFRGS)



Jorge Luiz da Cunha, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

2017

*À Olmira Leal de Oliveira, a Cabo Toco.
(In memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Manifesto aqui meus agradecimentos as pessoas que se doaram enquanto narrativa permitindo a realização deste trabalho. Foram muitas vozes na construção desta etnografia, e a elas, devo, sobretudo, respeito e profunda gratidão.

Agradeço a minha família, a minha mãe Ivone pelas narrativas na infância, ao amor incondicional e apoio sempre, a minha filha Carolina pelo aprendizado cotidiano, por tornar-me uma pessoa melhor e meus dias mais coloridos, e a meu companheiro Cristiano, pelo compartilhamento de alegrias, ideias e desventuras da vida.

Agradeço ao apoio do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM, e da CAPES, através de uma bolsa de mestrado, que possibilitou o financiamento desta pesquisa. Respectivamente, também deixo aqui, meu muito obrigada a todos os professores e professoras do PPGCSOCIAIS.

Agradeço à orientação da Professora Ceres Karam Brum. Que ao longo de quase 7 anos de trabalho em conjunto foi minha professora, amiga, e quando preciso, mãe. Sou grata pela confiança, ensinamentos antropológicos e tantas outras coisas que não cabem nessas páginas de agradecimentos. Agradeço a Suzana, na condição de minha coorientadora, pelo olhar minucioso, pelas palavras de tranquilidade, pela didática ao ensinar antropologia e pelos esforços em me ajudar.

Aos professores que compõem a banca de avaliação deste trabalho, professor Ruben Oliven, professor Jorge Luiz da Cunha e professora Catarina Zanini, agradeço pela generosidade, olhar atento e disponibilidade a colaborarem na construção desta etnografia.

Agradeço as instituições cachoeirenses, como o Museu Municipal de Cachoeira do Sul e Arquivo Histórico Municipal, e respectivamente as pessoas que lá trabalham e pesquisam, tornando possível a manutenção da memória do município de Cachoeira do Sul.

Foram muitos os amigos que me acompanharam neste percurso, e a eles devo agradecer pelas risadas, cervejas, fofocas, ajudas acadêmicas e pedir desculpas por qualquer falha. Muito obrigada, Daniele, Jamile, Luciano, Diessica, William, Flora, Igor, Fernanda, Ana Graziela, Denise, Carolina, Eloês, Raíra, Camille, Juliana, Bolívar e Deivid. Agradeço em especial ao saudoso Eder, in memoriam.

Agradeço aos amigos de Uruguaiana pelo acolhimento, e aos de Cachoeira do Sul, Nangeli e Marcelo Pastel, pela parceria de sempre.

Finalizo, agradecendo a Cabo Toco por sua história de vida.

RESUMO

“SOU GUERREIRA, SOU VALENTE, DO PRIMEIRO REGIMENTO, ENFERMEIRA E COMBATENTE”: NARRATIVAS SOBRE A CABO TOCO EM CACHOEIRA DO SUL

AUTOR: Renata Colbeich da Silva
ORIENTADORA: Ceres Karam Brum
COORIENTADORA: Suzana Cavalheiro de Jesus

Nascida em 18 de junho de 1902 em Caçapava do Sul – RS (Brasil), Olmira Leal de Oliveira, popularmente conhecida como Cabo Toco, foi a primeira mulher gaúcha a ostentar a farda da Brigada Militar, quando Borges de Medeiros lutava pela legitimidade de sua reeleição ao governo do estado do Rio Grande do Sul. Recrutada aos 21 anos de idade, para servir como enfermeira voluntária, tornou-se combatente no ataque armado a suas tropas no Passo das Pitangueiras (Caçapava do Sul), no ano de 1924, onde salvou o Comandante João Vargas de Souza. Após ser conhecida na cidade de Cachoeira do Sul, onde residia, no ano de 1987, aos 85 anos de idade, pelo primeiro lugar no festival de música nativista “Vigília do Canto Gaúcho”, com a canção “Cabo Toco”, composição de Nilo Brum e Heleno Gimenez, Dona Olmira passou a protagonizar modos de narrativas, ilustrando páginas de jornais em diversas cidades do estado, participando de seminários sobre a revolução, despertando interesse nas pessoas em conhecer sua história. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi de compreender a forma como são produzidas as narrativas de Cabo Toco e como circulam estas memórias na cidade de Cachoeira do Sul. Através de uma construção etnográfica, foi possível identificar arquivos, compostos por documentos jornalísticos sobre Cabo Toco, e narrativas orais, formuladas por uma rede de narradoras mulheres, unidas por profissões em comum, professoras ou enfermeiras, ligadas a Cabo Toco por diferentes vivências. Pelos documentos constatou-se a lembrança de Cabo Toco pelo esquecimento, pela velhice e condições precárias que se encontrava naquele momento da vida. Pelas falas das interlocutoras, a construção de uma agência diante de uma experiência de vida a ser seguida, remetida ao empoderamento feminino, reciprocidades e aprendizados sobre a vida, nas quais retratam não só Cabo Toco, mas também, autobiografias e memórias de quem narra. Diante disto, esta dissertação procura mostrar o percurso da articulação do reconhecimento de Dona Olmira enquanto heroína, partindo do local onde viveu seus últimos anos de vida e compartilhou diferentes experiências, que se transpõem na forma de narrativas.

Palavras-chave: Cabo Toco. Narrativas. Cachoeira do Sul. Memória. Agência.

RESUMEN

“SOY GUERRERA, SOY VALIENTE, DEL PRIMER REGIMIENTO, ENFERMERA Y COMBATIENTE”: NARRATIVAS ACERCA DE CABO TOCO EN CACHOEIRA DO SUL

AUTOR: RENATA COLBEICH DA SILVA
ORIENTADORA: CERES KARAM BRUM
COORDINADORA: SUZANA CAVALHEIRO DE JESUS

Nacida en 18 de junio de 1902 en Caçapava do Sul – RS (Brasil), Olmira Leal de Oliveira, popularmente conocida por Cabo Toco, fue la primera mujer de Rio Grande do Sul a sostener el uniforme de la Brigada Militar, cuando Borges de Medeiros luchaba por la legitimidad de su reelección al gobierno de ese departamento. Reclutada a los 21 años de edad para que trabajara como enfermera voluntaria, se convirtió en combatiente en el ataque armado a las tropas de las que formaba parte en Passo das Pitangueiras (Caçapava do Sul), el año de 1924, en el que salvó a su comandante, João Vargas de Souza. Tras conocerse en la ciudad de Cachoeira do Sul, en la que residía, en el año de 1987, a los 85 años de edad, por el primer lugar en el festival de canciones nativistas “Vigília do Canto Gaúcho” con la canción “Cabo Toco”, compuesta por Nilo Brum y Heleno Gimenez, Dueña Olmira pasó a protagonizar modos de narrativas al ilustrar páginas de periódicos en diversas ciudades del departamento, participar de seminarios acerca de la revolución, despertando interés de las personas que empezaron a buscar su historia. En este sentido, el objetivo de esta investigación ha sido comprender cómo se producen las narrativas de Cabo Toco y cómo circulan estas memorias en la ciudad de Cachoeira do Sul. Por medio de una construcción etnográfica, fue posible identificar archivos, compuestos de documentos periodísticos acerca de Cabo Toco, y narrativas orales, elaboradas por una red de narradoras mujeres, unidas por profesiones en común, profesoras o enfermeras, que se acercaron a Cabo Toco por diferentes vivencias. Por los documentos, se constató el recuerdo de Cabo Toco por medio del olvido, por la vejez y por las condiciones precarias en las que se encontraba en aquel momento de su vida. Por el habla de las interlocutoras, hay la construcción de una agencia frente una experiencia de vida a seguirse, que se remite al empoderamiento de la mujer, reciprocidades y aprendizajes sobre la vida, en las cuales se retratan no solo a Cabo Toco, sino también, autobiografías y recuerdos de quién lo narra. Frente a eso, esta tesis de maestría busca enseñar el trayecto de la articulación del reconocimiento de Dueña Olmira como heroína, a partir del rincón donde vivió sus últimos años de vida y compartió distintas experiencias que se trasponen en forma de narrativas.

Palabras-chave: Cabo Toco. Narrativas. Cachoeira do Sul. Recuerdo. Agencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrada no pátio do Museu Municipal de Cachoeira do Sul.....	33
Figura 2 – Quadro de 1ª Comunhão de Cabo Toco do ano de 1954	34
Figura 3 – Enunciado do Caderno Especial Cabo Toco – Saias nas Trincheiras de 23 – Zero Hora 17 de maio de 1987	36
Figura 4 – Reportagem “O nome dela é Toco”	48
Figura 5 – Tumulo de Cabo Toco e esposo em Caçapava do Sul.....	50
Figura 6 – Lapide de Cabo Toco – Cemitério Municipal de Caçapava do Sul	51
Figura 7 – A hipocrisia cachoeirense de 26 de fevereiro de 1988	54
Figura 8 – Charge “A Heroína” de 7 de setembro de 1999	57
Figura 9 – Fatima Gimenez canta “Cabo Toco”	59
Figura 10 – Cabo Toco e Fátima Gimenez na 5ª Vigília do Canto Gaúcho	60
Figura 11 – Quadro da Sagrada Família pertencente a Cabo Toco	67
Figura 12 – Fogareiro de esterilização	68
Figura 13 – Presente de Cabo Toco a uma amiga	69
Figura 14 – Cabo Toco em sua casa no Bairro Ponche Verde.....	78
Figura 15 – Representação da relação de Cabo Toco com as crianças no curta metragem “Histórias extraordinárias RBSTV: Cabo Toco”	82
Figura 16 – Oração de São Braz, ensinamento de Cabo Toco a uma interlocutora .	89
Figura 17 – Olmira Leal de Oliveira para a reportagem de Celia Maria Maciel.	97
Figura 18 – O caderno de Vilma.....	100
Figura 19 – Cabo toco e Vilma Zanini	101
Figura 20 – Cabo Toco da escola Angelina.....	109
Figura 21 – Apresentação semana farroupilha escola Angelina. Da esquerda para a direita, a representação de Cabo Toco, Lanceiros Negros, Bibiana Terra, Giuseppe Garibaldi, Bento Gonçalves e Anita Garibaldi	111
Figura 22 – Theana, a Cabo Toco do Colégio Marista Roque	112
Figura 23 – Cabo Toco em "Saias nas Trincheiras"	115

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	17
1	A ETNOGRAFIA SOBRE CABO TOCO: PESQUISANDO NARRATIVAS E SUAS POSSIBILIDADES TEORICO-METODOLÓGICAS	25
1.1	ENTRE NARRATIVAS, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA	26
1.2	ETNOGRAFANDO ARQUIVOS: A NOTÍCIA ENQUANTO MEMÓRIA E NARRATIVA.....	30
1.3	A ORALIDADE E A TRADIÇÃO DO CONTAR: CARACTERIZANDO AQUELES QUE ENSINAM E APRENDEM CABO TOCO	37
2	ME CHAMAM DE CABO TOCO	45
2.1	A NARRATIVA DE VIDA: O MITO CABO TOCO.....	45
2.2	O MITO E A ESTRUTURA	53
2.3	O RITO, A VIGÍLIA, O DIA DA MULHER.....	58
2.4	MULHERES QUE CONTAM, RECONHECEM E REVERTEM	62
2.4.1	Dádiva dos objetos	66
3	DONA OLMIRA ENTRE O SAGRADO E PROFANO	73
3.1	APRENDER PELA MEMÓRIA, PELO FOLCLORE E PELA RELIGIÃO	73
3.2	A CONSTRUÇÃO DE PESSOAS: NARRATIVAS PELO FOLCLORE E RELIGIÃO	80
3.2.1	Quando a linha atinge Gumercindo	83
3.3	A INTERFACE DA NARRATIVA RELIGIOSA.....	87
4	POR ELAS, POR TOCO	93
4.1	AGÊNCIAS FEMININAS NAS EXPERIÊNCIAS DE CONSTRUIR CABO TOCO.....	94
4.2	A VOZ DE VILMA ZANINI	99
4.3	QUANDO FABIANE WILHELN LEVA CABO TOCO A ESCOLA.....	105
4.4	“TU PRECISA FALAR COM A MIRIAN”	114
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	127

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Olmira de Oliveira Leal, popularmente conhecida como Cabo Toco, foi a primeira mulher gaúcha a ostentar farda militar no estado do Rio Grande do Sul, participando dos confrontos armados nos anos de 1923, 1924 e 1926, que demarcaram o período histórico de maragatos *versus* chimangos. Os confrontos iniciaram-se pela tentativa de legitimar a eleição de Borges de Medeiros ao governo do estado do Rio Grande do Sul, o chimango Borges entraria no 5º mandato. Apesar da reeleição continuada ser garantida por lei, seu opositor de urnas Assis Brasil, acusaria fraude na contagem dos votos. O confronto estaria iniciado.

Dona Olmira ficou conhecida como Cabo Toco¹, devido os seus feitos de guerra e a baixa estatura, como combatente e enfermeira do 1.º Regimento de Cavalaria, hoje 1.º Regimento de Polícia Montada, sediado em Santa Maria e só deixou a Brigada Militar no ano de 1932. Teve seu protagonismo na Brigada Militar alistando-se aos 21 anos como enfermeira voluntária e tornando-se combatente no ataque armado a suas tropas, no confronto do Passo das Pitangueiras (Caçapava do Sul) no ano de 1924, onde salvou o Comandante João Vargas de Souza, intendente de Caçapava do Sul. No ano do salvamento, realistou-se como Cabo Olmiro, infiltrando-se como espiã nas tropas de Comandante José Antônio Netto, conhecido como General Zeca Netto, que foi um dos líderes maragato da Revolução.

Segundo a exposição “Mulheres” (23/09/2013), do Museu Municipal de Cachoeira do Sul, Cabo Toco ficou conhecida em 1987, ainda em vida pela música “Cabo Toco”, letra e composição de Nilo Brum e Heleno Gimenez, interpretada pela cantora Fatima Gimenez, que ganhou o primeiro lugar na V Vigília do Canto Gaúcho²:

¹ Toco é um adjetivo usado no Rio Grande do Sul para designar pessoa pequena, de baixa estatura, é uma alusão a um pedaço pequeno de madeira de formato cilíndrico.

² A Vigília do Canto Gaúcho é um festival de música nativista, considerado como um dos eventos culturais mais importantes da região central do Rio Grande do Sul. Nasceu no Ano de 1982 em Cachoeira do Sul, sendo responsável, no decorrer das 24 edições, pelo lançamento de vários grupos musicais, cantores individuais, letristas e musicistas, bem como fomento à cultura musical do Estado além de garantir atenção permanente da comunidade cultural do Estado e do público em geral.

Cabo Toco

(Interprete: Fátima Gimenez / Composição: Heleno Gimenez e Nilo Brum)

*Foi no lombo de um cavalo que descobri horizontes
Em vez de vestir bonecas andei gritando repontes
Entrei de frente na história e acredite quem quiser
Em vinte e três fui soldado sem deixar de ser mulher
Em vinte e três fui soldado sem deixar de ser mulher
(Me chamam de Cabo Toco
Sou guerreira, sou valente
Do Primeiro Regimento
Enfermeira e combatente
Me chamam de Cabo Toco
Só não sabe quem não quer
/Debaixo do talabarte
Há um coração de mulher/)
Lutei contra Honório Lemes na serra do Caverá
Na ponte do Alegrete meu fuzil estava lá
Enfrentei o Zeca Neto sem temor da "colorada"
Anita sem Garibaldi, já nasci emancipada
Anita sem Garibaldi, já nasci emancipada
(Me chamam de Cabo Toco
Sou guerreira, sou valente
Do Primeiro Regimento
Enfermeira e combatente
Me chamam de Cabo Toco
Só não sabe quem não quer
/Debaixo do talabarte
Há um coração de mulher/)
A velhice me encontrou com a miséria na soleira
A ver a vida por frestas num subúrbio de cachoeira
Digo aos curiosos que trazem ajudas interessadas
Que não quero caridade quero justiça e mais nada
Que não quero caridade quero justiça e mais nada*

Através da música e seu prêmio, Cabo Toco, passou receber pensão vitalícia especial, correspondente ao cargo de 2.º sargento da Brigada Militar, concedida pelo Governo do Estado. Cabo Toco ainda foi homenageada como patronesse da primeira turma de Policiais Militares Feminina do estado do Rio Grande do Sul³.

O contexto particular que me levou ao interesse de pesquisar Cabo Toco, surgiu da própria figura de Cabo Toco ao encontrar-se com a história de pessoas próximas a mim. Nasci na cidade de Cachoeira do Sul- RS, mesma cidade que Cabo Toco foi residir após a morte de seu companheiro, Antônio Martins da Silva em 1954. Em determinado momento de sua vida, nos anos 80, Cabo Toco foi morar na mesma rua da casa de minha família, na quadra vizinha, no Asilo Nossa Senhora Medianeira. A nova morada de Cabo Toco a permitia estabelecer uma linha de seus

³ Ainda pelas informações do Museu Municipal de Cachoeira do Sul Cabo Toco também virou nome de ruas pelo estado, na cidade de Ijuí-RS, assim como no ano de 1996 em Cachoeira do Sul no bairro Fátima, porém só há registro oficial da Rua Olmira Oliveira em Caçapava do Sul-RS, que não é citada pelo Museu.

interesses cotidianos: o asilo onde morava; a policlínica onde consultava-se com médicos devidos as heranças de guerra e enfermidades da velhice; e a igreja, local onde costumava ir todos os domingos.

Estes locais eram próximo da casa de meus avós paternos, eles frequentavam a mesma igreja, e minha mãe trabalhava como secretária na policlínica, onde conheceu Cabo Toco no ano de 1988, quando a mesma foi consultar com um dos médicos que trabalhavam na especialidade de ginecologia. Ofereceu-lhe um café, e sem saber de quem se tratava, Cabo Toco deu-lhe em troca um pouco de sua história e memórias de guerra. Tornaram-se amigas. Cresci ouvindo as histórias de Cabo Toco, às vezes chegava a pensar que ela e minha mãe eram a mesma pessoa. Tive um aprendizado sobre as adversidades cotidianas diante dos exemplos narrados, adquiri o costume de escutar, como se aquelas particularidades fossem protótipos para uma vida.

Pensar nas narrativas sobre Cabo Toco, sob um viés antropológico emergiu, com a oportunidade de cursar a disciplina de Antropologia da Educação ministrada pela professora Ceres Karam Brum, dentro do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Federal de Santa Maria. As narrativas contadas por minha mãe, tratavam de uma mulher que lutou a favor de seus ideais nas revoluções de 1923, 1924 e 1926 no Rio Grande do Sul, e mesclavam valores de bravura, heroísmo e sofrimento, que ganhavam formas antropológicas passíveis de compreensão pelo viés José Murilo de Carvalho⁴. O texto de José Murilo de Carvalho intitulado "Nação imaginária: memórias, mitos e heróis" examina como enxergamos a nossa nação, como construímos a noção de nação nacional". O autor afirma que construímos uma identidade através de uma coesão de um complexo de elementos, convergentes e divergentes, e uma grande quantidade de "esquecimentos" na história para uma reescrita da mesma. E essa reescrita mais "adequada" da história "geralmente envolve a criação de memórias e heróis nacionais, símbolos, mitos e ritual" (p. 398). Todos esses simbolismos seriam instrumentos poderosos na construção de uma imagem e de um modelo a ser seguido em conjunto. Tudo isso "ajuda as nações a desenvolver uma unidade de sentimentos e de propósitos, a organizar o passado, a tornar o presente inteligível e a encarar o futuro" (p.398). Mito e heroísmo estão dentro desta discussão, assim, José Murilo de Carvalho, fala de líderes que

⁴ CARVALHO, José Murilo. Nação imaginária: memória, mitos e heróis. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A Crise do Estado Nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

construíram o território nacional através de grandes guerras ou disputas políticas, e como consequências dessas várias rebeliões, seus líderes conseguiram status de heróis regionais.

No caderno especial do jornal Zero Hora⁵ de 17 de maio de 1987, intitulado “A história de Cabo Toco – Saias nas Trincheiras”, revela uma realidade persistente 30 anos após a edição:

Os livros de história que falam da revolução de 1923 contam que Borges de Medeiros dominou a política no Rio Grande do Sul, de 1898 até aquele ano, à frente do Partido Republicano Rio-grandense. Em oposição ao PRR, atuava o Partido Libertador, que representava a oligarquia da fronteira e tinha Assis Brasil como líder. Em 1923, quando Borges de Medeiros foi reeleito mais uma vez para governador o Estado, os libertadores de Assis Brasil acusaram o resultado fraudulento. E, em seguida, partiram para a luta com o objetivo de tirar Borges de Medeiros do poder. Na luta, que durou todo o ano de 23, os alistados de Borges de Medeiros eram chamados de Chimangos e os Assis Brasil de Maragatos. Os livros não mencionam, porém, a presença de uma mulher que lutou ao lado dos chimangos com a mesma valentia dos demais soldados. Olmira Leal de Oliveira, então com 21 anos de idade, saiu de Caçapava do Sul onde morava com a mãe e uma irmã, e seguiu com a corporação da brigada militar para defender Borges de Medeiros. De início, trabalharia somente como enfermeira. Mas apaixonada por “queimar cartucho⁶”, entrou também para os combates. Encerrado o movimento de 23, que culminou o Pacto das Pedras Altas – pelo qual Borges de Medeiros foi confirmado no governo, mas se comprometeu a não mais buscar reeleição – Olmira seguiu lutando nos dois outros movimentos revolucionários que vieram depois – o de 1924 e o de 1926, ambos contra o regime da República Velha. Graduada ao posto de Cabo, atendia pelo nome de “Cabo Toco”. Essa mulher, que desafiou os padrões femininos de sua mocidade e que foi a pioneira dentro da Brigada Militar, hoje está com 85 anos e vive em Cachoeira do Sul. Esquecida há anos e vivendo na miséria, sua história está sendo resgatada agora, depois que uma música sobre seus feitos foi classificada em primeiro lugar na V Vigília do Canto Gaúcho.

Este fragmento, retirado do Caderno Especial do Jornal Zero Hora “A História de Cabo Toco: Saias nas Trincheiras”, trata-se de um trecho ilustrativo, no qual acaba justificando e dando margem para os feitos e efeitos das narrativas sobre Cabo Toco, como sua ausência nos livros e meio acadêmico.

As últimas dissertações de mestrado sob o tema “Policiais Femininas no Rio Grande do Sul”, defendidas no Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sequer citam o nome Olmira Leal Oliveira. Estes trabalhos, apesar de outro viés acadêmico, diferentes da

⁵Zero Hora é um dos maiores *jornais* de circulação diária do Brasil. É editado em Porto Alegre e controlado pelo Grupo RBS.

⁶A expressão verbal “queimar cartucho” é um termo êmico que designa o manuseio de armas de fogo.

antropologia, historicizam a polícia feminina no estado, mas invisibilizam a participação de Cabo Toco. A lembrança de sua história não aconteceu, reforçando o papel do esquecimento para a construção memorial e sua utilidade.

A importância da realização desta pesquisa fez-se presente, diante da necessidade de considerar Cabo Toco parte das narrativas em circulação no Rio Grande do Sul e as possíveis significações debruçadas sobre sua participação em Revoluções. Neste sentido, o presente estudo trata-se de uma etnografia sobre pessoas, oralidades e significações sobre Cabo Toco, de modo a pensar antropologicamente nas narrativas em circulação sobre Cabo Toco na cidade de Cachoeira do Sul, local onde viveu os últimos anos de sua vida e compartilhou tanto a experiência do esquecimento, quanto suas esperanças de reconhecimento. Estabeleceu-se o município de Cachoeira do Sul como recorte espacial de origem da produção de oralidades, memórias e tradições, pensando nas possíveis particularidades compartilhadas pela população diante da representação de Cabo Toco, considerando a gênese do heroísmo pelo local de morte.

O interesse de pesquisa, portanto, está nas narrativas e no sentido de pensar a cultura e a carga simbólica de práticas sociais cunhadas sobre elas, na tentativa de compreender padrões que se projetam no imaginário social vigente, dados pelos acontecimentos do passado projetado nos agentes do futuro. A história não é simplesmente algo que acontece às pessoas, mas algo que elas fazem (ORTNER, 2007), seja na realidade ou em seu imaginário, produzindo e reproduzindo costumes no cotidiano, valendo-se da necessidade de pensar nas falas populares que caracterizam lugares e transpõem tradições.

O recurso metodológico usado foi da etnografia em seu caráter multisituado (MARCUS, 1995), de modo a conceber o conhecimento sobre as narrativas produzidas sobre a primeira mulher gaúcha envolvida em um confronto militar diretamente, e suas elaborações orais que se unem ao imaginário mitológico em comum no Rio Grande do Sul do gaúcho herói (NETO, 2009), pensando na imagem feminina dos anos 20 e impacto de sua participação em uma revolução armada.

Assumo, assim, como interrogativa de pesquisa a maneira como as narrativas sobre Cabo Toco são produzidas em Cachoeira do Sul, desde os anos 80, década

em que Cabo Toco passou a protagonizar as páginas do Jornal do Povo⁷ de Cachoeira do Sul até o ano de 2017. Foi pretendido saber a maneira como Cabo Toco é representada, seja na forma de documentação escrita pela técnica de etnografia em arquivos, e na configuração de oralidades, pelo recurso de análise de falas etnográficas, verificando as possíveis relações entre os mesmos e sua significação, compreendendo as questões do heroísmo no estado do Rio Grande do Sul e as possibilidades de pensar-se Cabo Toco enquanto tal. Ainda é objetivo compreender a presença do feminino ao fenômeno da guerra na transição do ser enfermeira ao combatente.

Os capítulos a seguir abordam o percurso etnográfico circunscrito em torno da concepção narrativa da história, do mito e das representações de Cabo Toco. Eles ilustram os caminhos de Cabo Toco, desde seus interesses pela guerra até o processo de tornar-se um aprendizado de agência feminina e escolar. O primeiro capítulo tange metodologicamente a pesquisa de campo em si, e as considerações sobre a articulação sobre o estudar Cabo Toco pelo viés antropológico, o texto pretende tratar de como os grupos constituem-se ao formularem comunidades narrativas ao contar sobre Cabo Toco, sejam elas orais ou escritas. No capítulo, pontua-se as relações de inserção em campo, indagações epistemológicas sobre as técnicas de pesquisa, a composição das dimensões sobre a etnografia documental e sua relação estrita entre antropologia, memória, história e narrativas.

No segundo capítulo, são tratadas as relações das narrativas que se formulam como a história de vida de Cabo Toco, e como a partir destas criou-se uma lembrança sobre seu passado e como o mesmo foi significado. A abordagem gira em torno de como as narrativas de vida tronam-se mito, e sobre os acontecimentos que contribuíram para a formação de tal noção, através do percurso do reconhecimento. O capítulo ainda discute sobre a relação de rito e ritual nos moldes de cultuar e comemorar a participação de Cabo Toco numa revolução armada.

Na sequência, o terceiro capítulo discute as relações sobre religiosidade e a narrativa sobre Cabo Toco, sua relação com o folclore do Rio Grande do Sul. O

⁷ Jornal do Povo é o principal veículo de comunicação do município brasileiro de Cachoeira do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, cobrindo também o noticiário dos municípios de Novo Cabrais, Cerro Branco, Paraíso do Sul, Restinga Seca e Agudo. Fundado em 29 de junho de 1929, é o órgão de imprensa de maior longevidade da Região Central do Rio Grande do Sul, com quase 80 anos de circulação ininterrupta. Conhecido também por sua sigla, JP, o jornal é o líder em publicação do Grupo Vieira da Cunha, com uma circulação média de oito mil exemplares e com um público leitor que atinge 86% da população da cidade.

capítulo apresenta os ensinamentos de Cabo Toco sobre medicina caseira, plantas e seu uso medicinal e benzeduras⁸, sobre a importância de repassar a cura e o sentimento de fé. A abordagem usada conduz-se no caráter do mito, narrativas e folclore em suas conjunturas entre o sagrado e profano.

Por fim, o quarto capítulo, trata o papel dos intelectuais para a construção das narrativas sobre Cabo Toco e suas agências em Cachoeira do Sul. O capítulo é marcado pela narrativa de Vilma Zanini, Fabiane Wilhelrn e Mirian Ritzel sobre Cabo Toco, que trazem consigo a história sobre Dona Olmira e o percurso do prestígio trilhado desde os primeiros seminários organizados pelo Museu Municipal. O texto ainda atinge a chegada de Cabo Toco na escola e suas múltiplas faces do aprendizado sobre Cabo Toco e suas narrativas em circulação.

⁸ Benzedura é uma forma de medicina caseira usada para curar males físicos e psíquicos causados tanto por mau-olhado, tanto por adversidades da vida.

1 A ETNOGRAFIA SOBRE CABO TOCO: PESQUISANDO NARRATIVAS E SUAS POSSIBILIDADES TEORICO-METODOLÓGICAS.

Cabo Toco havia falecido a cerca 25 anos, e eu, que nasci algum tempo após sua morte, perguntava-me como proceder uma pesquisa antropológica que pudesse dar conta de perceber sua representação em uma cidade que já não residia há algum tempo, e como poderia construir uma etnografia nestas condições. Estava propondo uma etnografia que desafiava a mim mesma enquanto pesquisadora e minhas limitação de tempo e formação. Eu tinha dois anos corridos de mestrado e minha preocupação maior estava na administração do tempo e das bibliografias que deveria ler para que pudesse aprofundar-me no assunto.

Etnografar as questões em torno das narrativas sobre Cabo Toco desempenharam-se como um grande desafio. As obras que havia estudado, colocavam narrativas enquanto protagonista de estudos antropológicos, mas não davam margem para o entendimento de como etnografá-las. Era preciso construir uma etnografia que desse conta das narrativas, das pessoas que narravam, dos lugares em que narravam e o porquê os descreviam. Teoricamente, por um lado, acreditava nos clássicos como Levi-Strauss, e de outro, estranhava a pretensão de textos como os de Edmund Leach. Estava confusa e precisa pensar em narrativas, em mito e no que Cabo Toco significava para as pessoas. Também preocupava-me metodologicamente com o papel da observação participante e do estranhamento em campo.

Neste sentido, o presente capítulo traz a caminhada inicial para a construção de uma possível etnografia de narrativas sobre Cabo Toco, orais e escritas que se articulassem em direção entre antropologia, memória, história e mito. Dando conta de entender como se constroem comunidades narrativas ao contar sobre Cabo Toco e seus laços e motivações pelo narrar. A necessidade do uso de diferentes técnicas e concepções daquilo que seria uma narrativa, diante da representação de Cabo Toco, foram necessárias para compor o trabalho de campo, elaborando seu caráter multisituado.

Em seu âmbito, escrito e/ou oral, as técnicas de pesquisa utilizadas dentro da construção etnográfica sobre Cabo Toco, foram desde a etnografia em arquivos, considerando documentos como fonte etnográfica, até as narrativas orais que mesclavam a vida de Olmira com a de quem narrava. Início essa dissertação pelo

diálogo entre antropologia e história, justamente pela referência que fazem aos mitos, discussão que dá margem a pensar na importância do narrar sobre Cabo Toco e sobre a condução da formação de grupos, a partir das possíveis significações e relações a narrativa de vida sobre Cabo Toco.

1.1 ENTRE NARRATIVAS, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA

O particularismo histórico, em sua gênese, através da tradição da escola Boasiana, permitiu a antropologia pensar e a olhar para a construção histórica particular de cada sociedade. A herança de Franz Boas (1859-1942), deu margem a ideia de cultura como plural, em suas especificidades locais e históricas, reconhecendo os grupos humanos por suas particularidades, contrapondo-se ao evolucionismo que dominava a antropologia na primeira metade do século XX. A partir de Boas, passou-se a reconhecer que cada cultura tem uma história particular e sua difusão processa-se em várias direções (CASTRO, 2006).

Com o passar dos anos, novas escolas antropológicas surgiram, e a concepção de cultura gradualmente reformulando-se. O termo história foi substituído por questões de simbólicas que permeavam a vida em comunidade para além dos particularismos que se designavam ao longo do tempo. A antropologia estrutural cunhada por Lévi-Strauss, foi o grande marco do assumir a tendência não histórica da disciplina.

As noções antropológicas de Lévi-Strauss (1975) mostraram que o pensamento humano seria composto por uma categoria universal, organizada em estruturas semelhantes que realizariam uma mesma função, derivando sentimentos reais que definem seu objetivo. O objetivo deste pensamento estaria na passagem de um estado de natureza para o de cultura, que revelaria o papel das narrativas mitológicas e seu caráter de ilustrar transformações. A cultura se justificaria pela experiência do real, narrada de maneira mítica.

Neste esquema, os elementos a serem compreendidos no significado dos mitos, estariam em seu caráter de oposição, que correspondem a formas variadas de relações, que ressaltariam a maneira de lidar com as transformações de natureza para cultura. A oposição leva a crer que tudo pode acontecer em uma versão do mito, e que as sucessões dos eventos nele relatado não correspondem a nenhuma

regra lógica, porém persistindo categorias universais, como se fossem um esqueleto.

O mito em Lévi-Strauss define-se dentro de uma estrutura do “há muito tempo”, ou ainda do “antes”, fazendo referência a tempos passados, mas não necessariamente a história, desta maneira mantendo-se atrelado ao presente, agregando elementos e ainda numa perspectiva de futuro. O mito pode repetir-se, mudando apenas as personagens conforme a cultura que cada povo moldou para si (LÉVI-STRAUSS, 1975).

Mito em Lévi-Strauss, configura-se como um importante questionamento para o entendimento sobre as narrativas de Cabo Toco. Explico esta elaboração inicial, na tentativa de esboçar as primeiras perguntas feitas no início do trabalho de campo. Ao perguntar como as narrativas de Cabo Toco seriam proferidas, era necessário delimitar o tipo de narrativa que se pretendia trabalhar, se consistiam aquelas que consideravam formulações históricas ou apenas mitológicas.

Compreendo que as narrativas, contadas sobre Cabo Toco, podem ser entendidas pela expressão oral e/ou escrita, fictícia ou real, do discurso humano que permeiam o cotidiano como um evento de contar, sobre algo ou alguém que mantem ou transformam determinado *status quo* dos grupos (BRUM, 2006). Assim, considerar a narrativa de Cabo Toco enquanto mito, parte do pressuposto que suas narrativas estão cunhadas no discurso do heroísmo, no qual, se torna elemento fundamental para o entendimento do processo de etnicidade do Rio Grande do Sul, do passado que se produziu e a identidade cunhada sobre ele (NETO, 2009).

De outro modo, levando em consideração a história enquanto norteadora dos grupos e de narrativas, e ainda, como Sherry Ortner (2007) sugere, a narrativa sendo construída pelas pessoas, o contexto mitológico em suas variações antropológicas, consideram a história enquanto formadora das significações. São contribuições teóricas para além de Lévi-Strauss, como as de Augé (1994), que discorre sobre a mitificação da história situando-a como produção simbólica dos grupos que a vivenciam. Onde o poder do mito, está relacionado ao sentido conferido à história nas relações que estabelece através de sua transposição e memória prescritiva da sanção social (CAPRETTINI, 1987).

O mito em si, é uma narrativa que faz reviver uma realidade primeira, ou primitiva, satisfazendo profundas necessidades, exprimindo, enaltecendo e codificando a crença, garantindo a eficácia ritualística, oferecendo regras práticas

para a orientação da conduta humana (MALINOWSKI, 1988). Dentro da antropologia histórica, o mito propõem-se a pensar as relações mais próximas sobre a ação e experiência dos indivíduos dentro de determinada cultura. Já as narrativas mitológicas, tratam-se da concretização oral de pensamentos que integram os aspectos qualitativos da realidade (ROSA, 2008). A luz de Geertz (1978), narrativas são uma expressão simbólica que fornece um modelo “de” e “para” o mundo (LANGDON, 1997), deste modo, a análise das mesmas torna-se indispensável para compreender como expressões simbólicas organizam e transmitem experiências, sejam elas, reais, ouvidas ou imaginadas (HARTMMAN, 2008, p. 62).

Para poder etnografar contextos narrativos mitológicos referentes a representação de Cabo Toco, o entendimento sobre o diálogo entre antropologia e história se fazem imprescindíveis pela própria emergência da reflexão sobre os processos técnicos e ramificação do fazer etnográfico, repensando o poder relacionado entre cultura e ideias, reavaliando conceitos de incorporação e resistência (WILLFORD; TAGLIACOZZO, 2009). Considerar, portanto, a dimensão histórica, dentro da antropologia diante da concepção dos mitos, é pensar em atores de pesquisa, em sua competência de ação, evocando o papel da aptidão compreensiva, capacidade de informar e compreender, explicando acontecimentos não só pelas relações estruturadas universalmente, mas também pela capacidade humana de agir.

Durante a construção etnográfica, foi necessário considerar às duas tendências, históricas e não históricas, do caráter do mito em antropologia. Levando em consideração relações estruturadas e que envolvem a agência das pessoas para a mudança dessas estruturas. Nenhuma possibilidade deve ser excluída quando se trata de pensar seres humanos e o meio no qual estão inseridos.

Dentro das conjunturas apresentadas, para identificação dos tipos de narrativas produzidas, o trabalho de campo, elaborado pela construção etnográfica de narrativas sobre Cabo Toco, perpassou por distintas técnicas de pesquisa que pudessem dar conta de diferentes modelos antropológicos e percepções sobre o movimento cultural de cada época e de cada grupo e contexto narrativo sobre Dona Olmira. Tanto a narrativa mitológica, quanto a sua mitificação elaborada pela história, podem estar numa fala, numa expressão corporal, num pedaço de papel. A narrativa pode reforçar discurso de tradições ou desconstruí-los, intensificando a dimensão do escrito e falado em sua intencionalidade de transformações.

No exercício etnográfico, foi necessário colocar-se no lugar de quem fala e escreve, compreendendo contextos, num exercício de alteridade. Viajando num tempo imaginado do arquivo, entendendo a identidade de quem o registrou e os motivos que levaram a escrita. Pelas oralidades, escutar a construção das narrativas, é possível “olhar” para o que se fala, em suas performances, gestos e intensões de memória.

Os passos iniciais etnográficos desta dissertação iniciaram-se no primeiro semestre letivo de 2015, com a coleta de arquivos na *internet*, que poderiam fazer alguma referência a Cabo Toco, através desta busca cheguei aos meus primeiros documentos e notícias. Eram arquivos de notícias jornalísticas das cidades de Cachoeira do Sul, Ijuí, Bagé e Esteio, todas cidades do estado Rio Grande do Sul, a exemplo de Cachoeira do Sul, com o Jornal do Povo de que desde os anos 80 traz reportagens fazendo referência a Cabo Toco. Neste jornal coletei cerca de 50 reportagens, ademais, a documentação reunida somou-se as reportagens jornais e revistas que foram emprestados por diferentes pessoas e entidades de Cachoeira do Sul, datados nos anos 80 até o ano de 2017, tendo o maior número de matérias jornalísticas concentradas em 1987, ano da V Vigília do Canto Gaúcho.

Com o auxílio de um diário de campo, passei a anotar tudo que acontecia durante o processo de aquisição de dados, tanto nas entrevistas quanto na etnografia de arquivos. Da mesma forma que Cardoso de Oliveira (2000) propõe o trabalho de campo e sua direção pelo olhar, pelo ouvir e pelo escrever, dispus-me a olhar para os arquivos disponíveis como para quem se olha o discurso de uma comunidade e seus hábitos, ouvir os interlocutores de pesquisa percebendo seus sentimentos e ações nas significações da fala, escrevi o diário de campo pelas vozes ecoadas na pesquisa, construindo a cada fala a etnografia. Selecionei, minhas memórias ao longo da pesquisa, num exercício de ouvir-me e olhar-me, no sentido de tornar minha própria subjetividade, objetiva, num processo de construção da perspectiva antropológica e da experiência do campo.

Ao longo da pesquisa, compreendi o processo sensorial do “Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano” (INGOLD, 2008), como essência deste trabalho. Percebendo os sentidos da audição e da visão que me acompanharam em todo o campo e sua linguagem de expressão na tentativa de compreensão de como as pessoas percebiam o mundo a sua volta (INGOLD, 2008, p. 11) diante da figura de Cabo Toco e de como passava a compreendê-las através

disto. A dimensão da antropologia sensorial perpassa a antropologia da vida, tomando a empiria que carrego desde a infância parte da concepção do aprender sobre Cabo Toco.

A etnografia proposta apresenta uma “construção sobre o outro, por intermédio de nós mesmos que o outro nos permite conhecer” (ZANINI, 2006) em uma negociação construtiva envolvida por atores (CLIFFORD, 1998) que escrevem e/ou falam sobre Cabo Toco na “expressão das trocas com uma multiplicidade de vozes” (CALDEIRA, 1988). Com o contexto das narrativas, dos fatos, diálogos e simbologias, o campo antropológico aqui descrito corresponde a uma etnografia multisituada, onde acompanhei situações de contextos sociais através de uma sucessão de experiências narradas (MARCUS, 1995, p. 109). Etnografei pessoas diferentes, “estrategicamente situada” (idem) no protagonismo de Cabo Toco, a fim de compreender as significações das palavras dentro de seus contextos, desenvolvendo estratégias baseadas na experiência, que levaram em consideração os indivíduos e seus símbolos, ultrapassando lugares e fronteiras, estabelecendo conexões ao longo de várias escalas etnográficas (ibidem). O caráter multisituado da etnografia transpôs-se por considerar que os elementos técnicos empregados a etnografia formulavam um campo desdobrado a partir da interação dos atores de pesquisa, exigindo uma negociação constante de lugares, na necessidade de acompanhar as narrativas. A etnografia multisituada permite o acompanhamento de descolamentos, fluxos e narrativas, funciona como uma guia para estudos em movimento de pessoas e coisas. Ela permite identificações de grupos e discursos e o uso de diferentes técnicas na identificação dos mesmos, como a etnografia em arquivos, permitindo tomar o tempo do arquivo como seu, de maneira identificar pessoas e suas sociabilidades em seus usos narrativos.

1.2 ETNOGRAFANDO ARQUIVOS: A NOTÍCIA ENQUANTO MEMÓRIA E NARRATIVA

Situar a memória é preciso, e neste sentido, é necessário elaborar um entendimento que seja plausível para aquilo que tento compreender através dela. Segundo Maurice Halbwachs (2004), as recordações não são algo isolado, ela apoia-se em percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica, ela é uma imagem engajada em outras imagens que constitui uma lembrança, que

em larga medida reconstrói o passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004).

A memória, sentimento mais bonito e doloroso que alguém pode sentir, recobrou-me o passado no dia que li em uma notícia na página do *facebook* da Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul, que “as águas dançantes⁹” haviam voltado a funcionar na 31ª Feira do Livro de Cachoeira do Sul¹⁰. Lembrei da última vez que elas haviam dançado, por volta do ano de 1997, quando tinha apenas cinco anos. Lembrei de meu pai, já falecido, e do apreço que ele tinha pelo local, pela música e pelo ritmo do chafariz e das luzes.

Entendi, a partir daquele momento, sobre o papel da memória em seu caráter de identidade local, não só enquanto teoria, mas na prática de seu acionamento enquanto sentimento. A memória foi vista enquanto forma rever o passado e no que diz respeito ao caráter do pertencimento. Senti a importância daqueles arquivos guardados em casa, quando alguma pessoa próxima ilustra as páginas de algum jornal, hoje estes recortes tornaram-se, em sua maioria, notícias *online* como aquela em que acabava de ler e acionar a memória.

Ao iniciar a busca por reportagens de jornais sobre Cabo Toco, deparei-me com uma realidade não esperada, haviam poucas coisas na internet sobre ela, e as que haviam contavam sempre a mesma história e faziam as mesmas referências:

Cabo Toco nasceu em Caçapava do Sul, foi a primeira mulher a entrar em combate pela Brigada Militar no Rio Grande do Sul; ficou conhecida em 1987, quando a intérprete Fátima Gimenez venceu a V Vigília do Canto Gaúcho contando sua história na música "Cabo Toco"; Morreu em 1989, morando em um barraco na zona periférica da cidade de Cachoeira do Sul.

Já haviam sido feitas outras tentativas frustradas para chegar aos documentos de Cabo Toco, como no caso do dia em que realizei uma ligação telefônica ao Centro Histórico Coronel Pillar, lugar responsável pelos arquivos da Brigada Militar da cidade de Santa Maria - RS, e sucessivamente aos do 1º Regimento de Polícia Montada, no qual Cabo Toco teria pertencido.

⁹ Inaugurada no dia 15 de maio de 1968, durante a II FENARROZ, Fonte das Águas Dançantes que leva o nome de seu idealizador, Artibano Savi, no coração da Praça José Bonifácio em Cachoeira do Sul. Sua construção foi baseada em um filme de uma feira de Nova Iorque. Foi a primeira do gênero na América Latina.

¹⁰ Realizada de 2 a 7 de outubro de 2015.

... Moça, não temos nada aqui. A exposição que tínhamos era do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul, essa exposição vem sempre na semana de comemorações do Dia da Mulher. Dona Olmira não era nossa efetiva (Diário de Campo 21/05/2015).

A revelação da impossibilidade de acesso aos documentos de Cabo Toco, justificou, de certo modo, sua inexistência no meio acadêmico. A solução foi procurar diretamente nos acervos online de jornais pertencentes as cidades que Cabo Toco havia residido, e principalmente nos periódicos de Cachoeira do Sul. Primeiramente, encontrei algumas reportagens em jornais da cidade de Bagé e Ijuí, logo, os de Cachoeira do Sul, que me interessavam, começaram a surgir.

Em outra oportunidade, ir até à cidade de Cachoeira do Sul, no Museu Municipal, fez-se necessário. Por telefone, recebi informações acerca do acervo disponível sobre Cabo Toco, e também, sobre os dias e horários de visitação. Encontrei no local, para além das reportagens de jornais, objetos pessoais de Olmira, documentos civis e de guerra, fotos e relatos de pessoas que conviveram com ela. Conversando com a guia, informei-me sobre as exposi es, sobre a permanência de Cabo Toco enquanto exposi o no museu devido   grande procura por parte das escolas em conhecer a história de Cabo Toco.

A memória acompanhou-me em toda esta trajetória, conforme demonstra o fragmento do diário de campo do dia 08 de setembro:

Cheguei ao Museu por volta das 14 horas da tarde de um dia lindo de setembro. O Museu   um lugar privilegiado que compõem o cenário da cidade, e que retoma minha infância. Explico o apreço pelo local pela sua composi o, além de uma arquitetura e um belo jardim, aqui no pátio fica o Zoológico Municipal, tem um vagão da Maria Fumaça numa parte que restou dos trilhos da esta o ferroviária do Rio Grande do Sul que ligava Porto Alegre a Uruguaiana. Lembro-me quando visitava o Museu, uma vez no ano no passeio escolar pela cidade. Lembro-me da casa amarela, da exposi o das noivas de Cachoeira do Sul e do vestido de casamento de uma delas de cor preta. Lembro-me dos quadros das pessoas ilustres da cidade, Borges de Medeiros estava lá. Recordo-me da palmatória de Cândida Fortes Brandão, que era uma professora que havia fundado a escola estadual que estudava (Diário de Campo 08/09/2015).

Figura 1 – Entrada no pátio do Museu Municipal de Cachoeira do Sul



Fonte: Acervo da autora - 08/09/2015.

O recebimento no local foi acolhedor, de diálogo atencioso e interesse pela guia do Museu, pessoa que havia combinado por telefonema a visita de pesquisa. A guia conduziu-me até a sala de estudos do local e entregou-me o que havia separado para minha pesquisa. Eram duas pastas com recortes de jornais, documentos pessoais de Cabo Toco e algumas fotos. Trouxe-me uma caixa com os itens que Cabo Toco usava para esterilizar seus materiais de enfermagem e alguns pertences que decoravam seu quarto em sua casa, e depois no asilo, como seu quadro com a confirmação de Primeira Comunhão¹¹.

¹¹ Primeira comunhão é uma celebração, religiosa de algumas denominações cristãs, nomeadamente da Igreja Católica Apostólica Romana, em que os cristãos participantes desta cerimónia recebem pela primeira vez o "Corpo e Sangue de Cristo sob a forma de pão e vinho", respectivamente (hóstia). Hóstia é o nome dado à partícula da eucaristia após sua consagração.

Figura 2 – Quadro de 1ª Comunhão de Cabo Toco do ano de 1954



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

Com a documentação em mãos, tanto as do acervo online dos jornais, quanto as do museu, e o conhecimento sobre os demais objetos, parti para a técnica de etnografia em arquivos, visando analisar as narrativas escritas. Com a leitura minuciosa de cada informação redigida, elaborei uma categorização dos documentos que faziam referência a Cabo Toco devido aos assuntos tratados: 1) V Vigília do Canto Gaúcho; 2) Esquecimento de Cabo Toco; 3) Museu e exposições sobre Cabo Toco; 4) Semana Farroupilha lembra Cabo Toco; 5) Documentário Cabo Toco; 6) Cabo Toco e Cachoeira do Sul.

Estes assuntos deram-me um panorama dos discursos proferidos, dando conhecimento, reconstituindo e criando relações de proximidade com o objeto. O uso da etnografia em arquivos enquanto método, é essencial no auxílio de historicizar os contextos estudados e significa a possibilidade de encontrar sedimentos dos períodos passados compreendo o contexto do escrito, informando, reproduzindo, interagindo e passando uma imagem ao leitor. Estes escritos trazem normas, um discurso escrito que se pratica na oralidade, revelando consensos.

Na documentação é possível estudar o nível da estrutura, observando a maneira como a narrativa é organizada e como os temas combinam-se, em vez de

nos concentrarmos em detalhes. Assim, é possível comparar as narrativas sobre Cabo Toco com outras histórias. Finalmente, trabalhando com todo o conjunto dos contos populares no Rio Grande do Sul, distinguir características gerais, temas centrais e elementos difusos.

A etnografia na documentação procedeu pela noção difundida por Elsie Rockwell (2011) que trata de dar subsídios para os antropólogos que querem trabalhar com análises temporais de arquivos, através de sua etnografia. Esse tipo de etnografia, tende a dar, uma dimensão da cultura na prática viva das palavras, compreendendo que a cultura está presente em qualquer história/estória, basta perceber nas entrelinhas o não escrito, e, assim, o arquivo torna-se uma fonte para estudar o passado, contudo, uma maneira a ser etnografada para a compreensão dos autores e não dos atores (idem, 2011).

Segundo Robert Darnton (2015), os arquivos são excepcionalmente ricos e sempre é possível fazer perguntas novas ao material antigo. Além disso, não se deve imaginar que o antropólogo trabalhe facilmente com seus informantes. Ele também depara-se com áreas de opacidade e silêncio, e tem de elucidar a interpretação:

A vegetação rasteira da mente pode ser tão impenetrável no campo quanto na biblioteca. Assim, não há melhor maneira, do que peregrinar pelos arquivos. É difícil ler um documento sem deparar com surpresas — qualquer coisa, desde o constante pavor de dor de dente, que existe em toda parte, até a obsessão de caracterizar algo que permaneceu a certas aldeias. O que era sabedoria proverbial para nossos ancestrais permanece completamente opaco para nós. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez consiga-se descobrir um sistema de significados estranho. O fio pode até conduzir a uma pitoresca e maravilhosa visão de mundo (DARNTON, 2015).

Deste modo, através destes documentos, tentei compreender a intensão de quem os escreveu, atentando para subjetividades no tratar de Cabo Toco. Levei em consideração que o arquivo histórico é uma fonte etnográfica primária, que possibilita autoridade do conhecimento direto, produzindo, julgando e organizando discursos. Em poucas palavras, são arquivos que possibilitam a compreensão do pensamento social de uma época e o que é de interesse na memória local.

Figura 3 – Enunciado do Caderno Especial Cabo Toco – Saias nas Trincheiras de 23 – Zero Hora 17 de maio de 1987



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

Considerarei para a análise destes arquivos sua fonte ao passado e o caráter como o sentido dos mesmos foi construído através de seleções e combinações, das adequações e elucidações dos acontecidos, e dos discursos que impulsionam a vida das pessoas gerando comoção. A memória enquanto arquivo também pode ser considerada uma maneira de controle histórico dos fatos e seus acionamentos. Os arquivos históricos são pequenos fragmentos de passado que impulsionam a mente e assombram o lembrar (TODOROV, 2002).

A etnografia em arquivo, dentre as tessituras que proporcionou, deu uma sólida base para os demais seguimentos etnográficos, nos quais visavam as oralidades sobre Cabo Toco sobre quem conta. Quem narra oferece subsídios para os arquivos, e é quem tem o poder de informar o conhecimento, quem conta é quem decide o que pode ser dito e logo escrito. A memória, neste, sentido, elabora-se a partir da sociedade e seus indivíduos, os quadros de memória são coletivos, mas quem lembra é o indivíduo. Em sua construção, de forma sensível, os indivíduos lembram e podem testemunhar sobre o coletivo.

1.3 A ORALIDADE E A TRADIÇÃO DO CONTAR: CARACTERIZANDO AQUELES QUE ENSINAM E APRENDEM CABO TOCO

Contar e escutar sempre tiveram função simbólica dentre as culturas. Através da escuta aos mais velhos aprendemos sobre a vida e de como as coisas funcionavam “no meu tempo”. A temporalidade de retomar algo que aconteceu no passado em sua função pedagógica, situa os mais jovens na memória, vivenciada ou não, de modo, que aquele que profere narrativas do passado, faz referência do tempo como seu, indicando as vantagens do já vivido ou sua superação. Os relatos de vida agem para o outrem na forma de experiência passada em razão do devir (TODOROV, 2005). As narrativas de vida em sua função pedagógica, segundo Pérez Gomez (1992), implicam a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, num universo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos (GOMEZ, 1992, p. 103).

Tomando como base a tradição do contar como chave para importância na organização e transmissão da experiência de viver (HARTMMAN, 2005), propus-me a pensar nas narrativas produzidas sobre Cabo Toco como uma forma de aprender para ensinar, elaborando um ciclo de vivências pela oralidade. Com a indicação dos arquivos, sua referência a pessoas ligadas a Cabo Toco dei o início a busca das oralidades, que em antropologia, segundo Darnton (2015), é um método possível para tomar a linguagem escrita como um guia de fortalecimento para as narrativas orais. Os documentos “refletem” um ambiente social, porque estão encaixados num universo simbólico que é, ao mesmo tempo, social e cultural (DARNTON, 2015). As narrativas da memória carregada desde minha infância também ajudaram a construir uma linha narrativa de pessoas e lugares, permitindo minha entrada em campo.

Ao tentar promover os primeiros diálogos com os interlocutores, necessitei explicar sobre do que tratava a pesquisa, esse exercício foi primordial para a compreensão por parte dos narradores de sua participação, através disto, usei uma tática de ascensão da narrativa deixando os contadores com as palavras livres. Após a exposição da fala, acabava retomando alguns pontos a partir do narrado dialogando com o empírico tanto dos entrevistados, quanto meu próprio, estabelecendo conexões e tornando visível uma comunicação, trazendo à tona algumas declarações omitidas anteriormente.

Segundo Pollak (1989), através do trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros, e este modo, como guia de aproximação deixei os informantes falarem sobre sua vida, sentimentos e como estes entendimentos uniam-se com a história de Cabo Toco, permiti-me contar narrativas que sabia sobre Dona Olmira. As conversas passaram a construir-se sobre a vida dos informantes e como as mesmas entrelaçaram-se com a biografia de Cabo Toco, direta ou indiretamente.

Refiro-me a questão direta ou indireta, pelo fato da própria convivência com Cabo Toco com essas pessoas. Muitas narrativas produzidas pelos interlocutores tem base no que a própria contava-lhes durante a velhice, alguns ainda eram crianças, que a encontravam aos domingos na igreja, e separavam um tempo para ouvir suas histórias no final da missa.

De uma única pessoa, cheguei a outras e este número foi multiplicando-se a cada conversa, encontro e entrevista. O recurso do “*um levar aos outros*” é elencado em Bourdieu (1997) como uma estratégia de assegurar *feedbacks* numa relação previa de acordos entre pesquisador e pesquisado. O recurso da rede de contos (HARTMMAN, 2008, p. 63) permitiu que um contador indicasse o outro pelo discurso do “eu não sei contar, mas o fulano sabe...” (idem), formando uma comunidade linguística, no sentido da comunicação dos interlocutores numa mesma linguagem, que no caso desta etnografia correspondeu ao “*acho que já te contei tudo o que eu sei, mas teve aquela vez...*” ou ainda “*eu só sei contar o básico*”.

A rede de narrativas formou-se por duas características essenciais para a compreensão da representação de Cabo Toco: *narradoras* - mulheres de profissões em comum. São professoras e enfermeiras, que tiveram a oportunidade de conhecer Cabo Toco em determinado momento de sua vida ou que receberam o conhecimento sobre ela através de suas gerações. Coincidência ou não, o entendimento a cerca desta formação deu-se pela intensão do transmitir, e ainda pela por uma lógica de ordenamento de histórias de vida como exemplos a serem seguidos, como um guia, partilhando experiências subjetivas através de imponderáveis da vida cotidiana, indicando e informando experiências que tem de superar outras.

As narradoras professoras, em sua maioria, caracterizam-se pela convivência com Cabo Toco durante o período da infância. Eram crianças que em primeiro momento tinham medo de Cabo Toco, algumas, devido à vivência diária com ela no

Bairro Ponche Verde¹² e pela forma que ganhava a vida fazendo pequenos fretes¹³, algo incomum para uma mulher nos anos 60/70. Nas palavras das interlocutoras, o medo advinha de anedotas que os pais contavam de forma de advertir os filhos caso fizessem algo de errado:

Eu tinha muito medo dela, porque o meu pai assustava a gente dizendo que ela era a velha do saco e que ia nos levar embora caso a gente aprontasse. Como ela sempre andava com uns sacos dentro da carroça¹⁴, a gente acreditava! (s/n, 03/07/2015).

Em contrapartida, a convivência com Cabo Toco, tempos depois de sua mudança para o Asilo Municipal, transformou-se em encontros de domingo na igreja. Ao conversar com Cabo Toco e conhecer suas histórias, a senhora que antes era a vilã, tornava-se a heroína:

Eu era pequena e meu pai pediu que ela me contasse sobre o Zeca Netto, Dona Olmira me contou que eles eram uma gurizada sem experiência de combate, mas ganhavam na coragem, todo mundo tinha medo deles. A mãe dela teve um namoro com o General, e por isso ela foi recebida no acampamento deles, diz que tomou chimarrão com ele na porta da barraca e quando foi comer o churrasco teve medo que a envenenassem, por ser uma inimiga e estar espionando. Ela voltou e informou ao chefe do bando a localização do Netto. Na madrugada atacaram de surpresa, mas eles já estavam nos esperando, as tropas foram recebidas com um salsedo de balas, e tiveram que bater em retirada. Dona Olmira contava com orgulho a história do chimarrão com o General. Depois disso eu parei de pensar que ela era malvada (A.N, 03/02/2015).

A relação do aprendizado acerca das narrativas de Cabo Toco e sua aproximação a docentes já havia aparecido desde a ida ao Museu Municipal de Cachoeira do Sul na pesquisa documental. Naquele momento a guia havia mencionado que as professoras das escolas da cidade sempre levavam os alunos para conhecer a história de Cabo Toco exposta no Museu:

As crianças na maioria das vezes já conhecem a história de casa e dizem ter medo da Cabo Toco, mas saem daqui fascinados [...]. As professoras fizeram um esforço bem grande para poder colocar a Cabo Toco dentro das escolas, pelo menos nas escolas municipais. Agora a Cabo Toco faz parte do conteúdo do 4º ano das escolas, na parte de estudos sobre o Município de Cachoeira (08/09/2015).

¹² O Ponche Verde localiza-se na zona leste da cidade de Cachoeira do Sul e foi o bairro onde Dona Olmira residiu ao chegar em Cachoeira do Sul.

¹³ Locação de meio para transporte de mercadoria.

¹⁴ Carroça é um meio de transporte que antecede ao advento dos veículos a vapor. Movida por tração humana ou animal, a carroça era o meio de transporte mais utilizado para os deslocamentos de carga de um lugar a outro.

A relação indireta com Cabo Toco, pelas narrativas de um terceiro, corresponde as mesmas categorias de quem a conheceu na infância, porém com uma prerrogativa, os sentimentos de medo e heroísmo misturam-se e não se delimitam por um consentimento temporal entre o conhecido e o desconhecido. As narrativas chegaram a esse grupo de professoras/interlocutoras tanto pelas reportagens de jornal, ou ainda por intermédio de alguém que conheceu Cabo Toco.

O grupo de enfermeiras consolidou-se pela indicação de minha mãe à determinadas colegas de profissão. De maneira geral, essas interlocutoras acompanharam Cabo Toco em seus últimos anos de vida no Asilo Municipal, ouvindo-a, acolhendo-a e trocando experiências. As narrativas proferidas por estas mulheres transcorrem os momentos finais da vida de Cabo Toco na esperança do reconhecimento jurídico de seus feitos de guerra e das marcas corporais que havia herdado dos confrontos armados:

Ela me contava que tinha participado de uma revolução e que era escopeta, escopeta é aquela arma com a espada na ponta. Quando os outros soldados já estavam no chão ela ia lá e estucava eles, pra confirmar se tinham morrido Dizem que ela foi pra guerra porque odiava o tal do Zeca Netto, ele fazia muita maldade na época e fez pra alguém da família dela. Um dia ela foi lá no acampamento deles e se fez que ia muda de lado, daí os homens do Zeca Netto pegaram ela e amarram pelos pés num cavalo, e aquele cavalo arrasto ela por dias mato a fora, ela me mostro as costa dela. Era cheia de cicatriz e era meio fraca dos pulmão por causa disso. Enfermeira que atendia Cabo Toco em 1985 (29/04/2015).

Compreendo que estes grupos não se constituíram por um caráter neutro, havendo um interesse de indicação aos próximos, como uma garantia de utilidade e fortalecimento de quem narra em sua identidade de pertencimento, evocando lembranças vivenciadas ou adquiridas.

Segundo Tzvetan Todorov, em *“Memória do Mal, Tentação do Bem”* (2005), o papel do testemunho tangencia nossa própria existência, transformando e acomodando os acontecimentos diante da imagem que temos do passado. Neste sentido, as narrativas contidas neste trabalho, não devem ser tomadas como verdades ou não, mas como uma maneira de evocar o passado conforme aquilo que é útil para as interlocutoras. São histórias contextualizadas numa memória de vida compartilhada, que segundo Abrahão (2003), são narrativas fechadas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço (ABRAHÃO, 2003).

As narrativas de memória compartilhada, somaram-se também, como um misto sobre Cabo Toco e a própria vida das interlocutoras, ou ainda, autobiografias e biografias narrativas, por assim chamadas no campo da educação, são, como demonstra Menna Barreto Abrahão (2004). É uma memória basilar, que constrói significação de vivências e novas narrativas diante de sua perspectiva social. As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a auto compreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória (ABRAHÃO, 2004, p. 203).

As lembranças remetem o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marcando um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as recordações e as possibilidades de narrar experiências (SOUZA, 2006). Neste processo de olhar para si (JOSSO, 2004), como se olhassem para Cabo Toco, as interlocutoras passaram partilhar seu noções e apropriar-se da vida de Cabo Toco como se fosse a sua.

Ao cruzar suas próprias histórias com as de Cabo Toco, as narrativas das interlocutoras ramificam-se e chegam a outras pessoas, que se constroem em poderosos retratos fabulosos, de memorização, que algumas vezes são conferidas a tradição de seu povo. Não memorizam tudo, absolutamente. Em vez disso, combinam frases estereotipadas, fórmulas e segmentos de narrativas, em ordens improvisadas de acordo com a reação de sua audiência (DARNTON, 2015).

As narrativas, consideradas como tal, permanecem bastante consistentes, ampliam-se e desdobram-se dentro dos padrões habituais das tradições, variando detalhes ao narrar. Como na maioria dos tipos de narrativa, desenvolvem tramas e temas, recolhidos aqui, ali e em toda parte. A ramificação narrativa, assim, transpassa as próprias interlocutoras, que formulam signos e significados que podem ser sistematizados pelo reconhecimento de uma polifonia textual.

Certo dia, uma interlocutora, que, havia sido minha professora no ensino médio, chegou até mim com uma gravação sobre Cabo Toco que havia feito com outras colegas de profissão. Sua explicação para apresentar-me esta gravação foi partida do tornar-se parte da pesquisa, alegando vontade de descoberta de elementos a mais sobre Cabo Toco. A necessidade do contar/ajudar durante o processo etnográfico perpassou a evocação da noção de pessoa (GEERTZ, 1997),

no sentido do ver Cabo Toco e a si próprio enquanto sujeito. Entender a noção do “eu” Cabo Toco, é uma maneira de transpor em subjetividades contidas em narrativas, como uma experiência, de modo a personificar aquele “eu” para si, numa categoria de pertencimento e representação. Nas palavras das interlocutoras:

Eu queria muito te ajudar, espero que tu não fique brava comigo, mas conversei com minhas colegas de escola sobre teu trabalho e gravei no celular o que elas me contaram. Eu acho que pode te ajudar (S/n, 15/09/2015).

A história da Cabo Toco tem tudo a ver comigo, eu vou ver com meus vizinhos aqui do bairro se eles podem te ajudar contando alguma coisa (S/n, 22/09/2015).

O cruzamento narrativo, sobre si e sobre Cabo Toco, leva a intenção de saber mais sobre Cabo Toco por parte das interlocutoras, identificando possíveis comparações entre histórias de vida. A memória aqui conota a etnografia de modo a conceber que existe uma construção dos fatos por quem narra, procurando informação e articulando-se como forma de experiência, efetuando uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca a aprendizagem do que se narra em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros (JOSSO, 2004, p. 55).

As diferentes formas de falar sobre Cabo Toco, em distintas vozes e experiências, é um acesso a sua própria vida para as interlocutoras, que marcadas pelos acontecimentos vividos por Cabo Toco, são transformadas por sua vivência e carregadas de um forte componente emocional (SOUZA, 2006, p. 63).

A polifonia, assim estabeleceu-se. Recurso etnográfico que acabou oferecendo-me mais um caminho para observar as relações que estavam sendo dadas em campo. As vozes dessas gravações trouxeram pessoas, umas ligadas às outras com um propósito em comum do contar sobre Cabo Toco. A “produção colaborativa do conhecimento etnográfico” (CLIFFORD, 1998, p. 54), estabelecida entre informantes e suas ramificações propõem-se de maneira a compreender e informar o sentido de suas falas. Em poucas palavras, o trabalho de campo antropológico no que diz respeito às oralidades consistiu em estabelecer relações

com pessoas (ROSALDO, 2012) que estavam interessadas a instrumentalizar suas noções e permitindo-se buscar informações sobre o desconhecido.

As múltiplas vozes presentes neste trabalho tem o papel de transformar a memória das interlocutoras numa construção de lembranças, que orientam o passado em direção ao futuro, trazendo concepções de como as experiências adquiridas recompõem-se através da imagem de Cabo Toco, pedagogicamente orientada por uma necessidade determinada do narrar. Desta forma, a comoção em ajudar na pesquisa por parte das professoras interlocutoras tem proximidades ao entendimento sobre memória por conotações lúdicas e educativas.

Em seus relatos todas interlocutoras afirmam saber da inexistência de produções literárias sobre Cabo Toco, e que este seria um dos motivos para o desconhecimento da história de Cabo Toco por boa parte da população cachoeirense. A multiplicidade dessas falas etnográficas configuram-se de maneira cosmológica e sensível, no sentido de uma necessidade de tornar-se parte da pesquisa, no intuito de agir em prol de uma memória coletiva através de relatos recebidos e transmitidos. É uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância irônica (CLIFFORD, 1998, p. 94). A memória elaborada pela polifonia e autobiografias, elaboram a etnografia construída por narrativas, que privilegiam vozes e permitem avaliar experiências que carregam lembranças e sentimentos de pertencimento.

Da etnografia da construção narrativa e representativa do mito de Cabo Toco à produção polifônica, formulei o trabalho de campo conforme suas próprias particularidades, construindo-o como uma negociação constante com os informantes. Explico esta formulação pelo próprio caráter etnográfico de narrativas, em que atentei para a leitura antropológica promovida pela construção continuada do conhecimento mitológico junto aos informantes, dando importância essencialmente a narrativa e seus diferentes protagonismos e produções de informação.

A etnografia construída por narrativas, privilegiam autobiografias e permitem avaliar experiências que carregam memória e sentimentos de pertencimento. Segundo Eckert e Rocha (2013), os atores elaboram cenas sociais de pertença à redes de forma dramática. Nessas trajetórias, atribuições de acontecimentos históricos servem para justificar vulnerabilidades e crises. Assim, as etnografias pautadas pelas narrativas intensificam os tempos vividos, dando espessura ao jogo

de memórias. A etnografia, portanto, gravita desta condição política, faz concordar entre si os símbolos que constituem esta experiência temporal. Neste fluxo, os sujeitos narradores, em suas situações biográficas, reencontram e reconhecem a identidade do “si mesmo”, sensibilizados que estão ao conhecimento de si (ECKERT; ROCHA, 2013).

Entre idas e vindas a Cachoeira do Sul, reforço que a construção etnográfica aqui formulada por pessoas e suas vozes, escritas e faladas, resumem-se numa complexa combinação de um processo educativo, tanto meu, enquanto pesquisadora e etnógrafa, tangendo as questões metodológicas, estranhamentos e proximidades, quanto das interlocutoras. Aprendemos juntas a reciprocidade sobre Cabo Toco e através disto, diferentes formas e estratégias foram usadas ao longo da pesquisa.

As técnicas que análise aqui elaboradas, correspondem a um pequeno esboço teórico-metodológico da construção etnográfica construída para esta pesquisa. É importante ressaltar que apesar dos esforços para colocá-las dentro da “caixinha” metodológica do texto, há muito que se falar sobre campo, sobre antropologia, sobre estratégias de pesquisa. Concluo, reforçando o caráter da etnografia enquanto uma construção constante, que junto a suas falas e arquivos aqui elucidados, ilustram constantemente as páginas a seguir. A etnografia segue junto as narrativas que ainda serão apresentadas.

2 ME CHAMAM DE CABO TOCO

“O Rio Grande do Sul é um estado caracterizado pela fibra de suas mulheres. Muitas delas destacam-se em vários âmbitos da sociedade brasileira. Esta bagagem é trazida desde a ocupação do estado, no Jesuitismo, tropeirismo, estanciamento, revoluções, imigrações e atualidade. A primeira mulher gaúcha era tupi-guarani. Nômade, cuidava dos filhos e acompanhava os índios. Com a chegada Jesuítica, nas primeiras Missões, elas aprimoraram suas técnicas no artesanato, trabalhavam nas lavouras e eram catequizadas. A grande qualidade de quantidade de índios catequizados chamou a atenção dos bandeirantes (homens que organizam bandeiras e caçadas aos índios) estes que começaram a escravizá-los. Isso acabou despertando pavor entre os silvícolas e missionários, estes que fugiram para outro lado do rio Uruguai. Assim, o Estado ficou novamente abandonado por quarenta anos; até que chegaram aqui os Jesuítas Inacianos Espanhóis comandados pelo Padre Roque Gonzáles, da banda oriental do rio Uruguai, trazendo novamente o gado orelhano e reduzindo os dezoito aldeamentos para Sete Povos. Retrocedendo um pouco pergunta-se: -O que aconteceu com esta “terra de ninguém” durante tanto tempo? Os bandeirantes possuíam as índias e levavam os índios como escravos. Depois que nasciam tais crianças, notavam que elas estavam sem identidade: metade selvagem e a outra, branco. Eles não se acostumavam com a vida das tribos muito menos com a vida dos brancos. Muitas das vezes tais “frutos” iam vagueando pelos campos, como vagabundos, sem pátria. E assim foi surgindo o gaúcho. O Pe. Roque Gonzáles reiniciou então o missionaríssimo criando gado. Como o couro era bem visado, começaram as tropeadas até Sorocaba (São Paulo). Os homens responsáveis por recrutar, eram chamados de tropeiros. Sempre que chegavam em São Paulo, eles arranjavam suas companheiras que eram encontradas nos arredutos. Elas eram de vida fácil, queriam conhecer o mundo, as chamadas “mozuelas”. Na maioria das vezes, os tropeiros as deixavam por aqui, para cuidas das próprias famílias que estavam formando. Começavam a formar estâncias para a paeragens de gado e fixação do homem da terra. A mulher era geralmente a chefe do lar. Cuidava da educação dos filhos, e dos afazeres domésticos. É importante ressaltar o papel da mãe, pois o pai cuidava do gado e do serviço pesado. A família era unida e havia liberdade entre todos. Nas grandes sociedades, as meninas eram preparadas para serem verdadeiras damas afim de casarem-se com homens de classe, jamais elas participavam das reuniões onde homens estivessem presentes. No campo, o sistema era diferente, as mulheres podiam fazer parte de uma roda de chimarrão e ouvir os casos. Isto já caracterizava uma certa independência da liberdade da mulher gaúcha dentro de sua própria família. As revoluções começavam a estourar, os maridos e os filhos mais velhos deixavam suas casas sem saber se voltariam. Mais um suplício: mulheres sozinhas em seus ranchos empunhavam armas e se transformavam em guardiãs do lar. Nascia em seus corações a esperança de rever seus amores e de que um dia a paz retornaria. Aqui o papel de mãe acentuou-se cada vez mais pois, além de educar, ela tinha todo o serviço masculino inclusive a proteção ao que possuía. Aumentada a necessidade de povoamento, iniciava-se a chegada dos imigrantes alemães, italianos e assim por diante. Seus costumes eram diferentes, a grande religiosidade, as diferenças familiares entre homens e mulheres..., enfim, houve uma troca de culturas: os imigrantes coivara e bebendo chimarrão e os gaúchos tocando a gaita jogando bocha. Nestas mudanças, o papel da mulher foi muito importante, porque ela estava sempre ao lado do homem e mesmo que este se ausentasse, ela continuava sem maiores problemas, com a fibra de ser guerreira na luta pelos seus direitos e pela preservação dos costumes, da honra e do seu orgulho.

Matéria da **Revista Tempo 16** – A mítica das mulheres heroínas – Cultura Gaúcha – Mulher Gaúcha – Rio Grande do Sul, s/d.

2.1 A NARRATIVA DE VIDA: O MITO CABO TOCO

A história de Cabo Toco, é uma história que pertence à guerra. Segundo seus documentos pessoais, disponíveis no acervo do Museu Municipal de Cachoeira do

Sul, Olmira Leal de Oliveira era filha de Francisco José de Oliveira e Auta Coelho Leal. O pai era um dos homens de confiança nas tropas de Gumercindo Saraiva¹⁵ durante a revolução Federalista, já a mãe, circulava por este ambiente, não existindo indícios de seu papel social em guerra. Companheiros de casamento e de guerra, acompanharam Gumercindo Saraiva até a sua morte. Os pais de Cabo Toco teriam encerrado as suas atividades pós sepultamento do líder maragato, antes disso contava Cabo Toco, a seus conhecidos, que seus pais teriam ajudado a *empalharar*¹⁶ Gumercindo, deixando estático em cima do cavalo depois de morto, como uma forma de enganar o inimigo¹⁷.

Da união da guerra, nasceu Olmira, aos dezoito dias do mês de junho de 1902 na cidade de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul. Nenhum relato conta quanto tempo viveu com seus pais, mas através das narrativas da enfermeira que a atendia em 1985, soube que sua infância foi permeada por causos contados pelo seu pai, que falavam sobre a guerra, sobre Gumercindo Saraiva e sobre o namoro que a mãe teria tido com o General Zeca Netto. Cabo Toco alimentou desde a infância, um ódio ao maragato Zeca Netto, ao mesmo tempo que havia um apreço enorme por Gumercindo Saraiva, ela contava com orgulho seu gosto pela guerra e a identificação com a postura do líder.

Aos 21 anos de idade, Olmira inscreveu-se no 1.º Regimento de Cavalaria para atuar como enfermeira durante o confronto armado de 1923. O regimento corresponderia o que hoje 1.º Regimento de Polícia Montada, sediado em Santa Maria-RS. Atuava cuidando de feridos, dando-lhes medicações, fazia curativos. Desde o seu ingresso na Brigada Militar mostrou interesse no manuseio de armas de fogo, principalmente com o intuito de defender-se as ameaças masculinas de violência.

O curta metragem sobre Cabo Toco em “Histórias Extraordinárias” da RBSTV, afirma que a transição de enfermeira a combatente, veio junto ao acaso, com o

¹⁵ Gumercindo Saraiva (Arroio Grande, Rio Grande do Sul, 13 de janeiro de 1852 — Carovi, Capão do Cipó, Rio Grande do Sul, 10 de agosto de 1894) foi um militar brasileiro, sendo um dos comandantes das tropas rebeldes (maragatos) durante a Revolução Federalista.

¹⁶ A taxidermia - nome técnico do empalhamento de animais - é um sofisticado processo onde só a pele do animal é aproveitada. O couro é usado para "vestir" um manequim de poliuretano, parecido com esses que a gente vê nas vitrines de lojas. No passado, porém, não era assim. O animal era aberto, suas vísceras retiradas e, no lugar delas, era colocado algodão, juta ou palha - daí a palavra empalhamento, hoje fora de uso.

¹⁷ Informação concedidas por Joana Galvão em entrevista 26/10/2015.

salvamento do comandante João Vargas de Souza, intendente de Caçapava do Sul, no confronto armado a suas tropas no combate do Passo das Pitangueiras em Caçapava do Sul no ano de 1924. Existem, ainda, relatos¹⁸ sobre o interesse de Olmira participar da revolução. Olmira tinha o gosto pela guerra, e vontade de vingança, queria a morte do General Zeca Netto. O namoro do General com sua mãe não teria acabado bem, Olmira o acusava de ter feito muito mal a sua família. Chica Papagaia, que conviveu com Cabo Toco no bairro Ponche Verde, afirma que quando perguntada sobre suas motivações de ir à guerra, Olmira respondia que foi porque era muito feia e não sabia realizar tarefas ditas “do lar”, como cozinhar e cuidar de uma casa.

Com a ajuda que prestou ao comandante João Vargas de Souza, o colocando em seu cavalo e o dirigindo até seu acampamento, Olmira tornou-se baioneta¹⁹ nas tropas, finalizando os inimigos. Em suas contradições, o termo escopeta também aparece quando as narrativas tratam do armamento usado por Cabo Toco, uma arma conhecida pelo seu uso enquanto categoria de caça. No Rio Grande do Sul, o termo escopeta é pouco utilizado, sendo mais conhecida por espingarda, arma de cano liso e longo, na qual era um dos principais armamentos dos exércitos desde o final do século XVII. Cabo Toco era escopeta e baioneta, e tinha um grande conhecimento sobre manuseio de armas de fogo, na velhice dormia com um revólver calibre 38 embaixo do travesseiro²⁰.

Pela boca do comandante passou a ser chamada de Cabo, e unindo seu apelido pela baixa estatura, Cabo Toco. Sua documentação²¹, e o modo como o processo de alistamento enquanto Cabo foi feito, gira em torno de um grande problema, e ainda contorna os padrões de gênero imposto por uma época. Nos anos 20, uma mulher alistada como combatente era considerado uma ofensa aos demais combatentes homens. O registro saiu como Olimiro, encobrindo sua situação de mulher, tornou-se Cabo Toco, um membro não oficial da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, pois a sua efetivação constituiu-se como uma “farsa”²².

¹⁸ Como os de Frutuosa da Silva em 22/09/2015 e Joana Galvão em 26/10/2015.

¹⁹ Terno designado a soldados de infantaria - arma branca pontuda que se adapta ao extremo do cano de fuzil ou espingarda, us. por soldados de infantaria em combates corpo a corpo.

²⁰ Informações concedidas pela própria Cabo Toco em entrevista para o Museu da Brigada Militar. Documento disponível no Museu Municipal de Cachoeira do Sul.

²¹ Documentos disponíveis no Museu Municipal de Cachoeira do Sul.

²² Segundo informações do Centro Histórico Coronel Pillar de Santa Maria – RS.

O episódio de guerra que marcou a perpetuação de Cabo Toco enquanto heroína foi o de espionagem ao acampamento de seu maior inimigo, Zeca Netto, nas proximidades de Caçapava do Sul. O episódio configura-se como uma versão famosa dos feitos de Cabo Toco, virou documentário, produzido e exibido pela RBSTV²³ no ano de 2005, que contou com elenco de protagonistas e figurantes da cidade de Cachoeira do Sul. O documentário da RBSTV foi baseado nas pesquisas de historiadores locais da cidade de Cachoeira do Sul, e ainda contou com a participação de intendentes da Brigada Militar do estado do Rio Grande do Sul com relatos sobre a importância de Olmira na Revolução de 23.

Cabo Toco teria o trabalho de espiã para as forças governistas no ano de 1926, infiltrando-se nas tropas do General Zeca Netto proferindo o discurso de arrependimento e mudança de lado na revolução. Cabo Toco teria passado a noite no acampamento contrário a seus ideais, lhe ofereceram um banquete regado a churrasco, mas teria evitado comer por medo de envenenamento. Cabo Toco não estava sozinha, alguns de seus companheiros estavam escondidos nas redondezas caso o plano de sondar o inimigo desse errado. Pela manhã do outro dia, a Brigada Militar atacou o acampamento, mas não teve sucesso na batalha.

Figura 4 – Reportagem “O nome dela é Toco”



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

²³ A RBS TV é a maior rede de televisão regional brasileira. A sede principal da empresa fica em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul; e suas emissoras e retransmissoras cobrem a totalidade dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

A revolução terminou sem vencidos, nem vencedores, com um acordo entre as partes na base militar da cidade de Pedras Altas-RS. Cabo Toco deixou a corporação apenas no ano de 1932.

Com o termino das revoluções, Cabo Toco transitou pelas cidades Bagé, Ijuí e São Sepé, todas no estado do Rio Grande do Sul. No ano de 1951, casou-se com Antônio Martins da Silva, o casal vivia fazendo fretes em São Sepé com uma carroça puxada a cavalo. Antônio Martins da Silva morreu no ano de 1954 e Cabo Toco mudou-se para Cachoeira do Sul-RS.

Em Cachoeira do Sul, passou a morar um casebre no bairro Ponche Verde, a residência era um chalé de madeira, sem recursos hídricos e elétricos. Sobrevivia de fretes e de uma pensão do falecido marido, de Cz\$ 500,00 (quinhentos cruzados), moeda brasileira da época.

Certo dia, Cabo Toco recebeu uma oferta de um médico renomado da cidade de Cachoeira do Sul: trocar sua égua por um cavalo mais novo, para que pudesse dar ênfase aos serviços de frete. O médico levou seu animal e nunca apareceu com o outro para troca. Dona Olmira ficou sem ter com o que trabalhar, dificultando mais ainda sua situação precária.

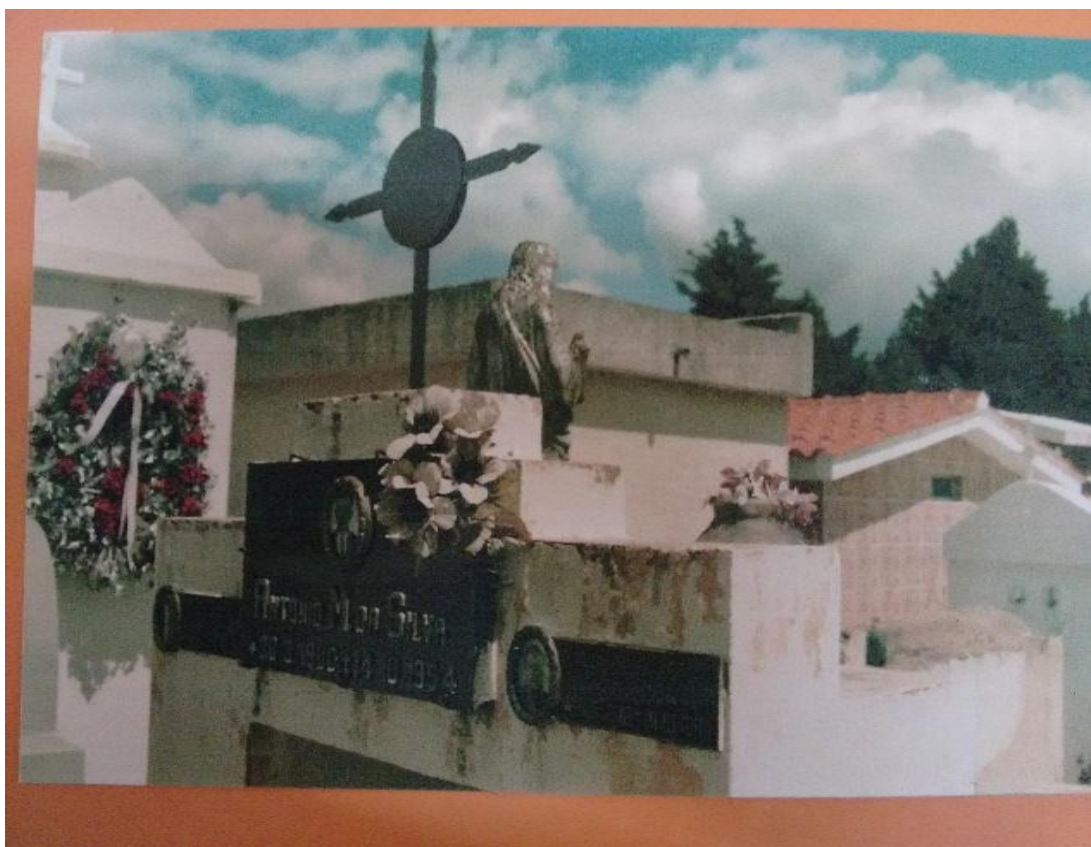
Por volta do ano de 1985, em uma visita a igreja São José, Cabo Toco recebeu uma carona para sua casa no bairro Ponche Verde, na qual, mudaria o rumo do final de sua vida. A pessoa que cedera a carona era Vilma Zanini, que logo, tornara-se amiga de Cabo Toco e visibilizando sua história para o resto da cidade. Vilma organizou seminários sobre a revolução, conseguiu parceria com pessoas influentes. Cabo Toco passou a ocupar espaços entre as narrativas cachoeirenses, ganhou um soldo de 2º Sargento da Brigada Militar e um aparelho de surdez. Passou a residir no Asilo Municipal Nossa Senhora Medianeira em Cachoeira do Sul.

Suas narrativas espalharam-se pelo Rio Grande do Sul, e o encontro com Nilo Brum, compositor da música "Cabo Toco" ocorreu na mesma época do início da amizade com Vilma, em 1986. Por ocasião, em que precisou de cuidados médicos, Nilo Brum submeteu-se a uma operação em Nova Prata, sob os cuidados de um médico de quem já era amigo. Por coincidência, o médico era natural de Cachoeira do Sul, e durante as conversas com seu amigo-paciente, começou a falar sobre Cabo Toco. Interessado no assunto, Nilo Brum foi a Cachoeira do Sul procurar por Dona Olmira, para obter mais dados de sua vida. No dia 5 de maio de 1987 os

jornais de Cachoeira do Sul anunciavam: “Cabo Toco ganhou a V Vigília”. Cabo Toco subiu ao palco e foi aplaudida de pé pela plateia, foi a primeira vez que um protagonista de canção subia ao palco.

Cabo Toco morreu no dia 21 de outubro 1989, aos 87 anos. Depois da premiação da Vigília do Canto Gaúcho, passou por tratamento médico em função de uma doença crônica no pulmão, que acabou provocando sua morte, a doença de Dona Olmira era terminal. Ela havia sido internada no Hospital da Brigada Militar, em Porto Alegre durante um mês, recebeu alta e foi novamente internada, no Hospital de Caridade e Beneficência de Cachoeira do Sul, quando veio a falecer. Olmira Leal de Oliveira foi velada no Asilo Nossa Senhora Medianeira, foi sepultada no dia 22 de outubro no Cemitério Municipal de Caçapava do Sul junto ao seu esposo.

Figura 5 – Tumulo de Cabo Toco e esposo em Caçapava do Sul



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

Figura 6 – Lapide de Cabo Toco – Cemitério Municipal de Caçapava do Sul



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

Após sua morte, Cabo Toco foi homenageada em diferentes seguimentos no estado do Rio Grande do Sul, tornou-se nome de rua em Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul e Ijuí, de CTG do 9º Batalhão da Polícia Militar em Ijuí, Piquete em Esteio e da primeira turma de policiais femininas do Rio Grande do Sul.

Como um quebra-cabeças, a história de Cabo Toco aqui reconstruída partiu de suas narrativas escritas e orais, devido à falta do acesso a documentos oficiais. Através de conexões e desconexões, montei um panorama que formou um todo significativo, numa espécie de saga (LÉVI-STRAUSS, 1978). Desta forma, a saga de Cabo Toco, configurou-se como construção de narrativas permeadas em seu entendimento enquanto mito. A construção de uma possível trajetória de vida só foi imaginável pela mensagem que a narrativa passou a considerar como verdade categorizada por contradições dentro de um modelo. A história e o mito confundiram-se, no sentido do verbalizado tornar-se o oficial.

Lévi-Strauss em *Mito e Significado* (1978), já indicava que existiria a possibilidade do mito substituir a história, no que diz respeito aos povos sem escrita, aqui mesmo tratando-se de um povo alfabetizado, considero a existência de um encaixe discursivo, pelo fato da escrita da história oficial ser inacessível, por mim,

neste momento. A escrita que relata a trajetória de vida de Cabo Toco aqui proposta, envolve-se como mito, e deve ser pensada como uma construção etnográfica. A verdade dos fatos está na convicção de quem narra e a importância que os episódios tem para sua vida. Não há verdades concretas sobre a história de Cabo Toco, cada narrativa tem suas particularidades, as tramas e significados parecem sempre em transição.

Um dos primeiros estranhamentos durante o percurso etnográfico, veio justamente na tentativa de costurar uma possível historiografia para Cabo Toco, muitos dos fatos descritos repetidamente pelos jornais, eram diferentes daqueles que costumava escutar na infância. Questionei minha própria memória, assim como, aquilo que passava a ler como uma verdade jornalística construída para informar as pessoas. Numa primeira leitura, as páginas de jornais deixavam-me extremamente incomodada. Só conhecia um lado da história. Sempre soube que os homens de Zeca Netto, no episódio de espionagem, haviam pegado Cabo Toco e prendendo-a desacordada para ser arrastada por um cavalo.

Estranhar meu próprio pertencimento e conhecimento sobre Cabo Toco constituiu-se como categoria de tornar o fazer antropológico possível. DaMatta, (1989, p. 28) já nos fazia pensar na necessidade de “transformar o exótico no familiar e/ou familiar no exótico”, e essa foi uma preocupação desde a idealização deste trabalho. DaMatta (1989) frisa que, as transformações do exótico em familiar e/ou familiar no exótico, mesmo que sejam intimamente relacionadas e sujeitas a uma série de resíduos, elas não são perfeitas, e não vem quando queremos ou imaginamos, não é um processo mecânico, em que o próprio etnógrafo decide o que irá estranhar. Apesar de carregar grande empiria diante das narrativas sobre Cabo Toco e a partir destas ter formulado um passado a ser seguido como experiência, o exercício de estranhamento possibilitou que minhas verdades sofressem grandes rupturas.

Para Roland Barthes (1989), a fala mítica é formada por uma matéria já trabalhada, pois, visa uma comunicação apropriada, no sentido de dar ênfase ao as formas mais aceitável para cada grupo. Na repetição de elementos elaborados pela documentação etnografada, foi possível perceber a intensão do dito, no intuito do uso das palavras para poder chegar-se a um modelo passível de aceitação.

Mesmo que chegue-se ao relato real do acontecido no dia de espionagem ao acampamento inimigo, para quem narra pouco importará, pois, a sua própria versão sempre irá suprir a necessidade da memória e seu papel social. Existe uma função

simbólica na contradição que será de qualidade de manutenção da identidade do mito e do grupo interessado em representar o contexto para si.

Por fim, ressalto que muitas narrativas produzidas sobre Cabo Toco foram reelaboradas através do que a própria proferia sobre si mesma. Cabo Toco também tinha um interesse em passar uma imagem a comunidade que a cercava. Seu mito vem antes da morte e foi construído pela palavra viva da própria heroína, unido a significações elaboradas por aqueles que vivem o momento de reconhecimento junto a ela.

2.2 O MITO E A ESTRUTURA

Comover o leitor. Acusar não reconhecimento. Glorificar o “descobridor” do descoberto. Com a canção “Cabo Toco”, e a gênese do mito a partir daí, Cabo Toco tornou-se notícia, de modo a construir-se como heroína falida. Os jornais culpavam o povo cachoeirense²⁴ pelo não reconhecimento de Cabo Toco enquanto tal. A 5ª Vigília do Canto Gaúcho tornou-se um grande feito na vida de Dona Olmira, quiçá maior que os seus de guerra. Ser protagonista de uma música premiada trouxe à tona sua vida, sua bravura, seu sofrimento e seu esquecimento.

Parece contraditório, mas Cabo Toco estava sendo lembrada pelo seu esquecimento, como o símbolo do esquecimento, conforme afirmação da manchete do Jornal do Povo de 26 de fevereiro de 1988. Estavam reforçando um sentimento de culpa na população, informando sobre o mito, a música e a história. A documentação informava e criava subsídios para o leitor sentir, compreendendo a dor do esquecimento, consequência da pobreza e vida precária de Cabo Toco.

²⁴ Referente a nascidos/moradores de Cachoeira do Sul-RS.

Figura 7 – A hipocrisia cachoeirense de 26 de fevereiro de 1988



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

Com o etnografar da documentação, aos poucos fui definindo o panorama da intensão do escrito, que era de construir e reconstruir uma imagem visível e palpável ao leitor. As manchetes de jornais tinham o intuito de causar um efeito, uma comoção. Um entendimento que pudesse ser concebido e entendido de maneira imediata à leitura, formando uma opinião acessível. A intensão da documentação de jornal é informar sobre o mito, porém de maneira diferente das epopeias clássicas que evidenciam heróis, narrativas históricas que justificam acontecimentos.

Augé (1998) afirma que é preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel. Quando se esquece de recordar, ou ainda, recorda-se pela discurso do esquecimento a carência de lembrança ganha outros sentidos. Assim, o esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação em seu produto (idem, 1998, p. 27). Ao tratar Cabo Toco de maneira a evidenciar o seu heroísmo esquecido, a documentação afirma e reafirma a mulher que não se encaixa nos padrões dos heróis gaúchos que protagonizaram a história do Rio Grande do Sul, mas que passa a ser heroína a partir do momento que se tem um interesse de pessoas de fora do contexto da cidade de Cachoeira do Sul por ritualizá-la. O esquecimento aqui cumpre uma função pedagógica da memória,

exercendo a manutenção do tempo presente, remetendo a dimensão da experiência circunscrita na vida de Cabo Toco.

Segundo Renan (1887), o esquecimento é um fato essencial para a criação de uma nação, seja ela local ou extensiva ao nacional, pois ele garante o caráter de continuidade das identidades, reforçando a composição da memória elaborada pelos mortos, que deve ser mantida pelos vivos através do desejo de viver junto, numa grande solidariedade construída pelo sentimento de sacrifício por aqueles que viveram no passado, como grandes homens que lutaram e tornaram-se heróis. A lembrança pelo esquecimento em Cabo Toco, garante a manutenção das coisas em comum, que devem ser essenciais para as identidades, principalmente a do gaúcho, homem guerreiro, desbravador de territórios.

No início deste capítulo, quando introduzo o fragmento “*A mítica das mulheres heroínas*”, ilustro um pensamento social e um tradutor de relações. A partir do trecho, é possível pensar no papel social das mulheres na formação do estado do Rio Grande do Sul, em suas “liberdades” e a necessidade de manutenção do lar, enquanto seus esposos, os heróis de guerra, estão ausentes.

Por herói, entendo aquele responsável pela formação de uma identidade local, e que ao seu estilo de vida reflete-se o dever ser. Segundo Brum (2009), o gaúcho em sua tradição histórica como herói é fundado para simbolizar, como emblema, a saga da domesticação do território através da exaltação da bravura de sua dupla atuação como homem do campo e guerreiro. A figura que é exaltada quando os tradicionalistas falam no Rio Grande do Sul é sempre a masculina, deixando a mulher em papel subalterno nos afazeres de casa (OLIVEN, 1990).

Cabo Toco é citada pela Revista Tempo 16 ao lado de Anita Garibaldi. Para às duas o adjetivo “prostituta de guerra” foi dado. Como Anita dispusera-se a guerra por acompanhar seu amado Giuseppe, a ela o adjetivo foi dado no sentido de estar presente em muitos confrontos armados, já para Cabo Toco o termo “prostituta de guerra” é elencado de maneira pejorativa indicando que Cabo Toco dormia com os inimigos para que suas tropas vencesse as batalhas. “Cabo Toco teria feito tudo isso por ideais ou submissão?” Questiona a reportagem da revista.

De fato, o heroísmo e liberdade que cabe as mulheres no Rio Grande do Sul, como revela “*sua mítica*” na Revista Tempo 16, é poder ouvir as histórias na roda de

mate²⁵, está na capacidade de defender sua família de punho armado, é zelar por sua honra na ausência do marido. Para Neto (2009), o gaúcho é um tipo social humano, de origem do povoamento do sul da América pelo homem branco descendente de europeus, o autor afirma que o mito cunhado sobre a figura do gaúcho está na representação do passado que existiu dentro de um tempo determinado, no presente:

Sua constituição se deu desde meados do século XVII, com a colonização branca, até metade do século XX com a modernização agrária sul-brasileira, promovida pela industrialização e a urbanização, com todos os seus desdobramentos. Este intervalo de tempo que compreende pouco mais de três séculos sedimentou a cultura e a etnicidade do gaúcho. Sobre este passado se produziu uma identidade e sobre esta identidade se produz, hoje e desde então, representações sobre um passado mitificado, heroicizado, e idealizado num mito de origem (Idem, 2009).

Criou-se, portanto, uma tradição cunhada pela representação do gaúcho herói, pioneiro de um território, que passou a ser entendido como identidade, que sobre ela elaborou-se uma estrutura. Por estrutura, entendo a partir dos ensinamentos de Lévi-Strauss (1996), modelos metodológicos construídos junto a empiria, tendo como sua função perpetuar crenças e seus usos. A estrutura dos grupos está na maneira como os fenômenos sociais agem nos agrupamentos, e no caso do heroísmo no Rio Grande do Sul, a estrutura está circunscrita na imagem do homem do campo, que se configura como guerreiro, que conquistou seu território, para que este fosse propenso a educação de iguais a si, construindo um lar e tendo filhos que fossem educados pelo conceito de heroísmo, garantindo estrutura. As estruturas são fundadas num tipo ideal, prescrevem e assimilam circunstâncias, negando seu caráter contingente. Existe uma ordem que projeta o existente numa repetição, reproduzindo-se mesmo havendo mudanças sociais (SAHLINS, 2003).

²⁵ O chimarrão ou mate é uma bebida característica da cultura do sul da América do Sul, legada pelas culturas indígenas kaingang, guarani, aimará e quíchua. É composto por uma cuia, uma bomba, erva-mate moída e água a aproximadamente 80 graus centígrados. O termo *mate* é sinônimo de chimarrão e é mais utilizado nos países de língua castelhana. O termo "chimarrão" é o mais adotado no Brasil, sendo um termo oriundo da palavra castelhana rio-platense *cimarrón*.

Figura 8 – Charge “A Heroína” de 7 de setembro de 1999



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

O mito de Cabo Toco, constrói-se e desconstrói conforme aquilo que o documento tenta confirmar, de forma a categorizar relevâncias dentro de um modelo. A notícia mostra uma conexão de sentidos que tendência objetivar a resolução das contradições entre o passado e o presente, como uma linguagem simbólica (LÉVI-STRAUSS, 1975), que privilegia a memória e a imaginação. A partir da notícia o leitor toma para si um contexto, o adapta e forma sua versão segundo a sucessões dos eventos relatados pelo mito, não há regra lógica, porém suas características essenciais persistem.

A memória sobre o que se concebe como heroísmo, está a serviço de um interesse (TODOROV, 2005). O esquecimento sobre Cabo Toco, e ainda, sua lembrança pelo esquecimento formam o mito numa versão de narrativa. São pequenos contextos necessários para induzir um conceito de leitura, que se compõem em oposição ao mesmo tempo que se conectam. As versões do mito em si, podem serem suplantadas pela própria contradição, na medida em que cada uma é, como a outra, contraditória consigo mesma (LEVI-STRAUSS, 1975). Lembrar pelo esquecimento é uma contradição que exerce utilidade, reforçando o ideal de

heroísmo no Rio Grande do Sul. Compreendendo que a configuração de heroína feminina no Rio Grande do Sul, neste sentido, pontua-se por disputas simbólicas entre a história, tradição e atores sociais (BOURDIEU, 1989). Ao contrariar a tradição dos heróis, Cabo Toco mudaria sua relação com seu reconhecimento, diante de uma estrutura fundada sobre um tipo ideal de heroísmo.

2.3 O RITO, A VIGÍLIA, O DIA DA MULHER

Ritualizar Cabo Toco é uma consequência da música que se tornou mito, e do mito que se tornou uma comemoração. O rito que se formou diante da lembrança de Cabo Toco, corresponde a dimensões simbólicas que permeiam a papel da mulher em sociedade, principalmente no que diz respeito ao Rio Grande do Sul, e de seus parâmetros de romper com um consenso sobre o dever ser. Ritualizá-la em formas que conotem este sentido faz parte do processo que se impõem ao rito determinando sua finalidade (MAUSS, 2003).

A finalidade de ritualizar Cabo Toco, em determinada situação, corresponde a justificar suas ações num ideal que se encaixe em algo. Apesar de existirem muitos rituais que marcam a sua presença como principal, cada um deles corresponde a um tipo de subsídio criado para uma compreensão de sua imagem enquanto heroína sob forma da canção “Cabo Toco” e pela voz de Fátima Gimenez. Cultua-se Cabo Toco no Dia Internacional da Mulher, pelas entidades da Brigada Militar, pelo Museu Municipal de Cachoeira do Sul e pela Prefeitura Municipal Cachoeira do Sul. O rito é para Cabo Toco, mas sua ritualização, na maioria das vezes, é uma alusão a premiação da música e pela capacidade que a mesma teve de criar uma lembrança à heroína esquecida.

Figura 9 – Fatima Gimenez canta “Cabo Toco”



Fonte: Acervo da autora - 13/03/2015.

O rito em sua eficácia, promove em determinado espaço, um tempo e uma história que no tocante da ritualização, permeia um elemento para todo o sistema em questão, que garante compreensão não só para os envolvidos, mas para os que olham de fora e adquirem informações. Levi-Strauss (1971) já argumentava sobre a importância de olhar para o rito e ver o modo pelo qual as coisas são ditas, o ritual coloca em prática o mito (idem, 1971) através de uma comemoração.

Ao comemorar o ganho do prêmio pela música “Cabo Toco”, promove-se uma comemoração do passado que convém (TODOROV, 2005). A música é a maneira mais popular de lembrar Dona Olmira, ela reporta uma imagem que se reflete ao mito e aquilo que é de importância a ser lembrado. A comemoração segundo Todorov (2005), é um aprendizado comunicativo que reúne pessoas num consentimento de que aquela é a melhor forma de ritualizar o passado, a comemoração simplifica e sacraliza um ato, adaptando-o do passado conforme a necessidade do presente (idem, 2005). A comemoração não é a melhor forma de viver o passado no presente, às vezes ela serve apenas para comemorar interesses para elevar a moral de alguém (ibidem, 2005)

A ritualização de Cabo Toco está cunhada sob a imagem de Fatima Gimenez, sendo esta a glorificada pelos jornais. O enunciado da notícia é sobre Cabo Toco, mas os conteúdos são sobre Fatima e sua interpretação e premiação da canção “Cabo Toco”, por vezes como uma justificativa pela lembrança em Cabo Toco como heroína, por outras como Fatima Gimenez e seu esposo Heleno Gimenez como descobridores de Cabo Toco e terem mudado o curso de sua vida.

Figura 10 – Cabo Toco e Fátima Gimenez na 5ª Vigília do Canto Gaúcho



Fonte: Acervo da autora - 13/03/2015.

A relação de rito a Cabo Toco, no Dia Internacional da Mulher, conota a dimensão da significação da data e do ato social que aquelas mulheres ao reivindicarem seus direitos trabalhistas trouxeram a uma época. Existe uma comparação a transgressão as regras de gênero e luta por direitos. Já a ritualização permeia um sentido midiático de recepção. O entendimento acerca da comparação de Cabo Toco as comemorações do Dia da Mulher tangem as concepções concebidas por figuras femininas que compartilham em sua história o direito de pensarem sobre suas condições sociais e lutarem por seus ideais, que supostamente teriam revertido o estigma do ser mulher.

A música em si, e seu papel enquanto memória sobre Cabo Toco configura-se como disseminadora do mito. Pelo seu caráter de poder, a música “Cabo Toco”, acabou cumprindo seu papel político dentro da memória. Sendo usada como referência sobre Cabo Toco ao grande público, onde questões ideológicas aparecem

favorecendo a retomada da discussão sobre o papel da memória (HARTOG; REVEL, 2001, p. 07) e justamente, por aquilo que se quer esquecer e ritualizar.

A referência sobre Cabo Toco muitas vezes está no prêmio, e na alusão a música, formulando o mito em si, numa espécie de jogo de poder entre pessoas e entidades, como o próprio governo do estado do Rio Grande do Sul que passa a reconhecer Dona Olmira enquanto parte da corporação a partir da popularização da premiação da canção, e de seus próprios compositores e interprete, que passam a representar Cabo Toco. A mudança nesta concepção de poder, aqui esboçada, passa a ser revertida através do papel da narrativa de mulheres, que passam a tomar a letra da música como referencial²⁶ para si, não apenas a alusão ao prêmio.

Ao etnografar estes processos, tive muitas dúvidas sobre o conhecimento que a música queria transmitir e sobre o presente e sua necessidade de moldar o futuro. A música, apesar de grande sucesso no final dos anos 80, ainda projeta a direção da esperteza da memória. Grande maioria das pessoas desconhece o conteúdo da música, acabam pedindo para cantar. Constrangida, recito alguns fragmentos e estrofes, que causam estranhamento nas pessoas.

Apesar de tudo, a biografia de Cabo Toco ainda é inquieta, e tem o papel de reafirmar o lugar e a importância da história para o pensamento e a ação das pessoas do presente e suas políticas de memória. Para compreender a interpretação da história de Cabo Toco, em seu conjunto formulando o mito e sua representação, é preciso entender o contexto em que as memórias são acionadas, e a intenção narrativa que está em vigor a cada fragmento etnografado, e o que o mesmo tem a ensinar.

Portanto, é perceptível a existência de uma memória em disputa pela legitimidade do contar sobre Cabo Toco. São tipos de reflexividade em jogo, ligadas a determinadas concepções do tempo e as suas consequências ao nível da reprodução e da mudança social. Os discursos teriam, de fato, de ser forçosamente diferentes (LENCLUD, 1987, p. 121-123 apud LOPES, 2005), pois cada um toma para si Cabo Toco de modo a justificar suas práticas.

²⁶ A letra da música “Cabo Toco” foi etnografada especialmente para o capítulo IV desta dissertação, e explica as referências e disparidades da alusão ao prêmio e da letra da música, num jogo de mito em si, e mito para si.

2.4 MULHERES QUE CONTAM, RECONHECEM E REVERTEM

Na introdução de “Ilhas da História”, Marshall Sahlins (2003) argumenta sobre a circulação da história, que dentro de contextos antropológicos, ela determinaria como os grupos organizaram-se dentro de uma tessitura concebida como cultura. A história seria a cultura num esquema de significações diferentes, e vice-versa, na qual se moldaria conforme o exercício de sua realização, nas ações criativas dos sujeitos históricos e sua organização diante de uma cultura preexistente (SAHLINS, 2003).

As narrativas sobre Cabo Toco, se constituem dentro de um quadro que determina possibilidades para os grupos em suas práticas, que tem o intuito de explicar comportamentos elaborados por uma aprendizagem. As narrativas tem caráter legitimador de ações e agências, que reforçam a discussão e elaboração de questões sobre a função pedagógica da memória.

A intencionalidade do contar, para além da produção e reprodução de conhecimento, é uma característica fundamental para a compreensão das relações as narrativas sobre Cabo Toco. A memória em seu caráter pedagógico formula uma agência feminina, criada diante das relações de poder e processos de subjetividade, que em termos de valores diferenciados e hierárquicos, garantem uma dinâmica de contra hegemonia de práticas (ORTNER, 1990). São estágios que revertem relações, e são produzidas por afeto ou solidariedade, poder ou rivalidade que atuam de maneira a influenciar os indivíduos a pensarem para além de uma estrutura (ORTNER, 2006). Neste sentido, a narrativa de Cabo Toco, propõe-se a pensar em acontecimentos que mantem viva as oralidades, mesmo que em diferentes conotações e ensinamentos que determinam segmentos de aprendizado para a vida, sejam elas pautadas pelas tradições gaúchas ou pela tentativa de reversão da mesma.

Em seu contexto particular, as professoras narradoras, durante os encontros em que tivemos e conversamos sobre Cabo Toco, exaltaram sua vontade e interesse em participar da pesquisa, formando um leque de possibilidades a partir dos primeiros contato. Aqui a palavra interesse vai além do narrar propriamente dito, elas procuram ensinar o que sabem e aprender com outros correlatos, buscam informações. Propõem-se a pesquisar não só como uma atitude de ajudar a compor

as diferentes vozes dessa etnografia, mas de maneira a garantir um conhecimento a mais sobre Cabo Toco para si mesmas.

Ao colaborarem com os subsídios de pesquisa, trazendo outras narrativas, as interlocutoras acabam tornando outras vozes visíveis. Elas interpretam suas próprias falas e a representação que circunda da figura de Cabo Toco. Conhecer sobre Cabo Toco, para estas mulheres, é uma maneira de legitimar a afeição que as mesmas tem com Dona Olmira. Para além de representar Cabo Toco, as professoras representam a si mesma, vendo-se em Cabo Toco.

Na verdade eu não sei contar muito sobre a história dela, os detalhes, sobre o que aconteceu realmente. Ela morava no Bairro Ponche Verde, começou a aparecer nos jornais e despertar a curiosidade da gente. Quando saiu a música todos comentavam sobre, não pela música em si, mas pela história de vida. O sofrimento que ela carregava era evidente, pela velhice, o abandono, mas aquilo ao mesmo tempo despertava conhecer os motivos de tudo. Ela rompeu com os padrões de uma época, apesar dela ter sido colocada como homem nos papéis oficiais, eu acho que ela sabia que um dia seria reconhecida como mulher guerreira, e é isso que eu carrego pra mim e tenho interesse de contar para os outros entrevista 26/10/2015 com Joana Galvão.²⁷

Procuro sempre me informar sobre as exposições que tem no museu sobre ela, gosto de ir lá ver o que tem sobre, as vezes são as mesmas coisa, objetos no caso, mas o enfoque que o pessoal dá é sempre diferente. Pra mim é uma honra que ela ter escolhido Cachoeira para passar o resto da vida, eu morei no Bairro Ponche Verde, eu era pequena e a gente via ela, carregando as mercadorias do pessoal que comprava no mercadinho do bairro na carroça. Depois quando ela foi morar no asilo eu já estava grande, já estava acabando o curso normal, lembro que quando saiu a música tivemos uma aula sobre isso, mas eu não me lembro direito quem era o professor. Aquilo foi importante porque eu passei a entender que a história dela era importante de ser passada. Conversa de Joana Galvão com sua colega professora Anita Garibaldi (Gravação 09/09/2015).

Quando a gente era pequena, eu e minha irmã, meu pai tinha um armazém no bairro ponche verde e ela ia lá comprar algumas coisas. A gente nunca entendeu quem era aquela mulher com nome de homem, a gente morria de medo e se escondia. Coisa de criança, né?! Mas a gente morria de medo! Para mim ela era uma heroína, porque fazer o que ela fez e naquela época. Deve de ter passado por muita coisa, ainda mais vivendo com um monte de homem. Eu me inspiro muito nela, na coragem que ela teve, apesar de saber que ela morreu aqui pobre, pouco gente sabia quem era ela. Depois de grande que eu fui entender o significado que ela tinha, eu acredito na importância que ela tenha não só pra cidade, mas para as mulheres daqui. Foi uma porta que se abriu através dela para todos verem que as mulheres são guerreiras, não só para os homens verem, mas para as próprias mulheres verem que podem tudo (Chica Papagaia em 29/04/2015).

²⁷ Os pseudônimos do item “2. 4 Mulheres que contam, reconhecem e reverterem”, correspondem as mulheres guerreiras que Vilma Zanini do ano de 2010 comparou com Cabo Toco no relato ao Museu Municipal de Cachoeira do Sul, as mesmas mulheres também apareceram em comparação a Cabo Toco na Revista Tempo 16 s/d.

A Cabo Toco, parecia duas pessoas diferentes, mas não são. Tem muita gente que pensa que ela é só uma música, mas para nós que conhecíamos ela antes da Vigília, ela é uma heroína. Por muitos anos viveu como miserável, doente, passando necessidades, em Cachoeira e sem ser reconhecida por ninguém. Viveu a penúria e revoltada como uma velha ranzinza, uma imagem meio ruim para quem defendeu nosso chão com muita fibra e coragem deixando muitos homens envergonhados. Ai virou heroína antes de morrer, só por causa da música? Eu acho que não, porque ela não precisa ser a heroína de todo mundo, só para a gente que sempre viu o que ela representava tá bom, não precisa de quantidade, mas de qualidade (Frutuosa da Silva 22/09/2015).

A escrita etnográfica aqui entona a múltipla experiência de pessoas que tem a intensão de tomar para si a narrativa sobre Cabo Toco, a colocando como heroína digna da feição do grupo, elaborando outras significações a memória que foi elaborada pela documentação etnografada nos jornais. As múltiplas vozes formulam um argumento polifônico, que foi construído pela permissão do diálogo em aberto, dando conta de diversas frações envolvidas pela representação em Cabo Toco, que conseqüentemente contribuindo para a perpetuação de uma oralidade, e de uma virada histórica da concepção do mito.

O jogo de vozes estabelecidos e suas relações, ressalta as questões empíricas, que permeiam a vidas dessas mulheres que narram, sua necessidade de reformular categorias, e de ensinar e aprender sobre Cabo Toco. A partir do momento que se toma a história de Cabo Toco para si, o que é levado em consideração são suas ações, e não mais uma estrutura que julga o que é concebível ou não, é a transformação criativa que prevê uma finalidade, os indivíduos tem autonomia sobre sua cultura e reverter estigmas históricos (SAHLINS, 2003).

Durante o etnografar da documentação jornalística de Cachoeira do Sul, percebi uma nítida mudança de discurso, na qual foi dando espaços para as narrativas contadas sobre Cabo Toco por mulheres nos jornais. Numa classificação não temporal, é possível notar que a intensão destas mulheres é de reverter a estrutura de heroísmo concebida pelo tradicionalismo no Rio Grande do Sul, numa tentativa de transpassar o conhecimento adquirido sobre Cabo Toco e a imagem que os veículos de comunicação queriam dar a ela.

A reportagem de 05 de setembro de 2003, o Jornal do Povo de Cachoeira do Sul trouxe “As mulheres da Vigília”, lembrando que “Cabo Toco teria subido ao palco desfazendo-se das convenções, rompendo barreiras com o presente, para mostrar que homens e mulheres têm potencial e merecem ser respeitados e incentivados

nas suas escolhas profissionais”. Não obstante, entre outros segmentos que apresentavam Cabo Toco apenas como uma música, passaram a elaborar uma narrativa de equidade de gênero pela voz dessas mulheres que ensinam e aprendem sobre Cabo Toco. O discurso sobre a Vigília do Canto Gaúcho ainda existe, por vezes, ainda pelo esquecimento, mas ele ganha conotações em prol a Cabo Toco e menos a Fátima Gimenez, mas tudo depende do teor da notícia e a quem se quer chegar ou o que se pretende anunciar.

A ritualização de Cabo Toco aqui conota um sentido cotidiano, que prevê a possibilidade de contestar estruturas elencadas como inculcadas culturalmente (LEACH, 1995), e ainda, coloca quem questão o aprendizado em sua intenção de prática social. Assim, quando se aprende e/ou se ensina sobre Cabo Toco, evidencia-se um aprendizado politicamente situada, nas relações entre sujeito-mundo, guiados pela construção de uma identidade em prática, que atua em prol de uma reversão de padrões.

Considero, que mesmo diante de todas estas relações, não há uma mudança total em relação à concepção de heroísmo no Rio Grande do Sul, e muito menos no que diz respeito a Dona Olmira. O que acontece aqui é um grupo tomando para si essa reversão e fazendo-se agir a partir dela. O aspecto do agir em prol de reconhecer Cabo Toco enquanto heroína torna-se um ritual, por tratar-se de considerar rituais todos os aspectos comunicativos das relações sociais (LEACH, 1995). O ritual é respeitado inevitavelmente para entender como estas mulheres estão articulando-se contra um costume cultural padrão. O rito torna-se bom para pensar o mito (PEIRANO, 2003, p. 39).

Rituais e representações são determinantes da vida em sociedade que, muitas vezes, exigem que os indivíduos deem sua própria vida para defendê-los (idem, 2003:19). Cabo Toco representava a honra de sua família no ambiente de guerra, e como devir garantiu que sua bravura como um elemento pedagógico, para que fosse contada como exemplo do passado para o futuro. A etnografia junto as mulheres que narram tornou visível a capacidade da oralidade enquanto ritual, o ritual é um fenômeno especial (ibidem, 2003, p. 10) entre as professoras, é uma monção de representar valores em comum, é uma maneira de aprender e ensinar sobre Cabo Toco.

2.4.1 Dádiva dos objetos

Durantes seus 87 anos, Cabo Toco levou uma vida simples. Estava sempre vestida com uma saia longa, um cascado de flanela xadrez e nos pés usava conga²⁸. Nos cabelos completamente grisalho um coque, para hidratá-los azeite de mocotó. Seus pertences resumiam-se em suas roupas, grampos de cabelos que auxiliavam a segurar seu coque, objetos que havia usado em guerra, objetos religiosos, alguns presentes que havia ganhado de casamento e um diário pessoal.

Para dar conta de pensar a importância desses artefatos, numa mistura de diário de campo e diário pessoal, retomo mais um relato de minha infância, que vai de encontro com minhas memórias, com os objetos de Cabo Toco e subjetividades expressadas pelas interlocutoras durante a etnografia:

Eu e minha irmã, que é um ano e quatro meses mais velha que eu, gostávamos muito a ajudar nossa mãe em casa. Estava prestes a fazer 3 anos, era período de páscoa, para ser mais exata, era uma sexta-feira santa. Ansiosas para elaboração das cestas de páscoa, eu e minha irmã desobedecemos às ordens de minha mãe, que já havia nos alertado que esperássemos ela terminar de preparar o almoço para pegar os papéis celofanes que estavam num armário na cozinha no qual chamávamos de paineleiro. Era um armário comprido e fino de três portas, uma em cima da outra. Sorrateiramente, minha irmã se abaixou e encontrou na porta mais próxima ao chão os tão desejados ninhos para o coelho da páscoa, ao tentar pegá-los ela de joelhos quase entrou no armário e eu curiosa me debrucei sobre a porta do mesmo. O armário veio ao chão com tudo que havia dentro dele. Minha irmã saiu ilesa. Pedimos desculpas para nossa mãe e numa mescla de alegria, por minha irmã estar bem, e tristeza pelos objetos destruídos no chão ela responde: - Vocês quebraram todas as coisinhas que a Cabo Toco me deu! (Diário de campo 14 de junho de 2015).

Quebramos uma jarra de cristal, taças e pratos, fora outras louças que eram de minha avó paterna. Até hoje minha mãe lamenta-se pelos objetos perdidos de Cabo Toco. Restou um grampo de cabelo, guardado até hoje como uma lembrança. O grampo corresponde a um pedaço material do que sobrou de Cabo Toco. Um acionamento de memória que corresponde uma lógica de reciprocidade.

²⁸ Conga é uma marca de calçado pertencente a empresa Alpargatas (São Paulo Alpargatas S.A.). Com um design simples, o modelo básico e original tem uma sola de borracha com cores diferentes ao restante do "corpo" do calçado e suas primeiras edições eram de baixo custo, sendo adotado por escolas públicas como parte componente do uniforme escolar. A marca Conga foi lançada em 1959, sendo sucesso de vendas nas décadas de 1960 e 1970. A marca permaneceu entre as mais vendidas durante os anos de 1980, porém, no início dos anos de 1990 a Alpargatas descontinuou este modelo. Somente em 2002 a marca foi relançada, agora com um produto fashion, voltado para o público feminino e posteriormente foi direcionado como um produto para o segmento infantil e jovem.

A reciprocidade que Mauss (2003) identificou e teorizou enquanto dádiva, faz-se presente nestes objetos pessoais de Cabo Toco. Ela presenteava aqueles que dela aproximavam-se em determinado momento de sua vida. Essa ajuda tange tanto as questões de necessidade básica como alimentação, tanto nas relações do caráter de seu reconhecimento enquanto heroína.

Ofereceram ajuda a Cabo Toco, em troca, ela proporcionou contar suas histórias de guerra. De volta vieram os primeiros subsídios de reconhecimento como heroína, e por fim, Cabo Toco retribuiu presenteando seus amigos com o que lhe restava para além das oralidades. Como em Mauss, o processo não se constituiu como uma simples troca, mas sim como parte do método de reconhecimento pela dádiva do doar-se ao outro (RICOEUR, 2004).

Figura 11 – Quadro da Sagrada Família pertencente a Cabo Toco



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

A caixa de objetos de Cabo Toco, disponível no Museu Municipal, representa em seu caráter visual, a religiosidade de Cabo Toco e sua profissão de enfermeira.

O caráter simbólico destes objetos, tange as relações do reconhecimento de uma heroína e ainda, a necessidade de consideração para além da restrição à amizade.

Os objetos que temos aqui no museu foram doados pela amiga de Cabo Toco, Vilma Zanini, ela doou para que outras pessoas tivessem conhecimento sobre Cabo Toco com as exposições que fazemos (Guia do Museu Municipal de Cachoeira do Sul 08/09/2015)

Colocar os objetos a disposição do Museu Municipal revela a intensidade da reciprocidade, cada objeto em si representa Cabo Toco em forma materializada, mesmo eles estando nas mãos do Museu, ou de outras pessoas, eles sempre serão de Cabo Toco e representarão sua gratidão pela amizade e reconhecimento.

Para Paul Ricoeur (2004), a gratidão é uma forma de reconhecimento de dupla alteridade da amizade, onde as almas misturam-se, reconhecendo o outro garantindo reciprocidade de respeito e intimidade. Para o autor, reconhecer é poder dizer e poder fazer, narrar e testemunhar expressando um sentimento em prol da representação coletiva (idem, 2004).

Figura 12 – Fogareiro de esterilização



Fonte: Acervo Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 08/09/2015.

Os pertences de Cabo Toco passam uma informação de sua existência. No museu, os itens formulam um aprendizado da história narrativa que toma forma real

pelos objetos. Os itens personificam Cabo Toco, e formulam uma memória visual imaginada. Os objetos remetem ao passado por sua aparência e tornam o processo de contar como algo lúdico.

Figura 13 – Presente de Cabo Toco a uma amiga



Fonte: acervo da autora - 29/04/2015.

Os objetos, aqui podem ser tratados como relíquias, em sua antropologia, possuem significados diferentes dos que se atribui àqueles de uso convencional. Seu caráter perde a funcionalidade cotidiana de usos e manuseios, tornando-se algo que pertence a uma memória que deve ser vista e não tocada pelas mãos de todos. Assim, estas relíquias possuem personalidade e um conjunto de valores, atitudes e sentimentos daqueles que os inventaram, os usaram, os conhecem e os desejam e os deram a nós (GONÇALVES, 2007). O uso desses objetos, que no relato das interlocutoras correspondem a troféus, promovem um tipo de aprendizado sobre seu uso, eles em si, mediam uma relação com Cabo Toco e objetificam suas habilidades (WAGNER, 1981).

Estes objetos, correspondem a uma memória privada, sobre a relação entre presenteador e presenteado, são dádivas de dimensões sagradas que promovem mediação entre a história, memória, subjetividades e pessoas. As relíquias de Cabo Toco simbolizam o testemunho de uma realidade, pertencimento e experiência.

As enfermeiras²⁹ guardam o que ganharam de Cabo Toco como se aqueles objetos fosse um troféu³⁰ a serem expostos em suas casas. Eles ganham lugar de destaque nas salas-de-estar e conotam o sentido de tesouro particular da amiga heroína.

Ela me deu antes de morrer esse conjunto de mesa, disse que nunca tinha usado, que ganhou de casamento. Não tinha nem o que comer, como iria usar uma coisa chique dessas? Eu fiquei bem feliz quando ela me deu, parecia que ela estava tentando agradecer pelos lanches que eu trazia. Eu não pedi nada em troca, eu fazia porque adorava quando ela ficava me contando as histórias de guerra. Eu também tinha muita pena, porque ela passou muita coisa nessa vida. Ela quis me dar e eu aceitei, quando como se fosse um pedacinho dela, quando olho lembro dela, as histórias. Enfermeira que atendia Cabo Toco em 1985 (29/04/2015).

Assim como os objetos que Cabo Toco havia dado a minha mãe, outros foram distribuídos a outras amigas que reconheceram Cabo Toco não só como uma velha senhora que passava por necessidades, mas como uma heroína que precisava ser ouvida e ter sua história difundida. Este reconhecimento faz parte da dádiva em si, balizando-se primeiramente no reconhecimento de si mesmo. Explico esta afirmação, a partir do momento em que ao contar seus feitos de guerra, Cabo Toco reconhecia-se como heroína e recebia conotação de aceitação, gerando consideração mútua de reciprocidade. Cabo Toco doava-se enquanto heroína, criando subsídios para ser lembrada como tal.

Não é só pelos objetos apresentados aqui, que Dona Olmira remete-se a religião. Para explicar esta afirmação, atento para o próximo capítulo, e o caráter religioso que envolve a narrativa sobre Cabo Toco e seus desdobramentos em diferentes formas de aprendizados.

Cabe concluir, ressaltando, portanto, que os objetos em seu caráter de memória pedagógica, correspondem a um pequeno esforço dedicado para a garantia de glória. Segundo Cardoso Oliveira (2004), nem sempre o reconhecimento vem pela justiça, é necessário apelar para os sentimentos de um grupo específico, dando-lhe visibilidade e voz para que possam construir para o prestígio futuro. No caso de Cabo Toco, a importância daqueles que a ajudaram contribuiu para simbolizar sua representação. A dádiva dos objetos, pertence a um mérito mútuo

²⁹ Algumas interlocutoras não permitiram fotografar seus objetos de Cabo Toco, para elas há um nítido perigo do museu municipal da cidade requerer os objetos.

³⁰ Nomenclatura usada pelas interlocutoras como referência aos objetos que Cabo Toco as presenteou.

daqueles que participaram da relação, é um dom de Cabo Toco: se reconhecer e transmitir suas narrativas e objetos; é um dom aqueles que ao mesmo tempo doaram e receberam tentarem compartilhar o reconhecimento com outrem.

As relíquias de Cabo Toco, são, portanto, materialidades que evocam o “dar, receber, retribuir” como uma garantia de manutenção de memória e valores. Eles correspondem a uma parcela do legado de Cabo Toco, um paralelo entre os aprendizados, narrativas e o visual materializado em objetos de pertencimento. Segundo Gonçalves (2007), estes objetos tem um caráter universal de mediação que se difunde entre os espectadores e o mundo “invisível” do qual falam os mitos, as narrativas e as histórias. Essa mediação, cabe sublinhar, é realizada especificamente através dos objetos, uma vez que, estão expostos ao olhar, seja no museu, seja por que foi presenteado por Cabo Toco. Assim, realizam uma mediação entre os dois termos de uma oposição igualmente universal: o visível e o invisível (idem, 2007).

Lembrar Cabo Toco, seja pelo esquecimento, seja pelo Dia da Mulher, ou até por um objeto, que correspondem a produtos simples de uma vida, elabora o exercício de simbolismos, práticas, estruturas, e ainda, processos de agência. Os objetos representam uma prova oficial que Cabo Toco teria existido e o que teria realizado em vida, demonstrando identidade em forma de objetos, e uma dinâmica de memória e resistência ao tempo, exercendo uma pedagogia de continuidade ao passado. Cabo Toco reconstrói-se simbolicamente em um objeto físico, como se fossem seus restos mortais.

3 DONA OLMIRA ENTRE O SAGRADO E PROFANO

[...] os narradores tem o poder de relatar o fabuloso, de memorização algumas vezes atribuídas a tradição de seu povo. Não memorizam tudo, absolutamente. Em vez disso, combinam frases estereotipadas, fórmulas e segmentos de narrativas, em ordens improvisadas de acordo com a reação de sua audiência [...]. As narrativas, consideradas como tal, permanecem bastante consistentes, se ampliam e se desdobram dentro dos padrões habituais do folclore, onde as variações estão nos detalhes [...]. Como na maioria dos tipos de narrativa, desenvolvem tramas padronizados, a partir de temas convencionais, recolhidos aqui, ali e em toda parte. Apresentam uma aflitiva falta de especificidade para qualquer pessoa que deseje situá-los em pontos precisos do tempo e do espaço. [...] (DARNTON, 2015).

3.1 APRENDER PELA MEMÓRIA, PELO FOLCLORE E PELA RELIGIÃO

A memória de um povo é a construção e reconstrução coletiva de um tempo imaginado no passado. A memória só existe porque há esquecimento daquilo que não é importante lembrar. A memória é um reflexo daquilo que se tem por pertencimento, e logo, por tradição. Halbwachs (2006, p. 30) enfatiza que as lembranças são sempre coletivas, mesmo que sejam correspondentes a eventos vividos em uma experiência estritamente individual e “isto acontece porque jamais estamos sós”. Vivemos em sociedade e carregamos conosco as referências da vivência coletiva (FACCIN, 2015).

As tradições, tomadas aqui como exemplo de memória, são a expressão daquilo que o coletivo deseja ensinar como verdade sobre a realidade vivida no passado. Assim como a memória, a tradição tem uso político, e no que tange o folclore sua narrativa de vivência coletiva ao longo dos séculos, consolidou-se como uma forma de aprender e ensinar a tradição. Ao narrar a memória, exalta-se personagens que contemplam a experiência do contexto social em seu caráter moral e ético tendo fundamentação na tradição. A identidade narrativa não é uma identidade estática, ela pode ter muitas variantes, que dão a vida da personagem sentido narrativo, quando sempre que possível, há tramas sobre sua própria vida, intrigas diferentes ou até opostas (RICOEUR, 1997).

Contar pelo folclore é uma tradição que remete a memória, assim, as narrativas folclóricas seguem o pressuposto da memória popular, formulando o imaginário do dever ser. Qualquer que seja o tipo de mundo social onde exista, o

folclore é sempre um tipo de expressão popular, que pode transpor-se através de falas. É uma linguagem que o uso torna coletiva. O folclore são símbolos. Pelo meio dele, as pessoas dizem e querem dizer (BRANDÃO, 1984). A interpretação do folclore aplica-se a movimentos utilizados no tratamento de declarações de quem narra e sobre outras formas humanas que aparecem ao longo do percurso falado. Quem narra pelo folclore, usa modelos analíticos e categorias estratégicas para justificar existências, realidades, radicalismos, num vocábulo sedutor que envolve o que acredita ser real para dar efeito a lógica da forma popular.

Segundo Renato Ortiz (1996), a partir do século XIX, a cultura popular torna-se folclore, redefinindo os estudos das tradições como uma nova ciência, articulando-se com as ciências sociais de Comte e Spencer. Houve uma popularização da ideia de progresso e o folclore estava entre o meio-termo, entre o popular e o científico, formulando um paralelo que possibilitou a tradição ser reconhecida como tesouro da alma popular, nostalgia reveladora na luta contra o tempo (idem, 1996). O folclore é uma autoafirmação cultural, ele é positivista pois é feito de memórias selecionadas que servem de utilidade.

O folclore no Rio Grande do Sul parte de uma história cunhada diante da formação de seu território e da composição inédita de um povo formado por estancieiros, militares, açorianos, indígenas e negros. Para, depois, no século XIX, aceitar o alemão pela primeira vez no Brasil, depois o italiano, um no Primeiro Império e outro no Segundo Império. O polonês no fim do século XIX e em seguida as mais competitivas procedências, ou do japonês, ou ucraniano, sírio, libanês, árabe, holandês, suíço, letônio, judeu, sueco, dinamarquês, e até inglês, americano e belga. De novo, coube ao Rio Grande participar de uma dimensão antropológica na criatividade do tipo brasileiro, surgimento do tipo, e juntamente com mais Estados: espanhóis, russos, franceses, etc. (DE LAYTANO, 1984).

Segundo Fagundes (2000), o folclore do Rio Grande emana de fontes variadas que compõem seus mitos e as lendas que traduzem a alma popular. O folclore é aquela cultura espontânea, não oficial, que flui paralela e obrigatoriamente à cultura oficial, dita erudita, ou escolástica. Trata-se de um complexo cultural altamente efetivo que se entranha em nós com tamanha naturalidade que não nos damos conta de sua força, a não ser quando tomamos deliberadamente consciência de sua presença. O folclore nos confere um caráter político, nacional e regional. Assim, os mitos e lendas são a história dos países, contadas pelos seus povos, o

folclore é dinâmico, funcional, pragmático e utilitário. Se o povo descartar prontamente um fato folclórico, ele perde sua função e sua permanência na memória do povo. O povo conta mitos e lendas para fazer a sua autobiografia, para relatar as suas memórias, os mitos, são um depoimento que o povo faz sobre si e para si mesmo (idem, 2000).

O folclore é a história contada de modo lúdico, e no Rio Grande do Sul tangem narrativas mitológicas entre cosmologias, universais e atemporais. Não se localizando no tempo e no espaço, referindo-se a fenômenos da natureza e às suas forças: o céu, o sol, a lua, as estrelas, os ventos, as águas (o Dilúvio universal aí incluído), a criação do mundo, do homem e da mulher, o Bem, o Mal, os monstros do terror primitivo (ibidem, 2000).

Cabo toco como folclore, conota a narrativa da transmissão de conhecimento atrelado a tradição, e as narrativas mitológicas perpetuadas no estado do Rio Grande do Sul, através dos grandes heróis regionais, como esboçado nos primeiros capítulos deste trabalho etnográfico. A abordagem do “como se fosse folclore” perpassa a ideia de que a narrativa biográfica sobre Olmira nunca vem desacompanhada do relato puramente autobiográfico, ou ainda historiográfico do relato oral, ela é acompanhada de simbolismos e especificamente do sobrenatural.

Ao voltar aos diários de campo, percebi que havia tessituras ainda inexploradas, como a referência de Cabo Toco pela religião, ainda que, no capítulo anterior alguns de seus objetos pessoais perpassassem o âmbito do sagrado. Aqui, passo a referir como religião, a capacidade de lidar com o sobrenatural, não pensando em sua crença religiosa específica, mas num contexto religioso. Acredito, que a prática religiosa, perpassa a maneira de controlar a vida, dando soluções para problemas e margem de conhecimento sobre o mundo. Percebo que, deste modo, a religião dá forma e ensaia a vida, permeando importantes laços sociais, e reafirmando o caráter do mito em Levi-Strauss (1978), onde toda mitologia haverá presença do sobrenatural, acima ou abaixo da humanidade em relação a seus poderes, onde o bem e o mal podem estar na mesma pessoa (LEVI-STRAUSS, 1978).

A narrativa sobre Dona Olmira perpassa o imaginário do folclore e do mito. Pelo folclore por remeter particularidades e narrativas regionais caracterizadas pela história da construção territorial do estado do Rio Grande do Sul, e pelo mito diante de suas referências sobre o bem e o mal. Aprender Cabo Toco pelo folclore começa

na infância. As narradoras retomam a memória deste período da vida para esboçar a gênese do passar a conhecer as diferentes formas de referência a Dona Olmira num diálogo não infantil. Comparo o aprendizado sobre Cabo Toco com aprender o folclore pela religião diante do profano da infância e o sagrado marcado pelo medo do sobrenatural, do desconhecido que pode nos assombrar. Daquilo que nos toca por imaginar ser castigado. É o medo da força divina, da culpa. A religião tem autoridade em relação às crianças, assim como, as histórias de Cabo Toco, quando a mesma, torna-se o mal assombro das narrativas dentro do núcleo familiar.

Para que tudo isso possa fazer sentido, é preciso exemplificar. Cabo Toco conota histórias que perpassam sua imagem como guerreira, religiosa, heroína e mulher que desafiou padrões por um ideal, mas que na infância é percebida e representada como uma velha, curandeira, “mulher do saco”, divindade sobrenatural e mulher macho. Escutar as histórias sobre Dona Olmira, torna-se um micro ritual da vida infantil, pois tornam-se comuns, numa espécie de exemplos de valores codificados que respeitam um lugar e comportamentos repetidos revivendo uma identidade social (RIVIERE, 1996). As narrativas em si, não são contadas abertamente as crianças, elas permeiam as conversas dos adultos e atingem diretamente as crianças pelo compartilhamento de espaços. Não é apenas ouvir a narrativa, é sentir como forma engajamento da pessoa no mundo que resulta na condição primeira para a educação (INGOLD, 2010). Nas palavras de Tim Ingold (2010), este processo não se resume em conhecimento comunicado, mas sim na noção construída a partir de orientações e caminhos traçados pelas gerações anteriores.

Fazendo referências sobre Dona Olmira, as narrativas, em determinados momentos remetem-se a religião e ao folclore, na tentativa de justificar atos e ensinamentos de Cabo Toco, e ainda, as próprias agências de quem narra. Não é possível dizer em ordem cronológica em que momento haviam estas citações, elas aparecem nas narrativas de formas desconexas a cada entrevista/encontro com as interlocutoras e o processo de escrita do diário de campo. Estas desconexões, em seu papel didático, constroem uma linha (INGOLD, 2012) que são incorporadas aproximando mesmo o que parece ser diferente numa continuidade de informação, produzindo, assim, um conhecimento engajado na experiência dos atores conforme sua vida cotidiana. A religião elemento na vida destas pessoas que narram, e de fato, quando refiro em fazer parte, levo em consideração o sentido que a religião

possa ter em suas vidas. A religião releva linguagens segundo o tipo de crença que se tem, de tal modo, como a linguagem do narrar apresenta constantes mudanças diante da perspectiva religiosa dos atores da pesquisa. Portanto, assim como a religião, as narrativas sobre Cabo Toco, garante um rito que envolve pessoas e emoções, e desperta sentimentos morais dentro de uma simbologia folclórica e mitológica vigente.

A religião, desde Durkhiem (1997), é vista como algo que permite, a grosso modo, a humanidade suportar sua existência. A religião e seus ritos cumprem uma função social ao colocar várias pessoas coletivamente em uma celebração que afeta os sujeitos pela coesão social e pelo emocional (DURKHEIM,1997). Nas ideias de Durkheim (2000), é preciso seguir os mandamentos de alguém, e introduzi-los nas vidas das pessoas que estão dentro de um sistema de crenças e atos, é conciso crer em algo para sentir-se contemplado por uma experiência. Ao passar uma experiência através da religião as entidades divinas passam a ter força moral sob seus adeptos, devem viver sabendo dos limites entre o certo e o errado, quem não segue o que é “sagrado” é punido.

No estruturalismo de Levi-Strauss (1989), os elementos básicos da vida são percebidos em oposições binárias, o cru e o cozido, o dia e a noite, o bem e o mal, o sagrado e o profano. Para Levi-Strauss, a religião atravessa uma lógica cultural na concepção de sua essência, organizando os sujeitos em seu mundo. A construção de narrativas religiosas perpassa a construção dos mitos que tem, por finalidade, dar sentido aos acontecimentos do passado para o presente, de como a verdade esconde-se por detrás das aparências (LEVIS-STRAUSS, 1989).

Figura 14 – Cabo Toco em sua casa no Bairro Ponche Verde



Fonte: Acervo da pesquisadora – 27/09/2016.

Na crença e na prática religiosa, segundo Geertz (1966), o caráter moral de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se convincente, é apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para como dar tal tipo de existência.

A conotação religiosa e folclórica que toma a narrativa sobre Cabo Toco, em sua gênese, reforça o tomar para si como correto determinadas atitudes, sentimentos e pensamentos pelo viés religioso. Ressalto aqui, a maneira de percepção sobre Cabo Toco e como as crianças recebiam sua história, recepção que demarca o universo do ser criança e do entendimento folclórico do sobrenatural:

Eu escutava o pai e a mãe falando sobre ela e ficava louca de medo. Onde já se viu mulher na guerra? Eu pensava. Eu morria de medo pensando que ela ia aparecer montada num cavalo igual a fantasma dando tiro em todo mundo. O pai contava que ela tinha dente de ouro, parecia que eu ouvia ela rindo, aquelas risada de bruxa, sabe? Eles (pai e mãe), não contavam pra nós, eles conversavam entre eles, eles geralmente falavam da Cabo Toco quando falavam de outras histórias de assombração e de gente que mexia com o coisa ruim (diabo), e era sempre de noite. Não me lembro deles falando em outro horário que não fosse de noite, e como a gente tinha medo do escuro... Já viu né, era criança se encolhendo de medo pra todo o lado. Eles não falavam dela de mal, mas o assunto sobre sempre surgia no meio das conversas sobre essas coisas que dão medo na gente! (S/n 03/07/2015).

Ela morava atrás da minha casa, eu tinha uns 12 anos e com a gurizada da rua a gente atirava pedra na cada dela. Eu acho que era uma resposta do medo que a gente tinha, porque dentro de casa falavam da Cabo Toco como se fosse uma mulher misteriosa, ninguém sabia do que vivia e o que ela fazia. Eu sabia que ela tinha participado de uma guerra, mas não tinha noção de qual era (S/n – gravação feita por uma interlocutora).

Em diferentes doses de memória e imaginação, a narrativa sobre a infância tem uma imagem que remete a diversos significados traduzidos pelo medo que o sobrenatural desperta enquanto sentido. Nas palavras de Viveiros de Castro (2011) é necessário um mínimo de imaginação para ter medo, assim aprender pelo medo tange as questões do que é alteridade e como a mesma é encarada na vida cotidiana das pessoas. De fato ter medo, é não conhecer o diferente e é preciso aprender a ter medo. Segundo Pires (2007), os mal assombros podem ser divinizados ou demonizados, dependendo do entendimento que as crianças tem sobre a moral do que é ser uma pessoa boa ou ruim. De tal modo, ter medo de Cabo Toco só é possível pela imaginação infantil diante da percepção de uma realidade diferente das que são comuns ao seu cotidiano.

Ter medo, tem relação ao profano e a percepção dessas narrativas na infância tangem aquilo que Mauss (2009) identificava como ritos de magia. Para o autor existe uma diferença entre a religião eurocentricamente aceitável, em que os ritos religiosos no geral procuram a luz do dia e o público, e os ritos mágicos que evitam. A definição de rito mágico é pautada por todo o rito que não faz parte de um culto organizado, ele é privado, secreto misterioso, e tende a ter conotações de proibido (MAUSS, 2009). Para a criança por mais que exista a referência pelo sagrado nas narrativas aprendidas, a profânia do ambiente noturno, do segredo, do mistério das narrativas e tratamento de atitudes de uma mulher gera o medo.

O medo, neste contexto, reflete o poder que a narrativa tem de transmitir e ensinar. O folclore aqui unido a religião formula imaginários diante de uma memória de pertencimento, onde o medo é necessário como garantia do respeito para o futuro. O medo que as narrativas produzem exerce função. Para as crianças torna-se elemento central para que, quando adultos utilizem da mesma função determinando o mesmo aprendizado.

Os elementos aqui lançados, como memória, imaginário, folclore e religião requerem atenção para o seu entendimento e capacidade de transformação pelo aprendizado, como o que se aprende conota diferentes significados ao longo dos

anos de uma pessoa e sua convivência enquanto ator social. A concepção da narrativa sobre Cabo Toco, formula diversos olhares e pode ainda reformular de acordo com a intensão do narrar. Para este capítulo que frisa a narrativa pelo aspecto religioso, o deslocamento para os entendimentos sobre sagrado e profano, dor e sofrimento, tornam-se necessários para complementar a gênese da memória e do folclore.

3.2 A CONSTRUÇÃO DE PESSOAS: NARRATIVAS PELO FOLCLORE E RELIGIÃO

A sociologia, desde sua gênese em Durkheim, possibilitou a leitura religiosa diante de esferas dicotômicas naquilo que se passou a entender por sagrado e por profano em religião. Evans-Prichard (2005) reformulando este argumento, afirmou que estas duas instancias só poderiam ser identificadas pelo trabalho de campo, e ainda elas poderiam variar de acordo com cada cultura etnografada.

Num contexto geral, profano seria tudo aquilo que transgredisse o religioso e sua moral, seriam atitudes impuras que desrespeitariam a esfera sagrada, denegrindo os ritos sagrados que uma sociedade dedica-se. As coisas sagradas são aquelas protegidas e isoladas pelo divino e tem um prestígio social especial, ilustrando as funções sociais da religião.

Nos clássicos de ciências sociais, o sagrado e o profano aparecem como duas entidades opostas, mas que se completariam, precisando uma da outra para existir. Apesar da necessidade de existência, os mesmos não se misturaram, ainda que em sociedades diferentes sua noção fossem diversificadas.

Ao falar de religião e como se aprende a mesma, passamos a conceber que existe noções a serem seguidas, e as de sagrado e profano tornam-se imprescindíveis para a manutenção das crenças. Considerar que as narrativas sobre Cabo Toco perpassam o universo religioso requer pensar como estas categorias aparecem em forma de gestos e palavras na configuração de expressão da linguagem, narrando folcloricamente Cabo Toco.

O sagrado e o profano, categorias em oposição, por assim dizer, partem de uma perspectiva que existem dois mundos e a escolha pelo seguimento de um deles. A religião caminha em diferentes partes do mundo neste seguimento, e aprender a olhar para algo que possa conotar configurações diferentes a isso, pode

causar estranhamento. A narrativa sobre Cabo Toco em seus múltiplos significados e estranhamentos, também perpassa pelo sagrado e o profano, porém, não em separado ou oposição, mas em um conjunto, que se confunde e multiplica, fazendo-se uma coisa só.

No jogo de união entre o sagrado e o profano, as narrativas são atenuadas pela formulação de um imaginário da bondade, do heroísmo, e da ousadia de tornar-se combatente. A narrativa religiosa atrelada a folclórica cumpre uma função pedagógica do aprender pela descoberta e pela ligação a outras histórias que permeiam as oralidades no Rio Grande do Sul. O sentido da percepção entre o sagrado e profano aborda um só tempo, individual e coletivo, histórico e etnográfico.

A confusão entre o sagrado e profano permeiam a narrativa da infância, e a ruptura dessas esferas religiosas são associáveis às imagens produzidas por suas elaborações em torno de gênero, guerra, velhice e heroísmo. O discurso em torno da religião é o que permite a falar da vida de Cabo Toco de modo amplo. É o que permite o medo passar a ter novas configurações e entendimentos posteriormente.

Depois quando eu cresci eu fiquei arrependida de ter jogado pedra na casa da Cabo Toco, mas eu entendi que era porque a gente não entendia direito quem era aquela mulher e porque ela dava tanto medo. Depois quando ela foi morar no asilo eu via ela aos domingos nos almoços da igreja, muitas vezes ela me contou as mesmas histórias que minha mãe me contava, mas eu comecei a entender de outro jeito, porque passou a ter outro sentido, ela estava me contando dentro da igreja, então eu vi que era bobagem aquele medo que eu tinha na infância (S/n 03/07/2015).

Eu como já tinha falado antes, o pai tinha um armazém, e ela fazia uns fretes pra ele. Ele e a mãe quando chegava visita adoravam falar sobre ela, sobre a guerra. Eu só via uma velha que tinha uma carroça e que eu achava ela ia nos levar dentro do saco caso eu fizesse algo errado. Conforme eu fui crescendo eu fui vendo, né? Eu não cheguei a ter contato com ela depois que se mudou daqui. Mas o importante é que eu não pensava mais como antes, pra mim ela se tornou a heroína de guerra e melhor ainda porque eu conheci ela (Chica Papagaia em 29/04/2015).

Através das palavras usadas para narrar, Cabo Toco tange uma construção imaginária de sua identidade. Há um "desbastamento", como afirma Flavia Pires (2007), implicado pelo crescimento etário, no qual a gama de seres vai sendo reduzida, evidenciando que o passar dos anos não culmina em secularização, mas sim numa espécie de processo de "conversão". Existe uma passagem de coisas, fatos, da pessoa Cabo Toco, crenças e instituições, que estavam sob o domínio religioso, para o regime leigo, através do qual elementos antes tidos como ordinários

passam a ser explicados por meio da moral religiosa ou vice-versa. "O medo infantil é real, embora possa ser fabricado e desfeito a qualquer momento" (PIRES, 2007, p. 146).

O caráter desviante de Cabo Toco, é algo de deve ser esboçado na tentativa de ilustrar a questão do medo. Aos 21 anos juntou-se as tropas do Comandante João Vargas de Souza, sabia dar injeções e manusear armas de fogo, tornou-se combatente usando roupas, e codinome masculino. Alguns contam que sua decisão de juntar-se as tropas ocorreu pelo fato de ser feia, e estar com dificuldades de arrumar um bom casamento. Na velhice continuou desenvolvendo tarefas ditas masculinizadas, não constituiu família e grande maioria das pessoas desconfiam se realmente casou-se. Morava sozinha num casebre aparente assustador, aos olhos de uma criança. No documentário de Histórias Extraordinárias, a dimensão do medo infantil é explorada no sentido de colocar em seu início e fim, crianças zombando de Cabo Toco e fugindo por medo. Há depoimentos de quem conviveu com Dona Olmira no período em que fazia fretes do Bairro Ponche Verde, essas pessoas relatam sobre o medo que sentiam na infância. O documentário ainda explora a dimensão sonora que remete ao medo e ao sobrenatural, entendimentos elevam a condição de causar impacto ao telespectador.

Figura 15 – Representação da relação de Cabo Toco com as crianças no curta metragem “Histórias extraordinárias RBSTV: Cabo Toco”



Fonte: arquivo pessoal da autora – 27/09/2016.

Desta forma, o desbastamento sobre a religião conduz a memória narrativa folclórica pela sua utilidade cotidiana tornando uma realidade, mesmo que subjetiva, envolvendo emoções, diversos modos de vida, de concepção religiosa. As narrativas sobre Cabo Toco são múltiplas, e envolvem diversas temáticas, aprendizados, vivências, pessoas, objetos, mitos e lendas. Estas narrativas envolvem o aprendizado pelo Rio Grande do Sul e as formulações criadas por uma figura feminina neste cenário. A religião o folclore são só mais dois meios.

3.2 1 Quando a linha atinge Gumercindo

A narrativa como um aprendizado sobre Cabo Toco envolve a temática sobre o sagrado/profano e tangem formulações de falas desconexas que garantem ramificações. Estas ramificações surgem como linhas que se desdobram desde a infância de quem narra, passam pela própria mocidade de Cabo Toco e chegam até sua admiração por Gumercindo Saraiva, e os casos de enterros de dinheiro. Em um caderno de anotações, Cabo Toco teria uma série de versos religiosos usados para promover curas de enfermidades, estas orações eram repassadas e ensinadas àqueles que necessitavam de ajuda espiritual na manutenção de sua saúde. Estes seguimentos garantiram um aprendizado transmitido diretamente da relação entre Cabo Toco e as pessoas que conviveram consigo. São relatos diversos que envolvem o legado de Dona Olmira pra além do ter participado de um confronto armado.

Conforme relato em capítulos anteriores, Cabo Toco teria um grande apreço pelo Maragato Gumercindo Saraiva, seus pais teriam o acompanhado durante períodos da revolução e a partir disso, se daria o desfecho de sua participação na Brigada Militar. De fato, Cabo Toco teria em Gumercindo um espelho de um ideal de vida desejável, e seu trabalho na Brigada foi consequência dos mesmo já estarem no poder, favorecendo sua vingança contra Zeca Neto.

Parece “sem fundamento” para usar uma expressão do Rio Grande do Sul, estar falando em Gumercindo Saraiva neste momento. De fato para explicar melhor como a narrativa de Gumercindo surgiu na etnografia, devo ceder as palavras a uma das interlocutoras de pesquisa:

Um dia ela me mandou um recado que precisava me ver antes de morrer. Eu fui até o asilo ver o que ela queria, pois a muito tempo não a via pela rua.

Cheguei lá e ela me disse que precisava me dar uma coisa antes de morrer, pra ela poder morrer em paz. Ela me contou que a muito tempo ainda quando era menina havia ganhado um presente do Gumerindo Saraiva, e como meu sobrenome pelo lado do meu pai era Saraiva, ela achou que deveria voltar para a família. Quando ela me deu o tal presente eu fiquei até surpresa, porque ela disse que eu não poderia recusar. Era uma panela de dinheiro, daquelas que enterravam antigamente. Ela me disse bem certinho onde estava enterrada, mas não posso te dizer certinho se não automaticamente eu estou passando ela pra ti. Eu posso te dizer que é em São Gabriel, e que tem um símbolo na pedra onde ela é enterrada embaixo, diz que o Gumerindo Saraiva mandou enterrar junto com um homem dele, um negro de confiança, pra alma dele guardasse a panela. Quando eu era pequena meu pai contava muito dessas histórias de homens que tinham achado essas panelas, mas como não eram donos, o homem que estava enterrado junto aparecia e pedia uma alma da família em troca do dinheiro. A gente pra fora né, ficava sabendo de homem que enricava do dia pra noite, mas que aos poucos toda família ia morrendo. Eu não vou dar essa panela pra ninguém, dizem que se tu não passa pra alguém no leito de morte tu sofre mais pra morrer, mas pra que mais que a Cabo Toco sofreu? Não vou passar porque dizem que esses enterros de panela é coisa “do coisa ruim”. Fico pra mim e não prejudico ninguém. Eu sei que a intenção dela não era me prejudicar, era me repassar um coisa de família porque éramos amigas, mas no geral as pessoas não pensam assim. Fica comigo, morre comigo e é uma ligação que eu tenho com ela para sempre (Entrevista 26/10/2015 com Joana Galvão).

Os casos das panelas, botijas de dinheiro ou simplesmente enterros de dinheiro, segundo Hartmman (2004), são narrativas sobre panelas de barro ou ferro enterradas com moedas de ouro, sonhos com indicações do local onde está o dinheiro, maldições sobre quem encontra o ouro e não segue as prescrições, etc. A peculiaridade destes casos, é que estimulam de tal forma os ouvintes que muitas vezes acabam por desencadear novas ações de procura de tesouros escondidos, as quais, por vezes geram outras narrativas que se revelam como um continuo de experiências/narrativas/experiências/novas narrativas. No que tange as narrativas sobre Cabo Toco, os casos de panelas de dinheiro figuram sua relação com Gumerindo Saraiva, é a narrativa de Cabo Toco que leva a de Gumerindo Saraiva para chegar nos enterros de dinheiro.

Aprendi desde muito nova, que onde haviam estradas de tropeiros no Rio Grande do Sul era comum encontrar panelas enterradas com moedas de ouro ou prata, que estes homens ao longo de sua jornada enterravam suas posses numa espécie de garantia financeira para o futuro. Os enterros eram feitos em segredo, e cada homem depositava sua panela de dinheiro junto ao tumulo de algum outro homem de confiança que havia morrido em guerra, ou matava-se um escravo de confiança e o enterro da panela era realizado junto ao mesmo, como garantia de proteção as moedas. A panela só poderia ser aberta/encontrada pelo dono, caso

contrário uma maldição terrível atinge a família daquele que tomará as moedas para si, o espírito guardião da panela pedirá um familiar em troca, caso o desejo do espírito não ser atendido, aos poucos todos da família morrem precocemente.

Hartmann (2004) afirma que a presença negra nas narrativas também é comumente associada aos “enterros de dinheiro”, ocasiões onde os patrões levavam escravos para cavarem o buraco onde o dinheiro seria enterrado e, para impedirem o roubo ou a denúncia do segredo, matavam-nos e enterravam-nos junto. Estas narrativas muitas vezes são contadas por negros e falam da “doação” e indicação do local onde o dinheiro está enterrado, através de um sonho, para outros negros (HARTMANN, 2004).

Ouvi muitas vezes que “fulano” sonhava o lugar onde estava enterrada a panela, mas que tinha ficado com tanto medo de ir desenterrá-la que desistia no meio do caminho. Logo alguma pessoa que morava próximo ao lugar do enterro a encontrava, mas que não sobrava ninguém da família para contar a história. Algumas interlocutoras chegaram a afirmar que Cabo Toco, mesmo sendo uma pessoa muito religiosa, tinha o dom da mediunidade, e que teria vivido por muitos anos mesmo carregando em seu corpo o efeito da guerra pois nunca foi uma pessoa ambiciosa em relação ao dinheiro e que sabia ajudar as pessoas mesmo que não tenha sido ajudada por muitos.

Para mim falar sobre a Cabo Toco, é falar sobre a panela de dinheiro que ela contava que tinha e dizia que sonhava com o Gumercindo Saraiva mandando ela guardar pra desenterrar na hora certa. Eu nem sei quem foi esse Gumercindo, mas me chamava muito atenção sobre como ela relacionava uma coisa à outra, como ela relacionava a tal panela a esse homem. Ela contava que era coisa muito antiga e tinha relação com alguma coisa feita pelos padres jesuítas no estado (Chica Papagaia em 29/04/2015).

Essas narrativas revelam mais uma faceta do caráter múltiplo do sagrado/profano das narrativas e vida de Cabo Toco, que se desenrolam sobre imagens religiosas e do tipo de concepção do universo de como levava sua vida. É possível perceber um conflito humano nas palavras das interlocutoras. Por mais que não tenha uma separação entre os dois segmentos (sagrado/profano) em si, para quem conta a narrativa essa separação deve ser pontuada e justificada: *“Ela tinha esse lado, parecia que o demônio chamava ela. Mas era uma pessoa que só fazia o bem!”*

Cabo Toco é retratada pelo sagrado conforme a narrativa que tende a purificá-la do sangue derramado em guerra. Segundo Fagundes, “o sofrimento assegura o reino dos céus, também” (FAGUNDES, 2003, p. 47). Neste sentido, o autor afirma que a fraqueza e seu sofrimento de um pessoa, são culpa nossa.

Atribuir-lhe poderes superiores é estratégia, defesa nossa contra a acusação de culpa por ação e omissão relativamente de seu sofrimento. Por outro lado, simpatizar com o “fraco” é uma forma social de mostrarmos que não somos fracos, tão superiores podemos nos inclinar diante dele (FAGUNDES, 2003).

Assim como Mirian Rabelo (2015), aborda a aprendizagem da visão nos terreiros de candomblé³¹, é necessário aprender a ver as narrativas de Cabo Toco, não só na condição de pesquisadora. Aquele que narra passa por um aprendizado do olhar para as definições da percepção do sentir, num emaranhado de relações entre pessoas, eventos e o sobrenatural, construindo uma “visão” sobre quem foi Dona Olmira. Quando criança, aprende-se a ver aquilo que não lhes é permitido diante de uma linguagem não infantil, em que o sobrenatural torna-se o lúdico e formula uma sanção sobre certo e errado diante do sagrado e profano, conforme o aprendizado constrói-se com o passar dos anos, há uma transformação do olhar infantil pelo entendimento das possibilidades de interpretação da vida.

Olhar para Gumercindo Saraiva, é olhar para a própria configuração da não separação do sagrado e profano na significação das narrativas sobre Cabo Toco, pois, à primeira vista mesmo que de lados opostos, tanto o sagrado e o profano, quanto Gumercindo Saraiva e Cabo Toco, a partir do entendimento da intencionalidade do cruzar de histórias e sentimentos, percebe-se a composição das linhas que se unem atuando em prol de um ideal, que em sua memória compõem o folclore do Rio Grande do Sul.

A partir do primeiro entendimento sobre memória e sua coletividade, o folclore e a religião constroem imagens, pessoas e narrativas que conduzem vidas, moldando peças de sua memória em prol de histórias que consistem em reafirmar o significado de sua existência, dentro de uma comunidade. A coletividade elabora grandes narrativas populares, que estão acima dos indivíduos, ou seja, dos próprios narradores, que garantem suas comunicações, maneira de formular e explorar

³¹ Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0229.pdf>.

questões cotidianas, confirmando ou contradizendo outras grandes narrativas sobre os mesmos eventos.

Narrar sobre Cabo Toco, assim como narrar qualquer outra história que permeia imaginários sociais, demonstra que as verdades aceitas pela coletividade implicam em negociações sobre os padrões de linguagem que definem e especificam suas associações. Deste modo, o processo de construção narrativa sobre Cabo Toco permeia muitas formas, eventos folclóricos, e referência a outras pessoas, que suscitam existência de abstrações culturais que estamos acostumados a nos relacionar. Estabelecem-se assim, novas histórias fruto da identidade que se quer evidenciar.

3.3 A INTERFACE DA NARRATIVA RELIGIOSA

Para aqueles que tomam como base as falas na construção etnográfica, a linha narrada pontua-se por marginalidades e glórias, mesclando-se a partir do condicionamento daquilo que se quer informar e/ou explicar. A narrativa pelo folclore é um guia de explicação para a vida e garante de forma cíclica o aprendizado das tradições locais. A persistência da fala do ser enfermeira e tornar-se combatente elabora-se por imaginários explicados pelo sobrenatural, pela vontade de tornar-se parte da narrativa, justificando atitudes e balizamentos entre o cuidado e o combate.

A narrativa religiosa em suas variadas formas de crença, é de fato, sempre acompanhada do sofrimento, ele descreve a transcendência e o aprendizado do suportar a dor. Neste sentido, o trabalho etnográfico perpassa pelo sentimento da dor de Cabo Toco e capacidade do compreender a dor expressada em narrativas, elaboradas por performances dos narradores diante dos eventos críticos da vida de Dona Olmira. Estes eventos são remetidos nas falas como situações brutais causadas pela guerra e pelo esquecimento. Narrar sobre Cabo Toco constrói agenciamentos na tentativa de habitar o mundo tomando a vida do outro como referência, os narradores emprestam sua voz a Cabo Toco, assim como, conseqüentemente, a experiência aqui descrita toma forma de voz estas pessoas.

Quando ela foi arrastada pelas tropas do Zeca Neto e ficou com as costas toda machucada ela lavava os machucados com maravilha, que é florzinha bem comum aqui no Rio Grande do Sul. Naquela época as coisas eram meio precárias, acho que na guerra tinham que se virar com o que tinham, fosse medicamento dado pelo governo, fosse planta que tinha no mato e que

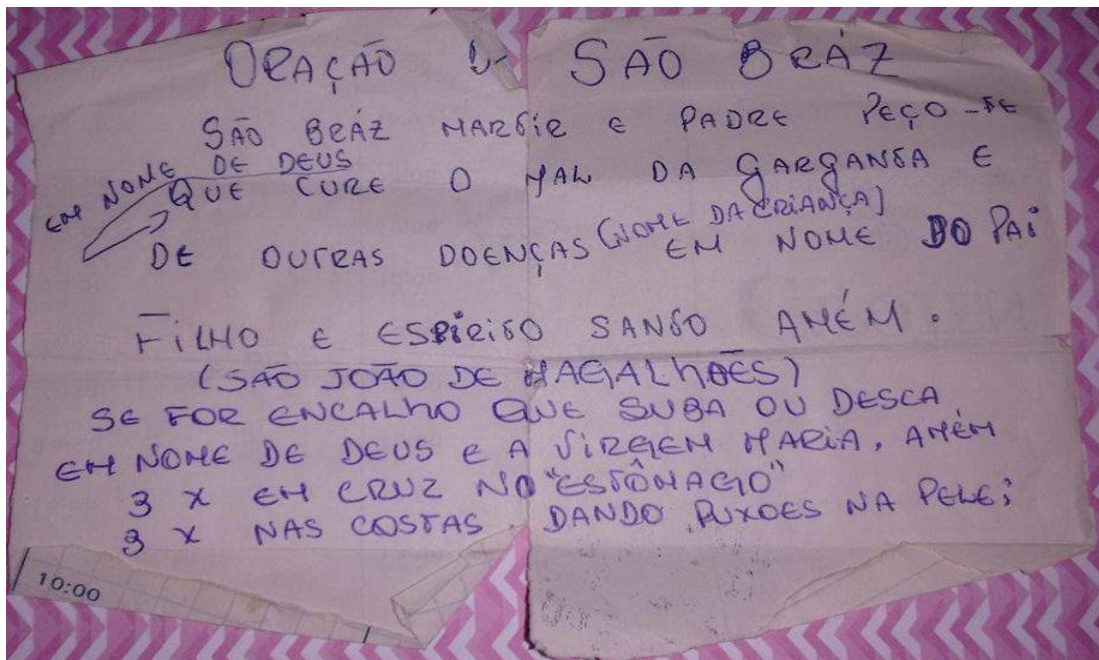
sabiam que era medicinal. Hoje em dia que tem tudo na farmácia a gente apela para o que os antigos faziam. A gente foi criado desse jeito, então é difícil quando, por exemplo, a gente tem dor ir lá comprar um remédio, a gente usa o que tem em casa, o efeito é até melhor, porque tu não sabe as porcaria que eles usam pra fazer o remédio. Enfermeira que atendia Cabo Toco em 1985 (29/04/2015).

A etnografia do sofrimento, tem base nas diferentes formas de experiência da dor, traumas e distúrbios não articulam-se como um problema médico patológico, mas como algo cotidiano de causa sócio-política. A dor cotidiana em sua experiência por muitas vezes é incompreendida e não pode ser reconhecida como humana. A violência pode estar na memória e no seu acionamento moral, assim conecta voz e cultura a partir do cenário vivo da linguagem, ou seja, da violência e seu efeito sobre as pessoas, sentindo e compreendendo o (in)humano em sua noção de comunidade, fantasia e realidade (DAS, 2008). A dor interiorizada fornece experiência, uma linguagem que determina falas e comportamentos evocando uma imagem de recursos estéticos, um efeito sobre as pessoas, seus afetos e conflitos.

A memória da dor também é tomada numa alternativa didática de ensinar “a dor passar”, o que Cabo Toco fez foi fornecer um guia alternativo para os significados de perceber e tratar as doenças conforme sua própria experiência, numa progressiva aquisição de pontos-chaves pelas pessoas que aprendem a perceber seu mundo e as ideias que o rodeiam (INGOLD, 2000).

A cabo toco me ensinou muitas coisas, pois as vezes só o procedimento clínico não ajudava. A gente tinha que ter fé e ensinar as pessoas a ter fé também. Ela não era envolvida com maldade, ela ensinava essas benzeduras para ajudar as pessoas quando parecia que tudo estava perdido. Quando tem um temporal se aproximando tem pessoas que me ligam de Porto Alegre para eu fazer a simpatia do mal tempo, a gente pega e faz umas cruz de sal no canto da mesa da cozinha do lado que tá o temporal, tem gente que benze temporal com machado, mas esse reparte e onde pega derruba tudo. A reza da Cabo Toco o temporal sobe e não destrói nada. Enfermeira que atendia Cabo Toco em 1985 (29/04/2015).

Figura 16 – Oração de São Braz, ensinamento de Cabo Toco a uma interlocutora



Fonte: acervo pessoal da autora - 26/10/2015.

Na imagem acima, trago um presente de uma das interlocutoras desta etnografia, que ao contar sobre a panela de dinheiro que teria ganhado de Cabo Toco, tirou de seus pertences um papel dobrado e ofereceu-me como forma de agradecimento por termos conversado, ela justificou o presente dizendo que não poderia dar-me a panela de dinheiro, que preferia que ninguém mais soubesse onde estava, pois era muito perigoso, mas que poderia oferecer-me uma cópia das orações que havia copiado de Cabo Toco, pois, já havia as decorado.

Fica com essas aqui pra ti, eu já decorei, já curei minha filha da asma com outra simpatia que aprendi com a Cabo Toco. Eu acho que ela ia gostar de saber que as coisas que ela ensinou para o bem não morreram com ela. Ela não ensinava para todo mundo essas coisas, porque tinha muita gente que se aproximava dela pra tirar proveito das histórias e coisas que ela sabia. Ela sofreu muito, então essas orações e simpatias ajudavam ela a superar os problemas e as dores (Entrevista 26/10/2015 com Joana Galvão).

Percebo assim, que só o conhecimento que Cabo Toco havia de aplicar injeções não bastava, ela usava de sua fé, e ensinava àqueles que necessitassem. As mulheres também ensinam as orações que aprenderam com Cabo Toco, e acabaram ensinando para mim. No capítulo II, tratei de trabalhar singelamente a questão a circulação de objetos de Cabo Toco, que foram doados a suas amigas como forma de agradecimento, fosse a quem ajudou em questões básicas de

vivência como alimentação, fosse a quem escutou suas narrativas de guerra. Na lógica do dar, receber, retribuir, dentro das questões de obrigação, a circulação de objetos chegou até mim, não por aqueles itens que Cabo Toco presenteou minha mãe, mas por pequenos fragmentos, como as próprias narrativas aqui esboçadas, e por orações como a que ganhei de *Joana Galvão*. A circulação das dádivas é como uma aliança, uma obrigação social em que se misturam reciprocidades, como uma dívida de eterna gratidão. Ganhar a oração significou que estava dentro da circulação de dádivas, e dentro de uma obrigação.

Assim como ser enfermeira em um confronto armado conota um lugar lícito para mulheres na guerra, ensinar orações e simpatias para remeter a cura, funde-se a essa gênese reformulam o imaginário inicial de mulher bondosa. O status de mulher guerreira continua, mas o papel social de curar tira o estigma do perigo da presença feminina em espaços masculinos. De fato não é possível delimitar onde começa cada seguimento na vida de Cabo Toco, de tal modo, como sua referência a religião.

Num primeiro momento a narrativa que colocada diante da profissão de enfermeira e a lógica do cuidado perpassa a categoria de redenção e balizamento pela morte e pelo derramamento de sangue da guerra. A enfermagem tira a pessoa da má fama que tiveram por muito tempo da dimensão impura da guerra. A impureza da profissão de enfermeira também é evidenciada por alguns autores como uma revelação de atitudes suspeitas de cura e de maus tratos. Segundo Hirata (2004), existe um paradigma sobre aquilo que é considerado "trabalho sujo" na medida em que cuidar dos corpos, somente seria respeitável à condição de calar os impulsos destes corpos, as pulsões, ou então de mascarar seu caráter perecível, putrescível. Ao contrário do que diz Hirata, no caso de Cabo Toco o cuidado é retomado como um legado de ensinamentos, mesmo que a título de conhecimento não científico sobre a cura. Pouco importa se Cabo Toco matou pessoas, essa parte da história não é percebida como um ponto central de suas narrativas, e pouco importa se Cabo Toco foi santa, e nem é de interesse dos narradores que seja. A defesa pela religião é para demarcar "*que apesar de todo sofrimento, ela foi uma pessoa boa*", apesar do seu meio social não contribuir.

Cabo Toco, compartilhou sua experiência de vida, sentida e compartilhada por outras pessoas, cabendo aos narradores zelarem pelos seus preceitos morais e praticar uma autorreflexão sobre como o contato atingiu suas vidas. Contar sobre

Cabo Toco baseia-se numa dadaiva de ajuda mútua, fundamentada na adoção de uma atitude de simpatia, tanto pela experiência do outro, quanto por suas próprias experiências, com o objetivo de melhor compreender a si mesmo e ao outro, evitando-se qualquer caráter de julgamento.

As narrativas sobre Cabo Toco, são interligadas por assuntos que formulam o imaginário de sua representação diante da educação pela atenção, na infância a percepção pelo medo do profano tangem um primeiro aprendizado que logo transforma-se em admiração. O caráter de sua religiosidade é algo que sempre desperta curiosidade e gera narrativas em torno de detalhes controversos, o sagrado e o profano misturam-se e são agenciados pela intensão de cada interlocutora. Estas narrativas desdobram-se também desde a infância de Cabo Toco que permeia os mitos do Rio Grande do Sul.

A dor pontuada como um objeto privado em comunicabilidade em seu caráter e compreensão moral, mascara gestos e imaginários sociais do “possa ser” e do que se “pode suportar”, numa linguagem aceitável para o cotidiano. Cabo Toco ao contar sobre sua dor, e ensinar sobre como amenizá-la pela religião, criou agenciamentos de reversão de realidades. E fez com que a situação entre o sagrado/profano sentido pelas mulheres tivessem novos entendimentos sobre sua possibilidade de habitar o mundo pela voz da experiência.

Assim, a religião demarca seu lugar na vida de Cabo Toco e nas vidas dos interlocutores. O percurso da cura atrelado ao sofrimento vivido e ao folclore retoma o princípio de que existe a superação do derramamento de sangue da guerra e que as narrativas folclóricas definem a necessidade de expressar-se diante de seus saberes tradicionais justificando e reformulando a vida de Cabo Toco diante do que o interlocutor prioriza ao narrar.

A religião tem um caráter multifacetado, onde o sobrenatural ensina, através dos indivíduos, o medo e o folclore, a oração e a cura, assim como, ensina sobre as pessoas e seus percursos de vida. O sobrenatural informa as crianças sobre o sagrado e o profano diante da vida e representação de uma mulher.

A religião e Cabo Toco em suas tessituras folclóricas e mitológicas são de vastas interpretações e aprendizados, e torna-se uma discussão necessária pelo seu caráter de tornar visível várias vozes durante o percurso antropológico. De fato, a religião na vida de Cabo Toco, em seus significados elaborados a partir destes

relatos ainda é um mistério profundo, mas é possível saber como as pessoas orientam-se no mundo de símbolos tecido em torno da mesma por sua cultura.

Algumas questões que ainda não foram colocadas por mim nesta dissertação, tentarão ser abordadas etnograficamente no próximo capítulo, no qual finaliza parte da pesquisa sobre como as narrativas de Cabo Toco são produzidas na cidade de Cachoeira do Sul. Poucas coisas apareceram até aqui sobre a música “Cabo Toco” e o papel social das mulheres que narram, e neste sentido, o Capítulo IV partirá nesta direção, encaminhando-se a cuidadosos passos para construção de uma etnografia que vise uma antropologia da educação exercida por mulheres. O aprendizado sobre Cabo Toco continua...

4 POR ELAS, POR TOCO

Um dia cinzento de chuva. Um pratinho de pipocas sobre a mesa. Cozinha escura, cinzenta como o dia. Triste diria. Com objetos muito antigos que ocupavam lugares irregulares. No fogão uma panelinha de ferro onde as pipocas tinham sido feitas. “Gosta de pipoca?” pergunta a dona da casa.

“Gosto” e começo a comer sem muita convicção do meu objetivo. Eu fui entrevistar um ex-combatente e encontro uma velhinha de 78 anos de idade. E ainda, comendo pipocas. A primeira ideia que faço é de uma velhinha feliz apesar de perceber que deve lutar muito para sobreviver naquela casa, quase um barraco de três peças, ou seja, quarto, cozinha e uma varanda pequena. Nesta última ela costura os furos de uma saia velha que já não tem muita arrumação. Ou nenhuma.

No quarto existe uma cama antiga, de ferro. A colcha é estampada com cores fortes. Em cima da cômoda, várias imagens de santos e, no encontro, uma cruz de madeira. “Muita vez eu não consigo dormir e fico aí sentada nesta cama chorando”, conta ela. A afirmação me surpreende. Ela é uma pessoa solitária, muito solitária. O desespero e as lágrimas, quando começa a contar suas lágrimas provam disso.

Com um lençinho sujo entre as mãos, ora limpando os olhos, ora limpando o nariz, ela começa a falar: “Eu nasci em Caçapava e vim pra Cachoeira em 45, parece. Agora estou aqui. Isolada, entre estas quatro paredes”. Levanta e traz um montinho de documentos embrulhados num saco plástico. Nada de diferentes dos documentos que normalmente uma pessoa carrega. Apenas um, surpreende. Ele diz: “Atesto que a Sra. Olmira Leal de Oliveira prestou relevantes serviços durante os movimentos revolucionários de 23, 24 e 26 nos 2º, 23º e 1º corpos auxiliares da Brigada Militar do Estado, sendo por esses serviços graduada ao posto de Cabo, não só trabalhando como enfermeira, como também tomando parte ativa em combate, onde mostrou destemor e valor pessoal. Caçapava do Sul, 17 de julho de 1963. Assinado: Comandante João Vargas de Souza (Reconhecido na forma de Lei)”.

Desta forma, fica constatado que Olmira, que tomou nome de Cabo Olmiro, porque mulher não poderia ser Cabo, combateu durante a revoluções de 1923, 1924 e 1926 em Caçapava e em Alegrete, conforme ela mesma diz.

-Fui lavadeira, tropeia e guerreira. Casei com Antônio Martins da Silva, que faleceu em 1954. Ele era um soldado, que conheci em campo de batalha, relata a velhinha.

FUI SERVIR A PÁTRIA COM 21 ANOS

Como tudo começou? “Eu tinha 21 anos quando fui para a guerra, responde ela. Fui servir a Pátria e servir de escada para o governo subir. Entrei para enfermaria, trabalhava na enfermaria e também na munição e na linha de fogo. Graças a Deus estou aqui, sem balaço no corpo”

-Quando disseram que João Vargas de Souza estava morto, eu saltei a cavalo, pulei no meio das balas pra ver se ele estava morto mesmo. Mas ele não havia morrido, a bala pegou no seu chapéu. O cavalo, sim havia morrido. “Pule aqui, Coronel, disse pra ele e levei João Vargas a salvo até onde mansa, relata Olmira Oliveira.

Havia outras mulheres combatentes? “Muitas mulheres foram junto mas começaram a brigar e o comandante não gostou. Recolheu e mandou largar todas na Coxilha de São Sebastião para que agarrassem seu destino. Fiquei sozinha, diz Olmira. Se tinha um piquete era eu, se tinha uma guarda ou uma descoberta era eu”. Quanto a alimentação e o tempo que batalhavam, Olmira conta que os soldados se alimentavam de carne só quando carneavam. De resto, passavam fome.

Olmira usava farda que ganhava do governo. Suas armas eram uma espada, um revólver e um fuzil. “O Zeca Neto era comandante da outra força, revoltoso, assistista do Assis Brasil e nós éramos do Borges, do governo”, explica ela.

NÃO SOU BOBA, NÃO...

-A força ganhadora, continua contando Olmira, foi a de Zeca Neto, num lugar chamado Pitangueira, no Alegrete. Neste lugar, fiquei de comandante, salvei todo o pessoal e não deixei ninguém morrer.

Muita gente hoje pensa que sou pateta, boba. Não, não sou não. Eu fui a chave de muita coisa. Qualquer descoberta ficava nas minhas costas.

Hoje Olmira Leal de Oliveira vive sozinha e chorosa. Seus únicos companheiros são dois gatos, um branco e um preto. “Ninguém quer passar a metade do que eu passo. Suei para ganhar estes palmos de terra. Tive pneumonia na semana passada e fiquei aqui sozinha. A dona Alda do Seu Antônio muito tem me socorrido com o que comer”, conta a velhinha.

Vai até o quarto e volta trazendo um carnê do INPS para que eu possa ver o quanto ela ganha por mês. Olmira ganha a quantia de Cr\$ 1.200,00. “A gente pode viver com isso? Isso é dinheiro?”

Ela pergunta.

-Se não fosse Dona Alda eu já tinha morrido como cachorro sem dono, lamenta Olmira. E seus olhos se enchem de lágrimas a todo instante.

Ela conta também que um cachorro sarnento vive no portão da sua casa latindo a noite inteira e não deixando a pobre dormir. Quanto a isto, ela já tomou providências, mas não conseguiu ainda tirar o cachorro de lá.

Na despedida ela seca as lágrimas e pergunta se aceito algumas laranjas. Com a chuva não me animo a apanhar laranjas. Prometo voltar outro dia. Que tenha sol. Talvez até, neste dia, ela não chore tanto como a chuva que cai intermitente nesta quinta-feira de quase inverno. Tão distante dos campos de batalha em que o Cabo Toco lutou para defender a Pátria com “destemor e valor pessoal”.

Reportagem Jornal Do Povo De 22 De Julho De 1980 - **Entre os documentos de Olmira existe um atestado de que ela combateu como cabo** (Por Celia Maria Maciel) Fonte: Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul.

4.1 AGÊNCIAS FEMININAS NAS EXPERIÊNCIAS DE CONSTRUIR CABO TOCO

Compreender Cabo Toco diariamente, diante de diferentes formas narrativas que surgiam ao longo da etnografia, tornou-se uma categoria para identificar múltiplas Cabo Toco que nasciam pela narrativa de cada interlocutora. Cada uma delas, construiu uma agência em Cabo Toco para si, através daquilo que acreditavam ser importante para suas vidas, à maneira de criar na vida de Cabo Toco um ideal a ser seguido. Ao contar sobre Dona Olmira, numa mistura de si, dentro do processo autobiográfico, correntes de histórias foram surgindo, nas quais, retratam a vida, a infância, e a memória sobre diversas formas de aprendizado pedagógico (PINEAU, 2006, p. 41). São narrativas de experiência, em que define-se e personificam-se figuras, saberes e afeições, numa competência flexiva sobre quem foi Cabo Toco e sua importância para a memória e para o município de Cachoeira do Sul.

Neste capítulo, tomando o mesmo como parte final da etnografia, parto das vozes de mulheres, reunindo seus trabalhos e vivências sobre o ensino de Cabo Toco. Procuro através da exaltação de diferentes vozes, traçar um caminho para o conhecimento sobre Cabo Toco e autobiográfico de quem narra. Desta forma, busco compreender a articulação de mulheres e o alcance do contar sobre Cabo Toco. A etnografia destas narrativas, visam o caminho do reconhecimento de Olmira enquanto heroína, e ainda, a própria consideração dessas mulheres enquanto intelectuais cachoeirenses.

O termo intelectual é indicado aqui, como a capacidade de mobilização comunicativa construída pelas narradoras em suas estratégias sociais. Partindo do princípio de capital cultural de Pierre Bourdieu (1987), ao evidenciar a lógica da experiência de vida como diferencial para formulação de agência. O capital cultural, pode ser entendido, neste contexto, como uma relação social que mescla saberes profissionais e saberes concebidos, a partir de objetos de lutas pela valorização de marcas simbólicas.

Segundo Bourdieu (1987), o capital cultural pode ser considerado todas as maneiras em que a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida dos indivíduos, havendo poder diante de espaços em conflito e aspectos utilitários relacionados à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. No que cabe ao capital cultural das mulheres que narram sobre Cabo Toco, ser uma intelectual manifesta a capacidade de articulação de informações e ações por reconhecimento enquanto tal, pelo compromisso de narrar, ensinando e aprendendo sobre Dona Olmira, fazendo com que a noção sobre a experiência de vida, contida nas narrativas, tornem-se agência.

As narrativas são marcadas pelo empoderamento de mulheres, que performatizam em suas falas suas agências, promovendo seu prestígio enquanto intelectual sobre diferentes saberes sobre Cabo Toco. Contar sobre Cabo Toco coloca estas mulheres numa esfera pública, deslocando o aprendizado para fora do ambiente, no qual foi concebido na infância, ou seja, levando informações sobre Cabo Toco para fora de suas casas, e assim, produzindo um referencial sobre o método de contar, colocando-se num lugar privilegiado no âmbito do saber.

As marcas simbólicas sobre narrar Cabo Toco no âmbito público, compreendem subjetividades ligadas a vida cotidiana em seus discursos e significados, em que a narrativa gera uma expectativa social de experimentação do conhecimento sobre Cabo Toco, naquilo que a mesma representa para as agentes. Há uma perspectiva de recepção dessas oralidades, quem ouve também carrega uma bagagem narrativa e versões sobre os fatos, que no jogo do contar e receber elementos sobre Cabo Toco, transformam-se, unem-se, gerando questionamentos diante de acontecimentos, lugares e pessoas. São visões de mundo que conduzem a forma do narrar, através da construção social do mundo vivido, imaginários e elementos históricos.

Por meio de ensinar e aprender as narrativas, concretizam-se pensamentos e ideais em forma de transposição, colocando significações para vida de Cabo Toco e sentidos que evocam uma visão consciente sobre descobertas de fantasias, que retomam a infância, sobre como começa o entendimento da linguagem do que é ser uma mulher num ambiente de guerra, evocando o folclore nas mais diversas formas do narrar no Rio Grande do Sul. São falas que propõem experiências não só imaginadas, mas imagináveis a quem escuta, numa capacidade comunicativa, em que a etnografia torna-se uma construção de memórias partilhadas. As narrativas são quase que poéticas, pois retratam diferentes pessoas e vidas na figura de Cabo Toco, adicionam os lugares-comuns e deslumbram caminhos.

O compartilhamento de memórias exercido pelas intelectuais também é um instrumento político focado em artefatos, testemunhos, histórias, experiências, situações e ações individuais ou coletivas, tornando-as protagonistas junto a Cabo Toco de narrativas sobre aprendizagem vívida em suas várias expressões.

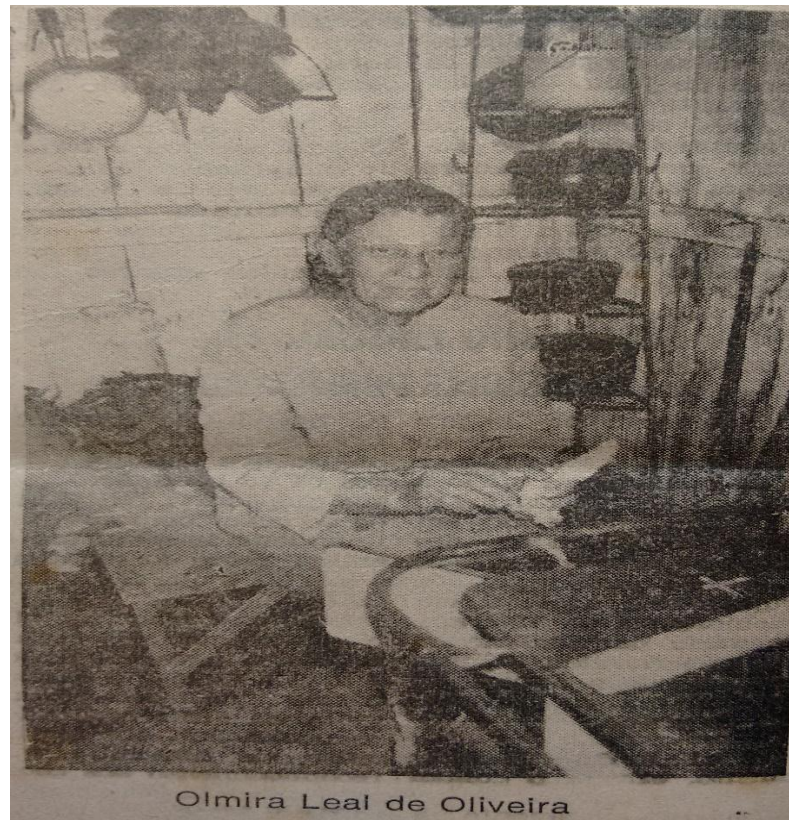
A agência, é tomada por aquilo que Ortner (2007) denomina como jogos sérios, onde há uma intencionalidade de empoderamento do grupo através do contar. Assim, unidas pelas oralidades estabelecem a manutenção da memória sobre Cabo Toco, e ainda sobre si próprias, orientando estratégias que sejam culturalmente significativas para a resistência da narrativa.

Com a reportagem de Celia Maria Maciel, uma das pioneiras a escrever sobre Cabo Toco num jornal cachoeirense, diante de sua procura por um senhor que teria participado de uma revolução, é perceptível a ilustração do imaginário social esboçado nas primeiras páginas deste trabalho. O esquecimento, a velhinha, o pratinho, o lencinho e a luta pela sobrevivência em condições precárias, que apesar de todo o contexto social, divide o que tem a oferecer, a pipoca, as laranjas e o mais importante, sua história, dando as pessoas elementos de reflexão e tomada de consciência sobre o que realmente aquela mulher teria a apresentar.

O estranhamento de Celia, ao encontrar uma mulher, garante o exercício de reflexão sobre a agência textual, ilustrado nos textos de Sherry Ortner (2007). Os personagens femininos em histórias são passivos, na categoria de mocinhas, quando são más ou ativas, são sujeitas a castigos terríveis, e são fadadas a não fazerem a passagem de menina para mulher, ou seja, casar-se. Os personagens ativos nas histórias são os homens, assim, um lado depende do outro para concretizar sua agência (ORTNER, 2007). Cabo Toco, mesmo que em sua condição

de velhice, comprovou sua agência a repórter, anulando o caráter do masculino e dos diminutivos que a descreviam, estabelecendo a partir dali, um marco para seu processo de reconhecimento enquanto heroína/mulher.

Figura 17 – Olmira Leal de Oliveira para a reportagem de Celia Maria Maciel.



Fonte: Arquivo histórico de Cachoeira do Sul – 27/10/2016.

A relevância em etnografar a reportagem, diante de tantos outros documentos, parte do pressuposto de que pela primeira vez Cabo Toco falou sobre si e sobre o corrido em combate, mostrou seu documento de participação na revolução, e a importância que o mesmo teria para o futuro, mesmo que naquele momento estivesse com problemas de necessidades básicas. Cabo Toco não era boba, autoafirmação que faz presente em diversos documentos, revela seu amplo conhecimento sobre a guerra e sobre os acontecimentos naquele ambiente, principalmente em questões de análise e interpretação de cenários, dados e informações que garante um mecanismo de autodefesa e manutenção de seu caráter de guerreira.

Assim, o poder que Cabo Toco passa a ter sobre si mesma perante sua participação em confrontos armados, possui uma força social que determina sua

resistência (ORTNER, 2007), exercendo função pedagógica em direção ao processo de aprendizagem coletivo que envolve mulheres, que tomam para si a luta pelo prestígio de Cabo Toco, construindo a cada narrativa um novo saber e novas subjetividades. As narrativas autobiográficas são demarcadas por diferentes saberes, elaborando o sentido da memória em diferentes variáveis, como faixa etária, nível de estudo e participação política, que interferem nos modos de repercussão do passado (SOUZA, 1996).

A agência aqui, exercida por diferentes mulheres, é uma composição de saber e conhecer de forma mútua o poder sobre a narrativa de Cabo Toco. Segundo Ricoeur (2007), a glória mutua, colocada sob tutela da relação de reciprocidade, passa pelo reconhecimento de si na variedade das capacidades que modulam seu poder de agir (RICOUER, 2007), assim, as menções a Cabo Toco nas autobiografias dão vida ao passado no presente oferecem competência as relações, simbolizando identidades, nas quais atam laços sociais (idem, 2007).

Saliento que mesmo unidas em prol de um ideal, as narradoras em suas agências estão longe de constituir um grupo homogêneo. São pessoas diferentes que possuem intenções diferentes, mesmo que narrem sobre os mesmos assuntos, formam toda espécie de transposições criativas, variando intensamente de um mundo social para outro (SEWELL, 1992: 20 apud ORTNER, 2007, p. 54). Portanto, o percurso de “Por elas, por Toco”, conduz diferentes vozes ligadas pelo contar sobre si e sobre Cabo Toco, construindo contextos que levam diferentes vidas interpretadas perante experiências de Cabo Toco. De modo que, aprender Cabo Toco torna possível uma agência pedagógica de habitar o mundo e construir-se como pessoa, unindo realidades, contextos e influências da vida cotidiana. A agência pedagógica criada por estas mulheres, não se resume apenas na transmissão de informações, mas em suas capacidades, competências e saberes tradicionais, categorizados como habilidades traçadas pelas gerações anteriores. São subsídios que norteiam a cognição e atenção educativa (INGOLD, 2010) ao narrar, construído a partir de orientações um caminho para dirigir o conhecimento sobre Cabo Toco, tornando-o parte do presente para cada narradora.

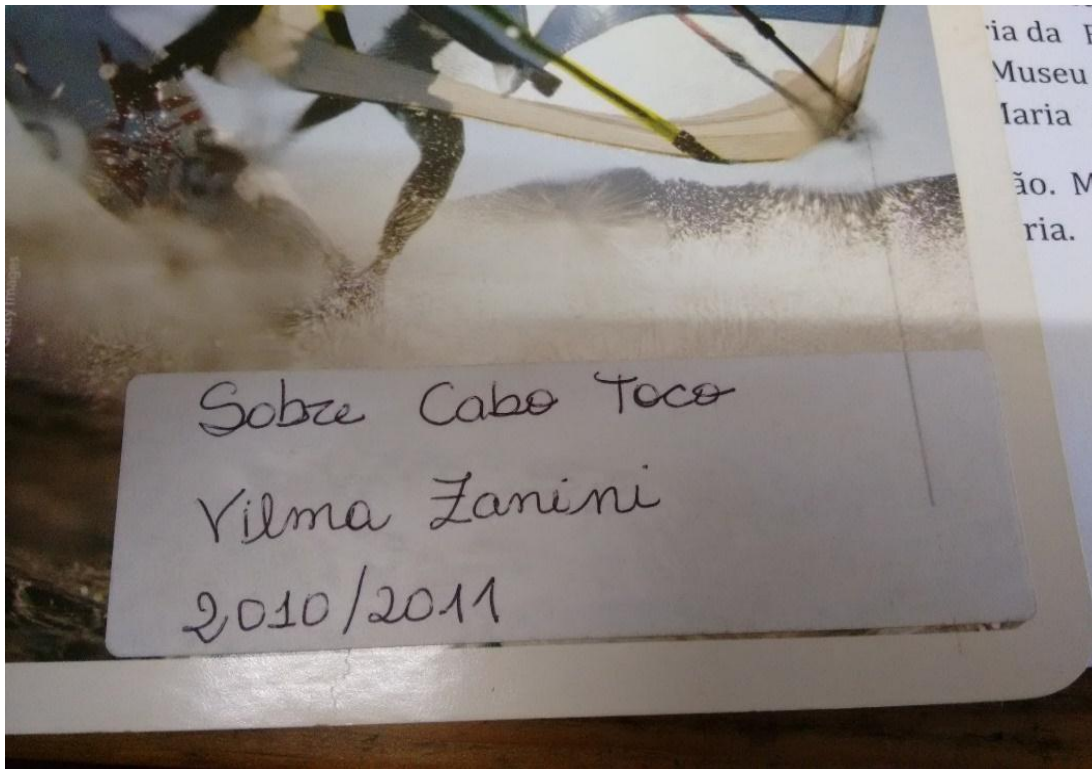
Ao decorrer do capítulo, descrevo a aprendizagem de mulheres através de suas próprias narrativas, são relatos sensíveis construídos etnograficamente, que perpassam distintos ambientes, diferentes atuações e informações, multisituando-se. Começo, pelas compreensões elaboradas por Vilma Zanini e em seguida, por outras

intelectuais cachoeirenses, Fabiane Wilheln e Mirian Ritzel. São mulheres que ensinam sobre Cabo Toco, construindo a agência da heroína, ao passo que constroem suas próprias agências. São intelectuais locais que ganham destaque por sua articulação em relação à construção da agência de Cabo Toco, por intervenções que contribuíram e contribuem para o papel da memória narrada na organização de valores e princípios sobre o aprender Cabo Toco.

4.2 A VOZ DE VILMA ZANINI

Durante trabalho de campo no Museu Municipal de Cachoeira do Sul, diversos documentos foram disponibilizados, entre estes, alguns pessoais de Cabo Toco, citados acima na reportagem de Celia Maria Maciel, diferentes reportagens de jornais e um caderno de anotações redigido por Vilma Zanini nos anos de 2010 e 2011. Vilma Zanini foi uma pessoa de extrema importância na vida de Cabo Toco. Professora aposentada e moradora da cidade de Cachoeira do Sul, reconheceu Cabo Toco cenário religioso da Igreja São José em Cachoeira do Sul, tomando conhecimento da realidade precária de habitação e saúde de Dona Olmira. Aquele pequeno caderno chamou-me atenção, pois em primeiro momento antes de ler seu conteúdo, cogitei a possibilidade de ser alguma coisa relativa ao diário pessoal de Cabo Toco, em que teria escrito prosas, versos e orações, conforme citei no capítulo anterior, mas não. O caderno, na verdade, é um relato em poucas páginas sobre como as histórias de duas mulheres encontraram-se e lutaram juntas para construir um possível reconhecimento e de Cabo Toco diante de sua participação em revoluções ao lado da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Figura 18 – O caderno de Vilma



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 16/09/2015.

Infelizmente, devido à idade avançada e passando por problemas de saúde, Vilma não pode conversar comigo pessoalmente, e não pude assim, confirmar algumas questões que acompanharam o percurso etnográfico. Em conversa com uma pessoa de sua família soube da existência de fitas cassete com gravações que Vilma teria feito com Cabo Toco, em que haveria o registro narrado de Dona Olmira e suas vivências na guerra. As fitas não estariam mais com Vilma, e para as demais pessoas que fazem parte deste trabalho, a existência dessas gravações são desconhecidas. Outra informação que gostaria de ter confirmado, se Vilma é natural da cidade de São Sepé-RS, onde Cabo Toco residiu após os confrontos armados, e se Cabo Toco teria ajudado em seu nascimento, realizado seu parto.

Figura 19 – Cabo toco e Vilma Zanini



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 16/09/2015.

Dúvidas a parte, trago a seguir o relato de Vilma ao Museu Municipal na íntegra:

O nome da Patronesse da Brigada Militar feminina foi: Olmira Leal de Oliveira, vulgo Cabo Toco. Ela nasceu em 1902. Ao meu conhecimento ela se faz presente desde 1947 quando fui babá da filha de um casal, Sr. Antônio e Luísa Machado, ele gerente da fábrica de mármore Asman, em frente ao cemitério municipal de Cachoeira do Sul. Semanalmente está família descia a vila Tibiriçá onde Cabo Toco vivia em uma chácara com seu marido, um ex-soldado da revolução, com cães, aves e um cavalo de estimação que lhe sobrou da revolução. Em 1951, minha mãe empregou-se de funcionária no colégio Nossa Senhora das Dores Missionarias de Jesus Crucificado, então eu nunca mais a vi, pois fiquei com as irmãs envolvidas com a evangelização na igreja São José. Cabo Toco não era convertida. Em 1980, meu esposo passou a chefe da estação ferroviária local, e eu voltei novamente a trabalhar na liturgia dominical da igreja São José. Num domingo o padre Orestes pediu se eu não poderia levar uma velhinha com mais de 70 anos em meu carro. Qual não foi minha surpresa, em reconhecer Cabo Toco, morando no Bairro Ponche Verde. Deste domingo até ela ficar famosa não deixou mais minha amizade. Ela era Caçapavana. Ela se tornou conhecida em Cachoeira, em 1985 por ocasião de um seminário das revoluções do Rio Grande do Sul, este seminário chamava-se: 70 anos de Antônio Chimango, era o apelido do governador Antônio Borges de Medeiros. As lideranças culturais da época eram a professora Marisa Saro, secretária da Educação do município, professora Lya Wilhel, diretora do museu municipal. A organizadora do seminário foi a professora de história Ione Maria Sanmartin Carlos, que foi minha aluna na escola Imaculada Conceição. Me fez um convite especial, porque eu não era professora de história. Foi então que lhe falei que conhecia uma senhora que não sendo homem era Cabo lutando nas revoluções de 24 a 30. Ione me pediu que a levasse, para que ela nos contasse algo de sua história como guerreira. Me recordo, entrei no seu casebre, sem água e sem luz. Reuni todos os seus documentos de revoluções, após isso o Sr. Paulo

Salzano me franquiou espaço para escrever sobre a Cabo Toco. Nesta época passava na Tv Globo, um seriado “Grandes Sertões Veredas”. Bruna Lombardi fazia papel de Diadorim que anula sua postura de mulher e vira Reginaldo para lutar com jagunços provincianos e exércitos para combater as tropas do governo federal em Minas Gerais. Um pouco de ficção do escritor Guimarães Rosa vira em realidade na pessoa de Olmira Leal de Oliveira, vulgo Cabo Toco. Eu Vilma Zanini escrevi um artigo sobre a Cabo Toco cujo título era “Cabo Toco não era Macho”. Este título atraiu curiosidade na época do capitão Silveira que chefiava o quartel de militares da polícia militar que passou a dar assistência médica e familiar a dona Olmira. Publicações no Jornal do Povo atraiu a Zero Hora que publicou fotos da Cabo Toco na revista cultura com outras heroínas gaúchas com o título de “Mulheres Valentes”, como Anita Garibaldi, Joana Galvão, Chica Papagaia, Frutuosa da Silva e Zeferina Dias. Eu pedi auxílio ao vereador e deputado estadual Mendes Ribeiro que esteve pesquisando a veracidade da participação da Cabo Toco nas revoluções. Ele conseguiu junto ao governo estadual uma pensão vitalícia para juntar aos seus proventos da aposentadoria do seu falecido marido. Eu consegui a construção de uma casa, muito me auxiliaram o vereador Edgar Müller, os policiais da Brigada Militar, o prefeito da época Dr. Ivo Garske. Uma campanha com o Sr. Paulo Salzano do Jornal do Povo, consegui um aparelho auditivo, pois sua falta de audição a tornava agressiva. O marido da Cabo Toco era carroceiro, e para sua sobrevivência após a morte do marido ela tornou-se carroceira, até levarem seu cavalo da carroça para uma fazenda particular e nunca ela teve o cavalo de volta. Cabo Toco foi levada após seu falecimento para Caçapava, conforme seu pedido. Não sei quem fez os funerais, talvez o museu saiba, não fui avisada do seu falecimento, soube pelo Jornal do Povo. Falta pesquisar sobre a música, seu prêmio, quem ficou com o dinheiro do prêmio? Como e quem a convidou para paraninfar a turma de primeiras mulheres da Brigada Militar? Quantos CTG’s tem no Rio Grande do Sul com o nome de Cabo Toco? Ano que nasceu e o ano que morreu? Se ela era um ídolo das revoluções e como Cachoeira a tratou e como deveria ter tratado? Os últimos dias ela passou no Asilo, eu a visitava semanalmente. Havia uma irmã que a cuidava, era a irmã Silvia que aparece no filme. Renate³², parabéns pelo trabalho que deseja realizar. Devemos dar valor a história de personagens cachoeirenses para que sirvam de exemplo de vida para jovens que desejam e sonham em servir sua Pátria. Um beijão da Vilma Zanini. Renate, a diabetes está roubando meus pensamentos e memórias do passado, parei alguns dias de escrever tentando me recordar e mais algum fato e nada.

A narrativa de Vilma, mesmo que formulada de maneira escrita, coloca em primeiro plano a patronesse de Cabo Toco à primeira turma de policiais femininas do Rio Grande do Sul, quando ao mesmo tempo, retoma seu próprio percurso de vida para explicar suas noções sobre Cabo Toco. Com sua autobiografia revela a biografia de Cabo Toco, que aparentemente antes de residir no casebre do bairro Ponche Verde em Cachoeira do Sul, vivia em melhores condições em uma chácara em outra localidade da cidade. Ao narrar, Vilma retoma algo que é de extrema importância para sua vida, a religião. Pela religião Vilma encontrou Cabo Toco e, a partir deste momento, começa a se articular com pessoas e instituições.

³² Referente a professora de história Renate Aguiar.

Vilma também interpreta a trajetória de Cabo Toco pela personagem de Bruna Lombardi³³ na minissérie “*Grandes Sertões: Veredas*”, escrevendo uma reportagem de jornal afirmando que Cabo Toco não era macho, texto que atraiu pessoas e a imprensa do Rio Grande do Sul, gerando comparação com outras mulheres que participaram de diferentes revoluções pelo Brasil³⁴. Através destas intervenções, Vilma pode pedir auxílios ao estado e para algumas figuras políticas de Cachoeira do Sul na época. Conseguiu um aparelho de surdez para Cabo Toco, pois, identificou que a falta de audição acabava tornando-a agressiva, pelo fato da dificuldade comunicar-se com as pessoas. Vilma não soube da morte de Cabo Toco, e este fato não é isolado, todas as mulheres que fizeram parte desta etnografia, que conviveram com Cabo Toco não souberam de sua morte, e conseqüentemente não compareceram em seu velório, e respectivamente, a seu funeral, lamentando-se muito por este ocorrido.

Vilma tornou-se uma intelectual em Cabo Toco, pensando em estratégias que pudessem, dentro de um curto espaço de tempo produzir uma sensibilidade em torno das narrativas sobre Dona Olmira. Lutou por reconhecimento, conectando contextos, saberes e práticas. Construiu novos significados diante aquela mulher, que vivia em condições precárias e tornava-se agressiva, devido a problemas de surdez causados pela idade avançada.

O lugar de Vilma como uma intelectual em Cabo Toco, revela-se pela maneira em que tratou com as ideias e contextos, transgredindo uma fronteira discursiva, quando escreveu sobre Cabo Toco em um dos jornais mais populares da cidade de Cachoeira do Sul. Vilma é uma intelectual, pois é criativa e explorou o domínio de ideias sobre Cabo Toco, indo além daquilo que esperava sobre suas narrativas de vida. A trajetória de Vilma enquanto intelectual é formulada pela a agência criada na forma de ações orientadas e o sentido interpretativo de seus deslocamentos. Assim, a narrativa de Vilma Zanini em suas fontes de informação, ultrapassam as oralidades sobre Dona Olmira, evocando dimensões subjetivas e interpretativas sobre Cabo Toco e sobre si mesma, exercendo uma reflexão sobre as experiências vividas (KOFES, 1994, p. 120).

³³ Bruna Lombardi é atriz, modelo e escritora brasileira.

³⁴ O texto de Vilma impulsionou a reportagem da Revista tempo 16, ilustrada no capítulo II, e o caderno especial de Zero Hora “A História de Cabo Toco - Saias nas Trincheiras”.

Faltam responder os questionamentos que Vilma deixou ao finalizar sua narrativa, alguns infelizmente não saberei responder, como a questão do prêmio da música, pois apesar de ter citado inúmeras vezes o prêmio da Vigília do Canto Gaúcho nesta etnografia, não entrou em meus objetivos conversar com sua interprete, Fátima Gimenez. Minha intensão sempre foi de ouvir outras vozes, já como esbocei em capítulos anteriores, Fátima sempre foi lembrada como referência a Cabo Toco, principalmente em celebrações que haviam retorno da mídia e Brigada Militar. Fátima Gimenez não teve uma experiência em Cabo Toco, tal como outras interlocutoras, seu contato com Dona Olmira foi intencional, era uma boa história, que poderia render uma boa repercussão a cantora e seu marido, o compositor Heleno Gimenez.

Sobre Cabo Toco paraninfar a primeira turma de mulheres da Brigada Militar, não há informações sobre como e quem a convidou, apenas que o grupo formou-se no dia 29 de setembro de 1987, mesmo ano em que a música Cabo Toco ganhou a Vigília do Canto Gaúcho, provavelmente o chamado à patronesse tenha haver com a ampliação do conhecimento sobre a sua participação em confrontos armados. Quanto aos CTG's com o nome de Cabo Toco, existe, na verdade, apenas um CTG Cabo Toco na cidade de Ijuí-RS, mas há um Piquete³⁵ na cidade de Esteio-RS, denominado "Piquete Cabo Toco", e cavalgadas femininas em sua homenagem, como em Nova Prata-RS e uma recentemente criada em Cachoeira do Sul-RS.

Em relação a Cabo Toco ser um ídolo das revoluções, e como Cachoeira a tratou e como deveria ter tratado, afirmo que, por mais que muitos indivíduos da cidade desconheçam quem foi Cabo Toco, e que ainda, há muita confusão sobre sua identidade, existem pessoas dispostas a doar-se em narrativa. Tratam-se de mulheres dedicadas a ensinar Cabo Toco como aprenderam ao longo da vida, a contar sobre si e sobre Cabo Toco numa narrativa que por muitas vezes tornou duas pessoas, uma só.

Só é possível apontar e considerar o papel da agência, através do aprendizado elaborado por mulheres como Vilma Zanini. São intelectuais que a partir de suas falas, experimentam caminhos e contextos de aprendizado, onde, observou-se Cabo Toco para além de uma música premiada, permitindo múltiplas

³⁵ PIQUETE – Pequeno agrupamento de pessoas, onde reúnem-se como se fosse um CTG, porém em menores proporções; também designa um pequeno potreiro, onde pastam os potros, ao lado da casa, onde se põe ao pasto os animais utilizados diariamente.

técnicas pedagógicas, fosse estas, principiadas em casa com as narrativas que permeiam o folclore do Rio Grande do Sul, no Museu Municipal de Cachoeira do Sul ou até mesmo na escola.

4.3 QUANDO FABIANE WILHELN LEVA CABO TOCO A ESCOLA

Em seu caráter multisituado, a etnografia de narrativas em circulação sobre Cabo Toco, em Cachoeira do Sul, figuraram muitos espaços ligados as pessoas e suas atividades cotidianas. Com uma rede formada por professoras e enfermeiras, acompanhei mulheres em sua vida diária, e acabei chegando na escola. A escola, lugar de múltiplos saberes e aprendizados, também é lugar de aprender Cabo Toco, onde Perez Gomez (1998), afirma ser um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados, sendo possível adquirir diversas experiências por intercâmbios espontâneos com seu entorno (GÓMEZ, 1998, p. 17).

Desde o início da pesquisa, ainda em fase de elaboração, o imaginário escolar figurava minhas memórias sobre Cabo Toco. Lembrava de quando na escola era falado sobre Cabo Toco, e tinha maior orgulho de saber algumas narrativas; quando alguém tinha que fazer algum exercício extra classe escolar e dirigia-se até nossa casa para que minha mãe narra-se o que sabia, ajudando a redigir o trabalho sobre Olmira; e, ainda, quando estava na sétima série do ensino fundamental, participando de uma gincana gaúcha e uma professora sugeriu que o nome da equipe fosse Cabo Toco.

A opção de usar essas memórias, e etnografar novos fatos, só veio com a própria inserção em campo e com a rede, que a cada processo de construção etnográfica, consolidava-se por professoras narradoras. Com minha visita ao Museu Municipal de Cachoeira do Sul, aproximei-me mais ainda da escola pelas palavras da guia do museu, que, como relatei em capítulos anteriores, na ocasião informou-me que muitas escolas visitavam o museu, e que as crianças interessavam-se pela exposição dos itens da Cabo Toco.

O retorno ao museu corresponderia aos últimos passos desta etnografia, acompanhando os alunos, ouvindo suas narrativas e experiências com aquilo que entendiam pela imagem de Cabo Toco. Infelizmente, não consegui desenvolver esta etapa, pois devido a uma série de corte de gastos nas verbas escolares, o *Passeio*

Cidade, destinado a visita ao patrimônio histórico de Cachoeira do Sul, e, conseqüentemente, ao museu municipal, foi extinto para todas as escolas da cidade.

Mesmo com todas as tessituras que encontrei ao longo do percurso etnográfico, o contexto de pesquisa continuou levando-me até a escola, por vezes, pela narrativa de sala de aula, por outras em demais espaços, numa união de saberes e conhecimento adquiridos dentro de casa e saberes escolares. Estas cognições articulam-se numa trajetória discursiva de construção social, a partir do engajamento das pessoas em relação ao seu mundo, que nas palavras de Ingold (2010), explicam-se pela orientação da informação construída, seguindo os mesmos caminhos de predecessores e orientado por eles. É uma espécie de redescoberta orientada criativamente pelos que ouvem a narrativa e a interpretam, atualizado caminhos individuais, fazendo com que sua interpretação sobre Cabo Toco torne-se objeto constante de debate.

A coincidência levou-me até a escola Angelina Vieira da Cunha, em Cachoeira do Sul, quando acompanhava as atividades da semana farroupilha³⁶ de uma pessoa de minha família pelo *facebook*. Dentre inúmeras fotos das atividades festivas, havia uma foto na escola Angelina. Muito curiosa resolvi olhar as demais fotos, quando deparei-me com a imagem de uma menina vestida com um traje militar em cima de uma mesa escolar, na mesa possuía uma identificação simples, nela dizia Cabo Toco. Entrei em contato com a direção da escola de imediato pelo *facebook*, garantiram-me retorno e em alguns dias recebi uma mensagem, era da Cabo Toco da escola Angelina, que logo conduziu-me ao encontro da professora Fabiane Wilhel:

O encontro com Fabiane Wilhel, professora responsável pela atividade, ocorreu na própria escola. Na ocasião, ao chegar no local fui informada que outras atividades extraclasse estavam acontecendo no pátio da instituição. Alunos e professores celebravam a paz em uma série de apresentações, discursos, vídeos e exposições de arte elaboradas por diversas turmas da escola. Ao encontrar com Fabiane, durante as primeiras aproximações dialogadas entre nós, o estranhamento: estava pela primeira vez conversando uma professora de Educação Física.

³⁶ A Semana Farroupilha é um evento festivo do tradicionalismo gaúcho, que se comemora de 14 a 20 de setembro com desfiles em homenagem a líderes da Revolução Farroupilha. O evento lembra o começo da Revolução Farroupilha, mais longa revolução do Brasil, que durou quase dez anos e tinha como ideal liberdade, igualdade e humanidade. A semana farroupilha é uma semana que os gaúchos vão comemorar.

A educação física estava fora daquilo que imaginava ser o óbvio, as demais professoras que fizeram parte da pesquisa estavam envolvidas com a narrativa de Cabo Toco pela literatura, história e ciências sociais, o que já era esperado por mim, quando a rede começou a formar-se. Perceber que mesmo em diferentes áreas de conhecimento, Cabo Toco figura o ambiente escolar, é reafirmar a agência elaborada pela capacidade de ensinar e aprender Dona Olmira, e todo o percurso do aprendizado, elaborado por quem narra. A narrativa unida a uma pequena autobiografia de Fabiane mostra o caminho de seu aprendizado sobre Cabo Toco e a importância de tê-la como elemento dentro da prática escolar.

Eu sempre me envolvi com o tradicionalismo, meus pais eram de CTG, então eu andava pra cima e para baixo com eles nessas coisas, quando eu era pequena eu fui na Vigília que a música ganhou, aí eu conheci a Cabo Toco pela música. Lembro que a Fátima, a cantora, comoveu todo mundo quando subiu no palco e cantou, me lembro da Cabo Toco subindo no palco também. Aquele ao foi quando as pessoas passaram a conhecer mais ela. Eu tinha uma professora na escola que falava muito sobre ela, mas as conversas na época eram sobre a condição financeira dela, do jeito que ela morava em condições precárias, ela vivia com muito pouco dinheiro. Eu sou a professora conselheira da turma que fez a apresentação e a gente sempre prepara umas coisas bem elaboradas, nos esforçamos bastante. Essa apresentação para a semana farroupilha nós pensamos em estatuas vivas. Escolhemos alguns personagens do tradicionalismo do Rio Grande do Sul. Tinha Giuseppe Garibaldi, a Anita, a gente fez toda encenação sobre os lenços e outros símbolos do Rio Grande do Sul e do tradicionalismo. Decidimos colocar a Cabo Toco para ter alguma coisa de cachoeira, porque é importante os alunos saberem que aqui em Cachoeira temos pessoas/mulheres importantes como a professora Angelina da nossa escola. Colocamos personagens de o Tempo e o Vento como Bibiana Terra. Eles incorporaram bem os personagens e nossa Cabo Toco ficou bem imponente, como ela tinha uma arma na mão, não parecia essa menina que está aqui do nosso lado. A apresentação durou mais ou menos uns 40 minutos e nesse meio tempo o carreteiro que iríamos servir ficou pronto, e eu fiquei muito preocupada com a perda do público pela comida, mas para nossa surpresa o pessoal pegou o carreteiro e voltou para o lugar para acompanhar nossa apresentação. A nossa Cabo Toco foi a última figura para subir na carteira e se fingir de estátua. Depois teve outra menina que dublou a canção Cabo Toco. Todos na escola adoraram. Como foi importante pra mim ter visto na Vigília, colocar a Cabo Toco na apresentação seria colocar para eles o que eu vi (Fabiane Wilhelm Debiagi – Professora de Educação Física da Escola Estadual de Ensino Fundamental Angelina Salzano Vieira da Cunha).

A afirmação “*eu fui à Vigília que a música ganhou*”, aproximou-me pela primeira vez do que ocorreu naquela noite em 1987, pela primeira vez conversava com alguém que tinha presenciado o prêmio, e poderia perguntar sobre o ocorrido. Fabiane revelou que todos ficaram comovidos, e que naquele momento a música teve uma força muito grande em prol de Cabo Toco, mostrando realmente quem era aquela velha senhora.

A comoção das pessoas, que ao mesmo tempo, viam Cabo Toco enquanto uma velhinha que vivia na pobreza e observavam, naquele momento, uma história riquíssima que deveria ser lembrada e exaltada, formulou sanções de reversão. A música em primeira pessoa, como exemplo das estrofes “Me chamam de Cabo Toco”, “Anita sem Garibaldi, já nasci emancipada”, demonstra ao longo de sua letra uma mulher, guerreira, valente, que lutou contra homens consagrados heróis no estado, como Honório Lemes³⁷ e Zeca Neto, que em vinte e três foi soldado sem deixar de ser mulher, e que ainda, só não sabiam dessas informações aqueles que realmente não queriam saber, dizendo aos curiosos que traziam ajudas interessadas, que não queria caridade, apenas justiça e mais nada. A música “Cabo Toco” transformou-se em uma voz que podia ser ouvida, e entendida pelas pessoas, não como um pedido de ajuda, mas como meio de reconhecimento. A música possibilitou um aprendizado imediato, pela própria Cabo Toco presente durante a premiação, personificando as relações cantadas.

A formação no tradicionalismo de Fabiane, durante sua infância e período em que frequentava os anos iniciais escolares, juntamente com a convivência com sua madrinha Lya Wilhelin, que havia atuado no Museu Municipal de Cachoeira do Sul, articulando-se para o reconhecimento da participação de Cabo Toco na revolução, conforme o relato de Vilma Zanini, possibilitou naquela época que a temática Cabo Toco fosse levada a escola. Numa espécie de trocas e construção de percepções sobre Cabo Toco, quando enquanto aluna, a professora também ensinava e aprendia. No papel de professora, Fabiane, proporcionou de maneira criativa a ocupação de espaços na escola, onde Cabo Toco entrou como mais um elemento de conhecimento. Ao ensinar o que viu na Vigília, Fabiane abriu a capacidade de aprender e informar de maneira interdisciplinar Cabo Toco.

³⁷ Honório Lemes da Silva, conhecido como "O Leão do Caverá" (Cachoeira do Sul, 23 de setembro de 1864 — Santana do Livramento, 30 de setembro de 1930) foi um tropeiro e proprietário de pequena estância brasileiro, pobre e quase analfabeto que, patriota, liberal convicto e admirador de Gaspar da Silveira Martins, ao rebentar a revolução federalista, em 1893 (29 anos), ingressou como simples soldado nas fileiras revolucionárias, chegando ao posto de coronel.

Figura 20 – Cabo Toco da escola Angelina



Fonte: Arquivo da E.E.E.F Angelina Vieira da Cunha - 21/09/2016.

Durante a conversa que iniciei pela internet com a Cabo Toco da escola Angelina, a menina de 14 anos, colocou-se à disposição para responder questionamentos. Coloquei, então, apontamentos que considerei pertinentes dentro do proposto por hora, pois estávamos conversando pela internet, não nos conhecíamos, e não havia entrado em contato com Fabiane. Perguntei sobre a atividade, sobre porque a escolha de Cabo Toco e sobre sua roupa, algo que me chamou bastante atenção.

A atividade aconteceu na semana farroupilha, a minha turma tinha que apresentar alguma atividade gaúcha. Escolhemos a história da Cabo Toco entre outras histórias do filme *O Tempo e o Vento* com algumas partes. Eu quis ser a Cabo Toco. Quem organizou tudo foi a nossa professora, pesquisamos algumas coisas na internet. Minha roupa era uma saia verde, a farda na parte de cima era do quartel. Para mim a Cabo Toco foi uma grande guerreira, que lutou na guerra, e conquistou o Rio Grande do Sul. Escolhi ela para representar porque foi a primeira mulher a servir o exército e ser enfermeira (Cabo Toco da escola Angelina 26/10/2016).

Nas palavras da jovem estudante, Cabo Toco conquistou o Rio Grande do Sul, afirmação que emerge a capacidade das narrativas em atingir o sentimento de

pertencimento, evocando o passado guerreiro de Dona Olmira, refletindo a construção de identidade. Mesmo que em poucas palavras, é perceptível um engajamento da personificação de Cabo Toco pela representação na escola. A aluna foi a última a apresentar-se, e “vestida” de Cabo Toco, circulou pela escola despertando a curiosidade de muitos sobre aquela personagem.

Ao lado de outras figuras do Rio Grande do Sul, algumas ficcionais como Bibiana Terra, personagem de “O tempo e o Vento” de Érico Verissimo³⁸, outras históricas da Revolução Farroupilha, a Cabo Toco da escola Angelina fez-se presente, imponente com uma arma em mãos. A alusão a diferentes personagens, oriundos da literatura regional ou da história da formação do estado, nas comemorações da semana farroupilha no Rio Grande do Sul, permitem a ilustração de heróis regionais, não havendo distinção entre ficção e realidade, mas adaptações de elementos que garantem a valorização da caracterização do gaúcho herói (NETO, 2009). Deste modo, entre imaginários e fatos reais, personagens mitológicos do Rio Grande do Sul simbolizaram-se nos alunos da escola, partindo do passado e suas narrativas, evocando a cultura tradicionalista do estado, sendo esta, adaptável as mais diversas situações de tempo e espaço (LESSA, 1985).

³⁸ A trilogia épica *O tempo e o vento* apresenta a saga das famílias Terra-Cambará na formação do Rio Grande do Sul. A obra, de grande extensão, foi dividida em três partes, publicadas respectivamente em 1949, 1951 e 1962. A trilogia “*O Tempo e o Vento*” compreende dois séculos da história rio-grandense, condensando os primeiros 150 anos em “O Continente”, que se inicia em 1745 com as missões jesuíticas, e se estende até 1895 com o fim do cerco ao sobrado dos Cambará. Os cinquenta anos restantes são apresentados em “O Retrato” e “O Arquipélago”, cujos capítulos finais retratam a queda de Getúlio Vargas, em 1945.

Figura 21 – Apresentação semana farroupilha escola Angelina. Da esquerda para a direita, a representação de Cabo Toco, Lanceiros Negros, Bibiana Terra, Giuseppe Garibaldi, Bento Gonçalves e Anita Garibaldi



Fonte: Arquivo da E.E.E.F Angelina Vieira da Cunha – 21/09/2016.

O passado, refletido no presente escolar, materializou o aprendizado ao alcance de diversos conhecimentos interligados. O processo pedagógico elaborado permitiu reconhecer, através dinâmicas, Dona Olmira e suas narrativas, assim como, outras personagens, pela visão, audição e reconhecimento. Foi imaginável para os alunos, e para quem assistia, a história do Rio Grande do Sul, diferente da dos livros didáticos. Ao colocar Cabo Toco como história e pertencimento, fazendo-se referência a elementos que fossem da cidade de Cachoeira do Sul, a narrativa da heroína passam a fazer sentido para aquele ambiente, atingindo as pessoas, rompendo paradigmas e ideias concretizados.

Dentre tantas questões sobre as narrativas em circulação sobre Dona Olmira, diante do aprendizado que acontece na escola, há uma que tange o documentário “Histórias Extraordinárias – Cabo Toco”. Foi na escola que o documentário ganhou forma. Apesar de sua idealização ser da RBSTV, foi na escola que encontraram os atores, foi na escola que encontraram alguém para ser a Cabo Toco.

Figura 22 – Theana, a Cabo Toco do Colégio Marista Roque



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul – 16/09/2015.

Theana, relatou-me que na época fazia parte do teatro do colégio, e que apesar de não lembrar de muita coisa, construiu a personagem a partir da música e do prêmio na Vigília. Na época em que foi selecionada para representar Cabo Toco, não conseguiu estudar, nem se aprofundar sobre a história, pois houve um curto espaço de tempo entre ser selecionada e o início das filmagens. Nas palavras de Theana, a RBS queria fazer o “Histórias Extraordinárias” sobre a Cabo Toco, então indicaram o teatro do colégio, falaram com a professora responsável e ela escolheu os alunos.

A escolha de Theana para ser a Cabo Toco, ocorreu devido à semelhança física entre as duas, como a baixa estatura e cabelos escuros e compridos. Ao fim de nossa breve conversa, Theana afirmou que seu pai atendia Olmira na delegacia da Polícia Civil de Cachoeira, pois, as crianças jogavam pedras em sua casa, então, Cabo Toco sempre comparecia na delegacia para reclamar. Apesar de não ter aprendido propriamente Cabo Toco na escola, Theana acabou levando para escola seu aprendizado, podendo assim, construir a personagem em Histórias Extraordinárias.

Notei ao longo do percurso etnográfico, que muitos alunos são atingidos pelo tipo de narrativa em circulação: “meu avô fez isso pela cidade”; “minha mãe me conta sobre a história do nosso sobrenome -Neves da Fontoura³⁹”; “minha avó conheceu a Cabo Toco”, como contava-me outra professora em outra situação; ou então como Theana, “meu pai atendia ela na polícia civil”. São crianças que tem uma manutenção de memória familiar, que possuem um conhecimento que vem de casa sobre Cabo Toco, e um aprendizado conforme explicitarei no capítulo anterior, onde o que é posto como aprendizado na escola faz sentido para a vida cotidiana.

Por mais que, em muitos casos as professoras afirmem “*eu só sei o básico*”⁴⁰ sobre Cabo Toco”, e remetam-se a ela em sala de aula quando falam em outras figuras históricas da cidade de Cachoeira do Sul, como Borges de Medeiros, a importância que cabe a ensinar e aprender Cabo Toco dentro da escola, mesmo que seja “o básico”, perpassa pelo sentimento de pertencimento. Colocando pessoas que lutaram por ideias na cidade incumbe a memória que não é só do município, mas que é partilhada pelo aprendizado, construindo uma memória coletiva ao alcance de uma parcela da população cachoeirense.

Ensinar e aprender Cabo Toco na escola, é olhar para a aprendizagem não como uma mera repetição, mas para os contextos inter-relacionados diante do instruir-se a partir de uma identificação social, focando o aprender através daquilo que faz sentido para a comunidade, e no conjunto de ideias que estabelecem relações entre as pessoas que contribuem para um aprendizado mútuo (LAVE, 2015). Completo, afirmando que Cabo Toco só chegou a escola, enquanto temática de ensino, a partir do sentido que suas narrativas tem dentro da identidade e memória das pessoas. A união entre tradicionalismo, folclore e mitologia, atingem profundamente as pessoas e suas visões de mundo, formulando constantemente a necessidade de narrar, garantindo a manutenção da agência pedagógica do aprender Cabo Toco e outros heróis do Rio Grande do Sul.

³⁹ João Neves da Fontoura (Cachoeira do Sul, 16 de novembro de 1887 — Rio de Janeiro, 31 de março de 1963) foi um advogado, diplomata, jornalista, político e escritor brasileiro. Foi deputado federal, ministro das Relações Exteriores durante os governos de Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra, embaixador do Brasil em Portugal entre 1943 e 1945, membro da Academia Brasileira de Letras e membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Columbia e a Ordem do Congresso Nacional.

⁴⁰ O conhecimento básico sobre as narrativas sobre Cabo Toco remete a aquelas informações iniciais que encontrei na internet ao pesquisar sobre Dona Olmira. São o nome completo de Cabo Toco, anos em que participou da revolução, sobre o ir a combate como enfermeira e tornar-se combatente.

A partir daqui, encaminho-me para as finalizações esta dissertação de mestrado, mas antes disto, devo ceder a palavra para mais uma interlocutora, que mesmo sem saber, acompanhou-me durante toda etnografia. Mirian Ritzel, “o arquivo vivo de Cachoeira do Sul”, assim chamada nos lugares que passei e pelas pessoas em que conversei, é historiadora e pesquisadora do município de Cachoeira do Sul, atuando no Arquivo Histórico da cidade. Mirian, em ampla instrução sobre diferentes temáticas da história local, propôs-se a transmitir-me seu conhecimento sobre Cabo Toco, e a ela concedo a voz nas próximas páginas.

4.4 “TU PRECISA FALAR COM A MIRIAN”

Eu precisava encontrar a historiadora Mirian Ritzel. Precisava, pois, as mulheres que teceram as linhas narrativas em rede, sempre a indicavam e sempre acabava deixando para depois. Mirian foi a primeira indicada, porém a última intelectual que encontrei, e devo admitir a intencionalmente dessa escolha. Havia uma hipótese em mente, que a narrativa de Mirian seria diferente das outras que ouvi e senti, pela sua profissão e caráter, que simbolizava seu amplo saber sobre a cidade de Cachoeira do Sul.

O caráter político de Mirian, enquanto historiadora local, evoca sua profissão e intelectualismo de uma mulher que possui conhecimento amplo sobre a cidade de Cachoeira do Sul, sobre suas pessoas e os desdobramentos. O saber de Mirian em suas práticas e ações, promove uma categoria de domínio, numa dinâmica de produção intelectual e circulação do mesmo, onde a memória do município toma sentido pedagógico do saber, multiplicando experiências e agências entre as diferentes pessoas, e principalmente pelas mulheres que narram sobre Cabo Toco.

Mirian, não usou do recurso autobiográfico ao narrar Cabo Toco, pelo fato de estar acostumada enquanto pesquisadora de Cachoeira do Sul a deixar sua vida pessoal de lado e focar nos assuntos, nos quais se dedica a estudar. Mirian é o arquivo vivo de Cachoeira do Sul, devido sua bagagem intelectual na qualidade de historiadora do município. Esteve à frente de diversas entidades culturais, como o próprio museu municipal de Cachoeira do Sul e a Associação Cachoeirense de Amigos da Cultura, é idealizadora do projeto de criação do Instituto Histórico Borges de Medeiros, que prevê o tombamento da fazenda que pertencia à família de Borges de Medeiros em Cachoeira do Sul e torná-la museu.

As mulheres indicavam-me Mirian de imediato, acreditando que estava atrás de uma história composta de fatos documentados, só depois de uma longa conversa que entendiam o sentido pesquisado. Apesar do não uso da narrativa sobre Cabo Toco de maneira autobiográfica, Mirian é uma agente do saber, e através do seu relato histórico, instiga outras mulheres a refletirem e a ilustrarem suas vidas pela existência de Cabo Toco. Assim, entre agências, experiências e narrativas históricas, Mirian conduz a memória do município, e acabou confirmando diversas questões que etnografei ao longo desta dissertação de mestrado, e colocando em vigor outras que estavam subentendidas por mim. Passo a palavra a ela, pois afinal era preciso ouvi-la, fechando um ciclo.

Primeiro contato com a Cabo Toco enquanto figura surgiu com a Vigília do Canto Gaúcho. A pergunta que ficou naquele momento era sobre o que era aquela mulher e o que ela representava. Aparentemente ela passava um ar de pessoa arredia, de mulher brava como uma espécie de defesa. Tinha toda uma questão de que as crianças tinham muito medo dela, e isso a tornou uma pessoa agressiva. Se nós fomos parar para pensar em todo o contexto ela foi uma mulher que teve que se vestir de homem para poder seguir as tropas, pois as mulheres tinham apenas três lugares na guerra, ou eram prostitutas, ou eram “comerciantes” que recolhiam coisas dos mortos, ou eram enfermeiras, como no caso da Cabo Toco, que ainda só temos o conhecimento que ela saberia aplicar injeções. Nós tínhamos então aquela mulher que não era reconhecida pela Brigada Militar, e que teria participado sim dos confrontos, pois existia um documento assinado pelo comandante João Vargas de Souza afirmando isso. Claro que foi uma participação em uma brigada de muitas que haviam do lado governista do Borges de Medeiros. Com a vitória da Fátima, houve uma grande procura, foi então que saiu aquele caderno especial na Zero Hora. Aquele caderno mostrou um outro lado da Cabo Toco, um lado doce, que as pessoas não estavam acostumadas a enxergar. Aquela foto do caderno, a que ela tem o rádio na mão é emblemática.

Figura 23 – Cabo Toco em "Saias nas Trincheiras"



Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul - 16/09/2015.

Na época eu trabalhava no museu municipal e nós conseguimos chegar até a Vilma Zanini. A Vilma carregava a Cabo Toco para todos os lugares, e nós organizamos um encontro sobre assuntos da revolução no museu no qual a Cabo Toco esteve presente junto a Vilma. O museu acabou se tornando uma referência na cidade sobre Cabo Toco pelos objetos que conseguimos recolher sobre ela, a Cabo Toco é uma exposição permanente, pois acreditamos que é necessário mantermos aquele pequeno espaço. Muitos historiadores na cidade contestam o espaço, dizendo que a história da Cabo Toco foi uma mentira, que ela criou as histórias da cabeça dela, mas eu acredito que seja verdade com toda certeza. A história da Cabo Toco se tornou uma coisa folclórica por todo o contexto da revolução e o ter que se vestir de homem como uma proteção. Algumas pessoas ligadas a Cabo Toco lá em Caçapava do Sul, como a Dona Aimeê Ferreira, sempre comentavam que ela tinha uma tristeza muito grande pelas pessoas acharem ela mentirosa. Apesar da Cabo Toco ter que se vestir de homem, ela sempre teve essa afirmação como mulher, a própria música afirma isso. A Cabo Toco se humaniza com toda essas questões que se unem ao papel de enfermeira e do cuidado. Quem passa a conhecer as histórias dela fica seduzido por ela, gerando muitos questionamentos. Ela é uma imagem agressiva aparentemente que se suplanta pela aura de uma pessoa valente (Mirian Ritzel 26/10/2016).

Com o primeiro contato através da Vigília do Canto Gaúcho, assim como Fabiane, Mirian coloca em sua fala a interrogação sobre quem era Cabo Toco e quais os desdobramentos de sua possível representação enquanto participante de um confronto armado, refletindo sobre o papel das mulheres nos espaços de guerra, sendo elas: prostitutas; enfermeiras; ou aquelas que recolhiam o que restavam dos mortos. O relato de Mirian lembrou-me o filme *“Anahy de las Misiones”⁴¹*, tanto pela própria Anahy, que viajava por onde as tropas confrontavam-se na Guerra dos Farrapos, recolhendo pertences de valor dos mortos, quanto sua filha Luna, que cobria o corpo com bandagens, forjando uma doença, devido ao medo de ser violentada. Não havia lugares na guerra para mulheres como Luna, do mesmo modo que, o lugar ocupado por Cabo Toco deveria restringir-se a enfermaria, obrigando-a encobrir sua condição de mulher em trajés masculinos quando tronou-se combatente, como havia interpretado Vilma Zanini a partir de *Diadorim* de *“Os Sertões: Veredas”*.

⁴¹ *Anahy de las Misiones* é um filme brasileiro de 1997, do gênero drama, dirigido por Sérgio Silva e com roteiro de Gustavo Fernández, Tabajara Ruas e Sérgio Silva. Em 1839, a andarilha Anahy viaja pelos campos de batalha do Rio Grande do Sul (chamado por ela de República de São Pedro do Rio Grande), durante a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, saqueando os mortos e negociando os achados com os soldados sobreviventes. Com ela vão os filhos Solano, o mais velho que manca de uma perna, Teobaldo, simpatizante dos revoltosos (os "Farrapos", que lutam contra as forças do Império, apelidadas de "Caramurus"), Luna, que esconde sua beleza com bandagens, e Leonardo, o impetuoso caçula. À família se juntam ainda o revoltoso Manoel e a prostituta Picumã.

Com a vitória na Vigília, houve interesse do Jornal Zero Hora em conhecer a história de Cabo Toco, sendo publicado o caderno especial “*Saia nas Trincheiras*”, no qual diversos fragmentos foram etnografados aqui. Mirian na época trabalhava no museu e chegou a Vilma Zanini, juntas organizaram seminários sobre a revolução. Com o falecimento de Cabo Toco, reuniram no museu municipal alguns objetos de Cabo Toco, nos quais tornaram-se exposição permanente. A união de Vilma e Mirian, em seu caráter de reciprocidade, revela que só foi possível o agenciamento dessas mulheres, através da necessidade do doar-se, para que outras pessoas pudessem aprender sobre Cabo Toco. A reciprocidade aqui é um *forma* de empoderamento, na qual segundo Ingold (1987), constrói interações criativas em processos, assim, a história vai ocorrendo, ou sendo construída, pelas pessoas, mutualidade. Há uma relação entre as pessoas e suas ações e iniciativas, que neste caso, resultou na construção da agência pedagógica do contar sobre Cabo Toco.

Durante a narrativa de Mirian, uma afirmação reveladora: muitos historiadores (homens) locais incomodam-se com a presença de Cabo Toco enquanto exposição permanente no museu municipal, alegando uma possível mentira em sua história. Confesso que ao assistir o documentário sobre a Cabo Toco em Histórias Extraordinárias, uma das questões que chamou-me atenção foi justamente a maneira em que os historiadores expressaram-se ao narrar os fatos históricos sobre a participação de Cabo Toco na revolução. Alegações do tipo “*não há registros*” e “*creio que não seja verdade*”, figuraram as narrativas durante o documentário. Deste modo, os fragmentos da história de Cabo Toco, expostos no museu, causam incomodo, pelo fato de refutarem as teorias destes estudiosos, somados a contextos sociais. São um conjunto de situações e formulações que corroboram para a negação, como a própria agência criada pelas mulheres.

“*Mas afinal, que diferença faria uma mulher ter participado de uma Revolução?*”⁴² Tilly (1994), considera obras sobre história das mulheres, em que as mesmas tornaram-se agente de suas próprias narrativas para responder o questionamento. A autora afirma que a experiência das mulheres no passado tem a oferecer uma interpretação crítica, desconstruindo a “natureza” feminina, permitindo ouvir as mulheres e suas vozes do passado.

⁴² TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. Cadernos Pagu (3) 1994, p. 29-62. Do original: “Agora que eu sei que as mulheres participaram da Revolução, *que diferença isto faz?*” Pergunta elaborada por “um historiador da Revolução, velho e rude, com sua entonação fanhosa do leste dos Estados Unidos (TILLY, 1994).

A “natureza” feminina, expressão popular, que figura tanto o senso comum, como o acadêmico⁴³, pode ser explicada pela atribuição do espaço doméstico como à natureza feminina, e aos espaços públicos (a cultura) como masculino (ORTNER, 1979). A mulher estaria definida enquanto natureza pela função de seu corpo e estrutura psíquica, pelo seu envolvimento com a procriação, e papel social que estaria designada a desenvolver, no qual seria inferior ao masculino, pois o homem poderia atuar de modo livre, mudando a natureza conforme seus interesses. O corpo do homem estaria mais próximo da cultura (idem, 1979), assim como, a guerra estaria mais próxima dos dois.

A definição que as mulheres correspondem ao âmbito da natureza, e a ideia que os homens estão mais próximos da cultura, caracteriza a cultura quanto um lugar de experiências e agências. O que não necessita de agência para ocorrer, resta para a natureza. Durante as revoluções, no que diz respeito a sua história, as mulheres sofreram forte reprovação em relação a sua presença nestes espaços públicos, foram elas menosprezadas e seu comportamento considerado ridículo e inadequado (TILLY, 1994). Mirian, relata a tristeza de Cabo Toco por muitos acreditarem que sua história fosse mentirosa.

Ainda que considere, numa base antropológica a existência de muitas verdades sobre a vida de Dona Olmira, comprovo com esta etnografia, diante das diferentes narrativas, fatos e documentos pessoais, sua participação na revolução. A negação assegura a hegemonia da história regional e seus heróis homens, ao ignorar Cabo Toco enquanto combatente, os intelectuais asseguram uma dimensão higienizada (ORTIZ, 1996) das narrativas locais, que tem o papel de viver um passado masculino por repetição.

Segundo Tilly (1994), a diferença que faz estudar as mulheres e sua participação em revoluções, está não só nos ensinamentos sobre a elaboração das coalisões revolucionárias e sua ruptura, no combate pelo reestabelecimento da autoridade, mas sim em tantas outras saídas possíveis. É imaginável pensar em Cabo Toco, e diversas outras mulheres em sua luta por direitos próprios, por uma vida democrática, que para elas, era algo radicalmente novo a elas. Estudar as mulheres que participaram de revoluções permite compreender e analisar suas

⁴³ Referente ao senso comum douto, categoria elaborada por Pierre Bourdieu (2000) para designar discursos acadêmicos revestidos de senso comum, é uma repetição de conhecimento sem preocupação com a realidade ou com as mudanças de realidade.

estratégias de empoderamento, e usos de agência, mesmo que no final tenham saído vencidas (TILLY, 1994).

Para concluir, resalto na fala de Mirian mais alguns pontos, que são de extrema importância para compreensão e contribuição à algumas questões que dissertei ao longo deste percurso etnográfico. A música “Cabo Toco”, e sua afirmação enquanto mulher. São estrofes de protagonismo feminino, que além de demarcar Cabo Toco enquanto um mito, reforçam o exercício de agência e o empoderamento das mulheres que narram sobre Cabo Toco. A foto do caderno de especial do jornal Zero Hora, coloca para pessoas outra imagem, diferente do sofrimento e rispidez, formulados pela primeira impressão que muitos tinham ao ver Cabo Toco. É a compreensão da valentia de Dona Olmira que transforma sua agressividade em agência.

Pela voz de mulheres como Vilma, Fabiane e Mirian, apesar da distinção de seus relatos, torna-se possíveis as relações de reciprocidade na aprendizagem sobre Cabo Toco, que em suma, caracteriza todas as mulheres que aqui narraram. Elas constroem suas performances autobiográficas pela permissão de falar sobre si em projeção na vida de Cabo Toco, pensando em trajetórias, deslocamentos, num processo de agenciamento pedagógico, de múltiplos aprendizados.

Unidas, Vilma, Fabiane e Mirian em seus saberes e fazeres, diante da memória sobre Cabo Toco, desestabilizam visões de mundo naturalizadas e hegemônicas de historiadores locais. Contribuindo para o empoderamento das mulheres que detém o conhecimento sobre Cabo Toco em forma de narrativa, valorizando objetos, promovendo a manutenção de dádivas.

Na escola, Cabo Toco aparece enquanto memória do município de Cachoeira do Sul, e ainda, como uma guerreira que ousou lutar em prol de um ideal, em uma época que não havia lugar para mulheres enquanto combatentes. Os alunos que realizaram a atividade na escola Angelina, ficaram muito felizes com a minha visita, eles reconheceram Cabo Toco enquanto heroína, e os reconheci na forma de sua apresentação, dando importância ao seu trabalho em conjunto. Mais uma vez a dádiva entra em cena, sendo perceptível que o aprendizado que se estabelece na escola é mútuo, quando alunos e professores constroem Cabo Toco por aquilo que aprenderam em múltiplos locais, unindo saberes, fatos e diversas narrativas, num conjunto de reciprocidades.

As agências femininas nas experiências de compreender Cabo Toco ao longo do percurso etnográfico, mostraram-me um aprendizado pedagógico elaborado pelas narrativas, não bastando apenas ouvir, mas perceber cognitivamente o que aqueles relatos estavam querendo dizer, tanto sobre Cabo Toco, tanto sobre as mulheres em suas autobiografias. As autobiografias aqui concebem reflexos do passado no presente, a partir de experiências e visões de mundo, em que a memória ecoa por ressignificações e agenciamentos, partindo de Cabo Toco e suas narrativas como um modo de viver. Cabe, por fim, sinalizar que as narrativas e narradoras desta etnografia mostram através de suas sabedorias e técnicas, suas relações cotidianas, que se mesclam a vida de Cabo Toco. Os dispositivos criados, intencionais ou não, articulam-se em prol da resistência de uma narrativa que mantém suas identidades de guerreira, como Dona Olmira, que apenas *queria reconhecimento e mais nada*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve como eixo principal, a etnografia de narrativas em circulação sobre Cabo Toco na cidade de Cachoeira do Sul. Meu intuito era poder etnografar o papel das relações que aprendi desde a infância com as narrativas sobre a Cabo Toco, podendo articular os aprendizados cotidianos da vida comum com os da acadêmica. Era necessário pesquisar sobre Cabo Toco, não só pela importância que suas narrativas desempenharam em minha vida, mas pelo caráter de seu heroísmo, que ainda era uma incógnita.

Acreditava em algumas hipóteses, como que a narrativa de Cabo Toco moldava-se a dos grandes heróis gaúchos, como Bento Gonçalves e Giuseppe Garibaldi. Estava enganada. Ao terminar este percurso fico aliviada com o engano, fui desafiada a mudar uma visão de mundo que estava encucada a tempos em minhas subjetividades, e só por isso consegui realizar meus objetivos antropológicamente falando, pois, houve estranhamento. Felicidade de um jovem pesquisador é concretizar o clichê do sonho clássico de ter um *“anthropological blues”*.

Procurei nos capítulos desta dissertação etnografar narrativas de um contexto particular de pesquisa, em que abordei a experiência de vida de apenas uma mulher, resultando na interface de tantas outras. Achei que falaria só de memórias, mas falei muito sobre a quem elas pertenciam: as mulheres que narram sobre Cabo Toco. Devo admitir que tive muita resistência no início, pois a teoria de gênero era um lugar não habitado por mim.

Há muitas narrativas sobre minha vida neste texto, sobre minha infância, meus sentimentos de pertencimento diante meu local de nascimento, Cachoeira do Sul, e como passei a interpretar as relações através da antropologia. Considero assim, que também sou uma das mulheres que narram sobre Cabo Toco, pois, aqui está um pouco de minha autobiografia, unida a memória que exercitei durante a escrita do diário de campo.

A construção etnográfica aqui desempenhada partiu da ideia de ouvir pessoas, e que estas pudessem construir uma rede narrativa por linhas de diferentes assuntos conectados a Cabo Toco. Ouvir aqui, tornou-se um exercício de cognição. Era preciso ouvir até mesmo os arquivos, naquilo que estavam incumbidos nas linhas escritas, em que expressavam-se modos de agir e pensar.

As falas etnográficas, como denominei as narrativas que compuseram este texto, tiveram o papel de dar legitimidade e voz a mulheres que narram sobre Cabo Toco, olhando para sua capacidade interpretativa, através de suas experiências e saberes. A polifonia textual teve um papel fundamental para que pudesse dar conta de uma construção etnográfica dialogada. Deste modo, as narrativas de vida, tanto sobre Cabo Toco, tanto sobre as demais pessoas, demonstram a capacidade que pode ter uma agência, construída pelo meio de relatos. São trajetórias de experiência que mesclam e transformam o passado e presente, numa dinâmica, onde se aprende e ensina Cabo Toco.

De fato, o que Cabo Toco representou/representa para os cachoeirenses, afinal? Seria muito romantismo de minha parte afirmar que todos os cachoeirenses conhecem as narrativas de Cabo Toco, muitos até mesmo nunca ouviram falar de Dona Olmira Leal de Oliveira. Alguns sabem pelo prêmio, pela música e por aquilo que os jornais falavam. Outros pela convivência e aprendizado que tiveram pelas narrativas. Existe ainda, muitas referências pelo masculino, indicações que são reproduzidas por quem sabe que Olmira existiu, e apenas isso. São alegações como “O Cabo Toco”, e ainda questionamentos sobre identidade de gênero, “coitada, acho que até era lésbica”.

Os jornais tiveram o papel de apresentar Cabo Toco ao público cachoeirense. Os documentos etnografados em sua relação com Cabo Toco demonstraram a função comunicativa da imprensa, não só de informar, mas de focar em ideias e reproduzi-las, convocando ao leitor percepções de mundo e de julgamento. A lembrança de Cabo Toco pelo esquecimento é uma maneira usada pelos jornais para informar pela culpa, ainda que fosse numa tentativa de reversão, a apelativa pelo sendo comum foi redigida em muitas páginas, colocando em questão até mesmo a veracidade da participação de Cabo Toco na revolução. “A Cabo que não dava ibopé”, conforme ilustra a charge “A heroína”, evoca em um simples desenho os estereótipos que Cabo Toco carregou, e ainda, que foram reproduzidos pela documentação jornalística, guiando a necessidade do esquecimento. A imprensa vez meia culpa, colocando em cima da população toda a responsabilidade do esquecimento, preferindo que sentissem pena, do que aprendessem o sentimento de representatividade heroica.

O papel do prêmio resultou em dois grandes eixos, no sentido de pensar o mito sobre Cabo Toco. Os jornais trouxeram Cabo Toco e Fátima Gimenez na

Vigília, aos moldes do esquecimento de Cabo Toco, numa narrativa de resgate da memória. O único jornal que traz a letra da música na íntegra, é o Jornal Zero Hora, no seu caderno especial sobre Cabo Toco. Em diversas oportunidades ressaltarei o caráter da música Cabo Toco enquanto gênese do mito, ainda em vida de Olmira. Para que possa entender os rumos e significações que este trabalho propõem-se, é necessário pensar e elaborar categorias de entendimento do próprio status quo do mito. Existem duas relações: a do mito, pela música em si, e pela música para si. A música em si, propõem-se a colocar o prêmio enquanto maneira de conhecer Cabo Toco, colocando-a enquanto heroína, mas desconhecendo a letra da canção. É uma relação de poder, que coloca o prêmio na Vigília do Canto Gaúcho como referência, mas ignora-se a mensagem que a música tem a dizer. A questão da música para si, abrange a narrativa de mulheres que colocam a mesma como parte de sua agência, na afirmação de mulher guerreira em suas tessituras de heroísmo e sofrimento. São mulheres que usam a música “Cabo Toco” para si, exaltando a experiência de Cabo Toco e ainda, fazendo valer o pedido que reconhecimento no final da canção.

No que atinge Cabo Toco e seu caráter religioso, é possível perceber que, apesar de sua catequização na igreja católica ser tardia, não houve um impedimento em relação a sua devoção antes do ocorrido. Cabo Toco exercia e ensinava sua fé a quem necessitava. Ela não era santa, nem era sua intensão ser, muito menos para daqueles que narram sua vida pela experiência religiosa. Reforço que, quando tratei de religião no capítulo III desta dissertação, o interesse era caracterizar as relações com o sobrenatural que se apresentavam através da narrativa sobre Cabo Toco, eram histórias que mesclavam folclore, vida religiosa e a narrativa de cura. A religião e folclore foram categorias que utilizei para elucidar as relações de recepção da narrativa sobre Dona Olmira na infância, pela união que se davam entre diferentes falas e causos, quando ela aparecia como mais um elemento dentre tantas narrativas, personagens e assombros.

Em relação à religião e ao folclore, o percurso do aprendizado sobre Cabo Toco, e seus indícios na infância, perpassam o meio lúdico pelas narrativas que figuram o universo adulto e atingem as crianças profundamente pelo sobrenatural. Aprender Cabo Toco começa pelo medo causado pela referência a uma mulher que rompeu com as barreiras de gênero aos 21 anos, participando de confrontos armados, salvando pessoas e as finalizando, se fossem do lado inimigo. A representação de Cabo Toco na velhice e as condições precárias em que vivia,

formula no imaginário infantil: era a velha do saco, que carregava as crianças que desobedeciam em sua carroça. Numa mistura de personificação da velhice e das glórias do passado, as crianças passavam aprender Cabo Toco pelo medo.

Tornei-me parte da linha de narrativas em rede sobre Cabo Toco, a partir do momento que percebi estar dentro das reciprocidades em circulação. A função das dádivas dos objetos, exercido durante etnografia chegou até mim, quando ganhei um simples pedaço de papel com uma cópia de orações usadas por Cabo Toco. Entendi, também, que estava dentro das trocas que ocorriam, tornando interessante para quem narrava, contar sobre o que sabia, como se esta dissertação de mestrado tivesse um importante papel para as futuras gerações de narradoras, reafirmando as questões do ensinar e aprender Cabo Toco em continuidade. Outra coisa que devo destacar sobre a questão dos objetos de Cabo Toco, é a confirmação de seu casamento. O casamento de Dona Olmira com Antônio Martins, ainda gera muitas desconfianças, justamente por alegar-se viúva em Cachoeira do Sul. Os objetos ganhados por Cabo Toco como presente de casamente, que estão em posse de algumas interlocutoras, confirmam seu matrimônio. São objetos que parecem ser fora de seu universo, como aqueles que remetem a guerra e a religião, expostos no museu.

Muitas questões ainda ficaram, como algumas curiosidades sobre Cabo Toco. Ela não tomava chimarrão com qualquer um, principalmente com os ricos. Segundo a própria Cabo Toco, o chimarrão que os ricos tomavam, quando chegava aos pobres, vinham só com uns pauzinhos nadando. Não teve filhos, por estar sempre montada a cavalo. Quando Antônio faleceu, passou tempos levando ao cemitério, onde estava sepultado, café e bolo, quando descobriu que eram os homens que lá trabalhavam, comiam e bebiam sua oferta, os ameaçou de morte.

A questão da morte de Cabo Toco é algo que devo retomar aqui. A percepção que tive ao ouvir as narrativas de lamentação sobre seu falecimento, em que as mulheres que a acompanhavam não foram informadas sobre o ocorrido, caracteriza a morte como uma coisa distante as narradoras que conviveram com Cabo Toco, ocasionando a vivência de um luto tardio. A notícia da morte trouxe à tona, mais um elemento quase que esquecido: Cabo Toco não era nascida em Cachoeira do Sul, e seus restos mortais deveriam acompanhar seu marido na cidade onde nasceu, Caçapava do Sul. Era como se uma parte do mito Cabo Toco fosse roubado de

Cachoeira do Sul, pelo desconhecimento geral sobre sua morte e pelo sepultamento em outra cidade.

Cabo Toco representa um misto de categorias e subjetividades que envolvem não só sua biografia, mas a história de vida de pessoas diante daquilo que se necessita lembrar, tanto para aqueles que negam sua participação em confrontos, quanto a quem acredita que seja verdade. Negar Cabo Toco enquanto heroína, ou sua participação em confrontos armados enquanto combatente, reforça a ideia de manter intacto o tipo ideal de heróis regionais no estado do Rio Grande do Sul. Negar significa que a vida de uma mulher, que ousou a entrar num campo de batalha, atinge tanto as pessoas que chega a incomodar aqueles que ainda insistem que mulheres não pode realizar as mesmas tarefas que os homens. É uma maneira de manter o folclore do estado apologizado e higienizado de casos desviantes da conduta que foi designada a mulher gaúcha.

A trajetória do estudar Cabo Toco, perpassa assim, diversos modos e conceitos à maneira do aprender, conforme aquilo que se pretende considerar legítimo para a vida. Pode-se aprender Cabo Toco pelos jornais, elaborando uma tipificação de Cabo Toco a partir de uma visão da velhice e do esquecimento, mas que baliza-se em relação ao prêmio da Vigília do Canto Gaúcho. Há aqueles que considerem as narrativas de jornais verídicas e há aqueles que se questionam e procuram informações para além do que está escrito. Pode-se aprender Cabo Toco na infância, através do medo que ela passa a representar pela referência a outras histórias do folclore, que se misturam seres e acontecimentos sobrenaturais. Na vida adulta o medo transforma-se em admiração ou apenas em respeito. Pode-se ainda, aprender Cabo Toco na escola e/ou no Museu Municipal de Cachoeira do Sul, por pequenas intervenções que personificam Olmira tanto por pessoas que a representam artisticamente, tanto pelos seus objetos e exposições. Todo este aprendizado só é possível pelo legado deixado por Cabo Toco ao seguir seus ideais, rompendo paradigmas, e lançando-se como protagonista de uma história, que apesar dos percalços, serve como exemplo de experiência.

Etnografar as narrativas de Dona Olmira, inspirou-me a pensar nas histórias de outras mulheres, diante da curiosidade e estranhamento à figura de algumas que surgiram ao longo da pesquisa: Anita Garibaldi e sua ousadia de contestar, pela reversão de um papel de submissão feminino, fugindo com Giuseppe Garibaldi e lutar ao seu lado na revolução Farroupilha; Joana Galvão, a heroína da batalha na

primeira tomada da Colônia do Sacramento em 1680; Chica Papagaia, a Maria Francisca Ferreira Duarte, amante de David Canabarro, que protagonizou o episódio de guerra da “Traição de Porongos”, recaindo em si a culpa pelo ataque ao acampamento farroupilha e morte de Canabarro; Frutuosa da Silva, neta de Chica da Silva, que ao lutar pela recuperação do patrimônio de seu avô, João Fernandes de Oliveira, teria auxiliado a escrever a biografia de sua avó; e ainda, Zeferina Dias, líder feminina do quilombo do Urubu, que com seu arco e flecha defendia seu território dos homens brancos na Bahia. São protagonistas citadas pela revista “Tempo 16” e ainda por Vilma Zanini, que merecem destaque juntamente a outras, que ilustram o cenário cachoeirense, no âmbito religioso como Santa Josefa, escrava que teria sido assassinada por seu dono, sendo jogada em uma panela de sabão, e no panorama escolar, como Cândida Fortes Brandão e Dinah Neri Pereira, que dão nome a instituições de ensino na cidade.

É necessário pensar numa produção de conhecimento exercida por estas mulheres, que como Cabo Toco, carregam agência pedagógica em suas experiências, interpretam a vida, ensinando e aprendendo cotidianamente. São pessoas que constroem e levam simbolismo da luta feminina por prestígio. Juntas, elaboram resistências e empoderamento. Conduzem consigo, não só a capacidade de contar narrativas, mas tornar-se parte dela, e mostrar a quem aprende a possibilidade de pertencimento.

Quase cem anos passaram-se desde que Cabo Toco partia junto as tropas da Brigada Militar para conquistar seu espaço, e mesmo atualmente com todas as conquistas femininas, ainda luta-se diariamente pelos mesmos ideias que Cabo Toco, como reconhecimento, respeito ao corpo da mulher, igualdade de gênero, etc. Cabo Toco foi uma heroína pequena por fora, mas gigante por dentro, como coloca um conhecido ditado popular. Era pequena de estatura, ganhando o apelido Toco, era gigante por dentro, desempenhando um papel social importantíssimo, não só para as narrativas comuns, que se produzem no estado do Rio Grande do Sul, mas pela capacidade que sua experiência de vida teve de ensinar as pessoas, formulando modos e de agir e pensar, tanto reforçando estruturas, como criando agências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História e Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, 2003.
- AUGÉ, M. **A guerra dos sonhos**. Oeiras, Celta: 1998
- AUGÉ, Marc. **Pour une anthropologie des mondes contemporains**. Paris: Flammarion, 1994
- BARTHES, R. **Mythologies**. Paris: Seuil, 1989.
- BENSA, A. Après Lévi-Strauss. **Pour une anthropologie à taille humaine**, Paris, Éditions Textuel, coll. « Conversations pour demain », 2010, 128 p.
- BLAY, E. A. 8 de Março: Conquistas e Controvérsias. **Estudos Feministas**. 601 2/2001
- BOAS, F. **Antropologia cultural**. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BOURDIEU, P. **Choses dites**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- _____. **La noblesse de l'état**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- _____. **O poder simbólico**. RJ/Lisboa: Bertrand Brasil/ DIFEL, 1997.
- BRANDÃO, C. R. **O que é o folclore**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos). 1984.
- BRUM, C. K. **Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: editora da UFSM, 2006.
- BRUM, C. k. "Vestida de prenda": sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. **Educação** Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 147-164, jan./abr. 2009.
- CALDEIRA, T. P. do R. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos** CEBRAP, n. 21, p. 133-157, jul. 1988.
- CAPRETINI, J. P. et al. Mitos/logos. _____. In: Enciclopédia Einaudi **Mythos/logos – Sagrado Profano**. Portugal: Imprensa nacional, Casa da Moeda, 1987.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, L. **Honra, dignidade e reciprocidade**. *Série Antropologia nº 344*. Brasília, UnB/Departamento de Antropologia, 2004.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 2000.
- CARVALHO, J. M. Nação imaginária: memória, mitos e heróis. In: NOVAES, A. (Org.). **A Crise do Estado Nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLIFFORD, J. "Introducción: verdades parciales" In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. **Retóricas de la antropología**. Madrid: Ediciones Júcar, 1998.

_____. "Sobre a autoridade etnográfica". In: GONÇALVES, J. R. S. (Org.). **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: NUNES, E. de O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

_____. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa** | Robert Darnton; tradução de Sonia Coutinho. 2a ed. - São Paulo :Paz e Terra, 2015.

DAS, V. "A antropologia del dolor". In: **Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas: Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar, 2008.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUTRA, C. P. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002**. 1 26f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar. (Versão condensada por Eva Gillies, traduzida por Eduardo Viveiros de Castro) 2005.

FACCIN, D. **Entre Passos e Vozes: Percepções de Espaços e Patrimônios no Sítio Ferroviário de Santa Maria, RS (1996-2013)**. (Dissertação de Mestrado) TEXTO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO – PPGCSOCIAIS – UFSM. 2015.

FAGUNDES, A. A. **"As santas prostitutas: Um estudo da devoção popular do RS"**. Martins Livres, Porto Alegre, 2003.

_____. **Cartilha de história do Rio Grande do Sul (uma nova visão) da formação da terra e do povo gaúcho**. Porto Alegre, Martins Livreiro. -Ed., 2. ed. 1994.

_____. **Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul** / Antonio Augusto Fagundes. Porto Alegre: Martins Livreiro, 7. ed. p. 7, 2000.

GEERTZ, C. "Religião como Sistema Cultural," em **Anthropological Approaches to the Study of Religion**, ed. M. Banton (Londres: Tavistock, 1966).

_____. "Do ponto de vista do nativo". In: **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **"Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita"** In **Obras e Vidas, o Antropólogo Como Autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HARTMAN, L. **Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento – tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Florianópolis, 2004.

_____. Comunidade narrativa de fronteira: a dinâmica da oralidade entre contadores e ouvintes na região pampeana. **Sociedade e Cultura**, 2008.

_____. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre - UFRGS, v. 11, n. 24, p. 125-153, 2005.

HARTOG, F.; REVEL, J. **Les usages politiques du passé**. Paris : Editons de l'EHESS, 2001.

HIRATA, H. Division sexuelle du travail et du temps au Japon. In: HIRATA, H.; SENOTIER, D. (Dir.) **Femmes et partage du travail**. Paris: Syros, 2004

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1984.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.** Porto Alegre, v. 18, n. 37, jan./jun. 2012.

_____. « "Pare, olhe, escute!" – um prefácio », **Ponto Urbe** [Online], 3 | 2008.

_____. "Territoriality and tenure: the appropriation of space in hunting and gathering societies". En: **The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations**, pp. 130-164. Iowa City: University of Iowa Press. 1987.

_____. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London, Routledge. 2000.

JOSSO, M-C. As histórias de vida abrem novas potencialidades às pessoas. Entrevista com Marie-Christine Josso. **Aprender**, v. 2, 2004.

_____. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez. 2004.

KOFES, S. "Entre nós mulheres: Elas as patroas e ela as empregadas". In: ARANTES, A. (et al.) **Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no Brasil**. São Paulo: Ed Unicamp, 1994.

LANGDON, E. Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, ano 5, n. 12, p. 13-36, 1997.

LAVE, J. Aprendizagem como/na Prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

_____. Teaching, as learning in practice *in Mind, culture and activity*, v. 3, n. 3, p. 149-164, 1996.

LAYTANO, D. de. **Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchos**. Caxias do Sul, EDUCS; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia Lourenço de Brindes, Martins Livreiro Editor, 1984.

LEACH, E. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1995.

LESSA, L. C. B. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: 1985.

LEVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos in **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996.

_____. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Mitológicas 1: O cru e o cozido**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify: 1978.

_____. Os limites do conceito de estrutura em etnologia. In: BASTIDE, R. (Org.) **Usos e sentidos do termo “estrutura”: nas Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Herder, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

LÖFGREN, O. The nationalization of culture *in Ethnologia Europea*. Journal of European Ethnology. v. 14, n. 7, 1989.

LOPES, D. S. Goethe e os usos da história: o passado e o presente em Viagem à Itália. In: **Etnográfica**. v. 9, p. 2, 2005.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 436 p. (Pensadores(os); v. 43) 1988.

MARCUS, G. E. **Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography**. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, California, v. 24, 1995.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. in: Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. SP, Cosac Naif, 2003.

_____. **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. Traduzido por Luiz João Gaio e Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspetiva, 2009.

NETO, G. H. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo**. (Dissertação de Mestrado) TEXTO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO – PPGCSOCIAIS – UFSM. 2009.

NUNES, Zeno e Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins livreiro, 1993.

OLIVEN, R. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1990.

ORTIZ, R. **Cultura Popular: Românticos e Folcloristas**. Editora Olho d'água, 1996.

ORTNER, S. B. 1979. Está a mulher para o homem, assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M.; LAMPHERE, L. **A Mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. [*Women, Culture and Society*, Stanford, Stanford University Press, 1974.].

_____. **Narrativity in culture, history, and lives**. Ann Harbor: University of Michigan, 1990.

_____. “Uma atualização da teoria da prática”. In: GROSSI, M.; ECKERT, C.; FRY, P. (Org.) **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra /ABA, 2007.

_____. **Anthropology and Social Theory: Culture, Power, and the Acting Subject**. Durham, NC: Duke University Press. 2006.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

PEREZ GOMEZ, A. O pensamento prático do professor - a formação do profissional como profissional reflexivos. In NOVÓIA, A. **Os professores e a sua formação**, Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PEREZ GOMEZ, A. I. Introdução: a escola como cruzamento de culturas in **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

PINEAU, G. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

PIRES, F. F. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, v. 50, p. 225-270, 2007.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro 01. 2. n. 1, 1989.

RABELO, M. C. M. Aprender a ver no candomblé. **Horiz. antropol.** [online]. v. 21, n. 44, 2015.

RENAN, E. **Qu'est-ce qu'une nation?** Paris, 1887.

RICOEUR, P. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2004.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

RIVIÉRE, C. **Os Ritos Profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROBIN, R. **La mémoire saturée**. Paris: Stock, 2003.

ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. - Porto Alegre: Marcavívisual, 2013.

ROCKWELL, E. **La experiencia etnográfica: historia y cultura en los procesos educativos**. Buenos Aires: Paidós. 2011.

ROSA, R. R. G. da. O “Feminino” Xamânico: uma breve comparação entre os Inuit e os Kaingang. In: **Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ROSALDO, R. **Cultura y verdad. La reconstrucción del análisis social**. Quito: ediciones Abya-Yala, 2012.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOUSA, C. P. de. Percursos de formação nas memórias de docente universitários: análise comparada. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 75-104, jan./jun. 2005.

SOUZA, C. P. et al. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**, Revista Brasileira de Educação, n. 2, p. 61-76, maio/ago. 1996.

SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.) **Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2006.

TILLY, L. A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**, v. 3, 1994

TODOROV, T. **Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX**. São Paulo: ARX: 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “Dossiê Clastres: O Medo Dos Outros”. **Revista de Antropologia**, 2011.

_____. “Dossiê Clastres: O Medo Dos Outros”. **Revista de Antropologia**, 2011.

WAGNER, R. **The Invention of Culture**. Chicago, University of Chicago Press. 1981.

WILLFORD, A.; TAGLIACOZZO, E. **Clio/anthropos: exploring the boundaries between history and anthropology**. Stanford: Stanford University Press, 2009.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil Meridional. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS**. Editora UFSM. Santa Maria: 2006.